

Aline Alvim Lopes de Almeida

**AS CONTRIBUIÇÕES DE KORCZAK PARA A INFÂNCIA, EDUCAÇÃO E
DIREITOS DA CRIANÇA**

Florianópolis

Novembro, 2018

Aline Alvim Lopes de Almeida

**AS CONTRIBUIÇÕES DE JANUSZ KORCZAK PARA A INFÂNCIA, EDUCAÇÃO E
DIREITOS DA CRIANÇA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em
Pedagogia do Centro de Ciências da Educação da
Universidade Federal de Santa Catarina como
requisito para a obtenção do Título de Licenciado
em Pedagogia

Orientador(a): Profa. Dra. Monica Fantin

Coorientador: Prof. Me. José Douglas Alves dos
Santos

Florianópolis

Novembro, 2018

Aline Alvim Lopes de Almeida

AS CONTRIBUIÇÕES DE JANUSZ KORCZAK PARA A INFÂNCIA, EDUCAÇÃO E DIREITOS DA CRIANÇA

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia e aprovado em sua forma final pelo Curso.

Florianópolis, 20 de novembro de 2018.

Prof.^a. Dra. Patrícia Laura Torriglia
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Monica Fantin
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Me. José Douglas Alves dos Santos
Coorientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dra. Roselete Fagundes de Aviz
Membro titular
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Leopoldo Nogueira e Silva
Membro titular
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Ma. Juliana Costa Muller
Membro suplente
Universidade Federal de Santa Catarina

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Alvim Lopes de Almeida, Aline
As Contribuições de Janusz Korczak para a Infância,
Educação e os Direitos da Criança / Aline Alvim Lopes de
Almeida ; orientador, Monica Fantin, coorientador, José
Douglas Alves dos Santos, 2018.
114 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências
da Educação, Graduação em Pedagogia, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Pedagogia. 2. Biografia Janusz Korczak. 3.
Contribuições de Korczak para a Infância. 4. Contribuições de
Korczak para a Educação. 5. Contribuições de Korczak para os
Diretos da Criança. I. Fantin, Monica. II. Alves dos
Santos, José Douglas. III. Universidade Federal de Santa
Catarina. Graduação em Pedagogia. IV. Título.

Dedico este trabalho a todas as pessoas que me acompanharam e me apoiaram durante minha trajetória no curso de Pedagogia, em especial a minha mãe, minha avó e minha irmã que são essenciais em minha vida. Dedico também à vidinha que está crescendo dentro de mim, que neste momento ainda é tão pequenina, mas já foi capaz de despertar em mim a minha melhor versão.

AGRADECIMENTOS

Minha trajetória no curso de Pedagogia foi marcada por momentos sublimes e de tribulações. Por vezes, achei que nunca chegaria neste momento que hoje me encontro. Mas cheguei... E com certeza uma pessoa muito diferente daquela do segundo semestre de 2014.

Uma pessoa melhor, resiliente, mais forte e cheia de histórias para contar. O caminho não foi fácil, mas a conquista foi enorme. E eu com toda certeza não poderia levar este reconhecimento sozinha, afinal, embora as lutas fizessem parte do meu percurso, ao meu lado lutaram muitos guerreiros.

Agradeço primeiramente a Deus, sem a sua infinita misericórdia, amor e cuidado pela minha vida, eu não teria aqui chegando.

A minha mãe, Mirian Alvim Fernandes, que sempre acreditou em mim e em todos os momentos, ainda que muito longe de mim, se fez presente com seu apoio e amor incondicional. A minha avó querida, Maria da Glória Alvim Fernandes, que sempre sonhou os mais belos sonhos para sua neta e hoje pode vê-la alcançar, com muita alegria, mais um deles. Amo vocês infinitamente.

Ao meu namorado e pai do meu bebê, Diego Pimentel, por todo seu apoio que, nos momentos em que me encontrei aflita e em uma maré de problemas, ele me ajudou a vislumbrar a solução. Gratidão, meu amor.

A minha orientadora Monica Fantin e coorientador José Douglas Alves dos Santos, vocês iluminaram um caminho que antes para mim estava nebuloso. Vocês acalmaram a minha alma em momentos de grande aflição em que eu achei que não iria conseguir. Vocês acreditaram em mim e me deram todas as ferramentas possíveis para que eu pudesse construir este trabalho e vencer esta última etapa do curso de Pedagogia. Muito obrigada!

A todos os meus professores que durante essas nove fases contribuíram com toda sorte de conhecimentos para enriquecer a minha formação. Se hoje eu posso dizer que sou uma pedagoga, eu devo isso a vocês, meus mestres. Eu cresci muito nestes últimos quatro anos e meio, e no meio desta “construção” que sou hoje, existe um pedacinho de cada um de vocês.

A todos que, impossível citar todos os nomes, de alguma forma estiveram presentes neste momento me apoiando ou sendo simplesmente aquele ombro para que eu pudesse chorar, um grande muito obrigada do fundo do meu coração.

Que sejamos todos ricamente abençoados por Deus!

*Eu hoje vi Janusz Korczak
Com suas criancinhas no último trem,
As crianças todas estavam bem vestidas
Como num passeio, num dia de festa.*

*Cabeça descoberta, o olhar sem medo,
À frente da multidão, Korczak caminhou.
Segurando-o pelo bolso, uma criancinha crescida,
E duas pequeninas, ele nos braços carregou.*

*Alguém, com papel na mão dele se aproximou,
Muito nervoso, algo explicava e berrava: –
“O senhor pode voltar... aqui tem o bilhete de clemência.”
Mas Korczak, mudo, somente a cabeça movia.*

*As crianças caminhavam em direção aos vagões
Como num passeio, no dia de Lag-Baomer.
E o baixinho – com orgulho em seu olhar
Hoje, se sentiu um verdadeiro guarda.*

*Ouvem vocês? Oh! Vizinhos do muro do gueto?
Vocês, que observam nossa morte, pelas grades?
Janusz Korczak morreu! para nós também,
Teremos nossa Vesterplate...
(Wladislav Shenguel, poeta polonês)*

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta como objeto de estudo a análise de obras de e sobre Janusz Korczak, precursor dos direitos das crianças, com o intuito de averiguar as contribuições deste autor para pensar a infância, a criança e a educação. A pesquisa inicialmente explora os aspectos biográficos do autor bem como o contexto histórico que ele está inserido, visto a relevância deste para compreender a trajetória de Korczak. Em seguida, são analisadas obras do autor que descrevem a criança e a infância. Neste ponto, entendemos que a criança é um sujeito em formação, porém completo, que merece respeito, liberdade de expressão e amor. Analisamos, ainda, as concepções de educação segundo Korczak, aplicadas majoritariamente no “Lar das Crianças”, orfanato que ele fundou e dirigiu. Nesta instituição, Korczak criou “técnicas” pedagógicas que possibilitaram a autogestão do Lar pelas próprias crianças. Há, também, a consideração de que Korczak enquanto precursor dos direitos da criança inspirou a elaboração da *Declaração Universal dos Direitos das Crianças*, de 1959, compreendidas sua trajetória de vida e obras. Seu pensamento educacional também inspira outros educadores, como Célestin Freinet, educador francês que apresenta em sua Pedagogia aproximações com as concepções educacionais de Korczak. Conclui-se que conhecer as obras e o pensamento pedagógico de Korczak contribui para a formação de professores bem como para a prática docente.

Palavras-chave: Infância 1. Criança 2. Educação 3. Direitos 4. Respeito 5.

ABSTRACT

This Final Paper presents as a study object the analysis of titles of and about Janusz Korczak, precursor of children's rights, in order to investigate the contributions of this author to think about childhood, children and education. The research initially explores the biographical aspects of the author as well as the historical context that he is inserted, considering the relevance of this one to understand the trajectory of Korczak. Then, the author's titles that describe children and childhood are analyzed. At this point, we understand that the child is a subject in formation, but complete, that deserves respect, freedom of expression and love. We also analyze the conceptions of education according to Korczak, applied mainly at the "Home of Children", orphanage that he founded and directed. Korczak created pedagogical "techniques" that enabled self-management of the Home by the children themselves. There is also the consideration that Korczak as a forerunner of the child's right has inspired the elaboration of the Universal Declaration of Children's Right, from 1959, including his titles and life trajectory. His educational thinking also inspires other educators, such as Célestin Freinet, a French educator who presents in his Pedagogy approaches to Korczak's educational conceptions. It is concluded that knowing the titles and pedagogical thinking of Korczak contributes to the formation of teachers as well as to the teaching practice.

Keywords: Childhood 1. Child 2. Education 3. Rights 4. Respect 5.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	18
Figura 2	24
Figura 3	28
Figura 4	39
Figura 5	40
Figura 6	41
Figura 7	42
Figura 8	42
Figura 9	60
Figura 10	60
Figura 11	61
Figura 12	65
Figura 13	66
Figura 14	67
Figura 15	72

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	JANUSZ KORCZAK: Biografia e Contexto Histórico	17
1.1	A BIOGRAFIA DE JANUSZ KORCZAK.....	17
1.1.1	Infância e adolescência.....	17
1.1.2	O jovem Korczak: de Henryk Godzmit a Janusz Korczak	20
1.1.3	De médico a educador: entre hospitais, guerras e o orfanato	21
1.1.4	O mártir vítima do nazismo	25
1.2	CONTEXTO HISTÓRICO	29
2	A VISÃO DA CRIANÇA EM KORCZAK.....	43
2.1	<i>COMO AMAR UMA CRIANÇA</i> : UM TRATADO QUE RECONHECE O DIREITO DA CRIANÇA AO AMOR, RESPEITO E COMPREENSÃO.....	43
2.2	<i>QUANDO EU VOLTAR A SER CRIANÇA</i> : COLOCAR-SE NO LUGAR DA CRIANÇA PARA COMPREENDER SEUS SENTIMENTOS E GARANTIR SEU DIREITO AO RESPEITO, COMPREENSÃO E AMOR	50
3	A EDUCAÇÃO EM KORCZAK.....	62
3.1	OS DISPOSITIVOS PEDAGÓGICOS NO “LAR DAS CRIANÇAS”	68
3.1.1	O Quadro.....	68
3.1.2	A Caixa de Cartas.....	69
3.1.3	A Vitrine dos Objetos Achados.....	70
3.1.4	A Vassoura-Escova.....	71
3.1.5	O Comitê da Tutela	72
3.1.6	As Reuniões-Debate.....	73
3.1.7	O Jornal.....	74
3.1.8	O Tribunal de Arbitragem	74
3.1.9	O Parlamento.....	81

3.1.10	A autogestão: marca integrante de seu ideal pedagógico	81
--------	--	----

4	CONTRIBUIÇÕES DE KORCZAK PARA A INFÂNCIA E PARA A EDUCAÇÃO.....	83
---	---	----

4.1	CONTRIBUIÇÕES DE KORCZAK PARA ELABORAÇÃO DA DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DAS CRIANÇAS DE 1959.....	83
-----	---	----

4.1.1	O direito da criança ao respeito e o direito de ser amada	88
-------	---	----

4.1.2	O direito da criança à educação.....	91
-------	--------------------------------------	----

4.1.3	O direito de brincar.....	92
-------	---------------------------	----

4.2	POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES ENTRE ALGUMAS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS DE KORCZAK E A PEDAGOGIA FREINET	93
-----	--	----

	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
--	---------------------------	----

	REFERÊNCIAS	105
--	-------------------	-----

	ANEXOS	109
--	--------------	-----

INTRODUÇÃO

A monografia apresentada tem sua história iniciada na 4ª fase de Pedagogia, quando cursava o NADE “Infância, Educação, Escola e Direitos da Criança”, ministrado pela professora Jucirema Quinteiro, no primeiro semestre de 2016. A premissa deste Núcleo de Aprofundamento de Estudos é a de pensarmos a infância, a educação e a escola na perspectiva dos direitos da criança, atualmente registrados nos marcos legais, mas que ainda carecem de garantias quanto sua efetivação prática. Desta forma foi possível ampliar a leitura e aprofundar a formação dos (as) estudantes do Curso de Pedagogia no campo da Educação e Infância, particularmente, na perspectiva da criança como sujeito de direitos.

No decorrer deste NADE, estudamos diversos textos que abordavam o tema, e embora conste na ementa de algumas disciplinas do curso o estudo sobre os direitos da criança, em nossa turma esta temática só foi aprofundada na 4ª fase.

. O primeiro texto estudado foi “*A Convenção Internacional Sobre os Direitos das Crianças: Debates e Tensões*”, de Fúlvia Rosemberg e Carmem Lúcia Sussel Mariano, e a partir dele foi possível vislumbrar as lutas e os entraves para reconhecer à criança o estatuto de sujeito e a dignidade de pessoa. Os marcos que fundam esse reconhecimento são a *Declaração Universal dos Direitos da Criança* promulgada pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 1959, e a publicação do livro de Philippe Ariès (1961), *L'enfant et la vie familiale sous l'ancien regime* (ROSEMBERG; MARIANO, 2010).

Na continuidade da proposta, a professora também convidou três doutorandas cujos trabalhos abordavam questões acerca das crianças como sujeitos de direitos para falar sobre suas pesquisas, suas trajetórias e experiências. Antes da vinda da primeira convidada, Gisele Gonçalves, a professora já nos aproximou de sua dissertação de mestrado, “*A Criança Como Sujeito de Direitos: Um Panorama da Produção Acadêmica Brasileira (1987-2013)*”, sugerindo a leitura de alguns capítulos. Foi na aula em que discutíamos este texto que ouvi e li pela primeira vez o nome de Janusz Korczak (1878 -1942):

Neste contexto, vale a pena destacar outra iniciativa precursora na luta pelos direitos das crianças, a de Janusz Korczak (1878-1942), que considerava a infância como os “longos e importantes anos na vida de um homem” (KORCZAK, 1984, p. 45). Sob uma conjuntura profundamente adversa, Korczak (1981) ousou afirmar que a criança tem o direito de ser o que ela é e que o seu indiscutível e primeiro direito é aquele que permite que expresse suas ideias livremente (GONÇALVES, 2015, p.29).

Desde então senti não apenas curiosidade, mas também a necessidade de estudar sobre este autor que tanto tem a contribuir com as questões da educação, partindo da compreensão da infância, do que é ser criança e da constituição desta como um sujeito de direitos.

A partir desta constatação, fui conversar com a professora Jucirema acerca do meu interesse por Janusz Korczak e ela gentilmente e muito solícita me emprestou algumas obras do e sobre o autor, sugerindo-me, ainda, que assistisse ao filme “*As 200 crianças do doutor Korczak*”, que retrata seus últimos dias de vida junto às crianças em seu orfanato antes de ser mandado para o campo de concentração em Treblinka, onde morreu como um mártir com suas crianças a quem prometeu jamais abandonar, e assim o fez, até a hora da morte.

Janusz Korczak (pseudônimo de Henryk Goldsmit) dedicou sua vida à luta em favor das crianças, em defesa dos seus direitos humanos, de uma vida com dignidade, do respeito que lhe é devido, em todo e qualquer espaço – em casa, na escola, na rua, no orfanato. Batalhou pela causa que escolheu, exigindo dele estudos, pesquisas, criatividade, combatividade e coragem. Mas, acima de tudo, o que movia o autor nesta causa justa e nobre era seu amor por todas as crianças, mas em especial por aquelas desamparadas. O educador vivenciou este amor até as últimas consequências ao lado de suas crianças que naquele momento só tinham uns aos outros. De acordo com Wassertzug (1983, p. 19), “o seu ideal era a criança – aquele frágil e delicado ser, que sofre sempre com a eterna ditadura dos adultos. (...) Assim como um fiel pastor, ele não abandonou o seu rebanho de ovelhas, nas horas mais difíceis”.

Após diversas leituras, incluindo sua biografia e outros títulos por ele escritos, decidi me debruçar nesta temática, compreender a fundo suas ideias e escrever sobre esta importante figura no campo da Educação, infelizmente ainda desconhecida por muitos (as) pedagogos (as), por meio do meu trabalho de conclusão de curso.

Sendo assim, o objetivo principal deste trabalho foi o de analisar alguns aspectos do pensamento de Janusz Korczak sobre a criança e educação. Os objetivos específicos incluem: 1. Analisar o contexto histórico e suas relações com a vida e obra de Korczak; 2. Identificar a concepção de criança presente nas obras *Como Amar uma Criança* e *Quando Eu Voltar a Ser Criança*, ambas de Korczak; 3. Identificar a concepção de educação em Korczak; 4. Refletir sobre possíveis contribuições de Korczak para os direitos da criança e para a educação e ainda analisar possíveis relações e desdobramentos dos princípios educativos de Korczak e outros educadores do século XX.

Para atingir tais objetivos, a metodologia desta pesquisa envolveu estudos teóricos e documentais selecionados a partir de referências disponíveis em língua portuguesa e de

filmes/documentários a respeito do tema. Após os estudos e as discussões realizadas, entre tantas inspirações que encontramos em Korczak, nos impressiona encontrar nele a capacidade, o compromisso e a competência que, acima de qualquer categoria, definem um educador. Mais do que um médico e educador, Korczak foi como um “pai” das crianças, zelando pelos seus cuidados, educação e garantia ao respeito e dignidade. A trajetória de Janusz Korczak ajuda-nos a refletir acerca da nossa prática como educadores (as), e a nos perguntar como através dela os direitos das crianças, bem como a sua dignidade e o respeito a ser quem ela é, têm sido garantidos.

Além desta introdução, este trabalho foi dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “Janusz Korczak: Biografia e Contexto Histórico”, destacam-se os aspectos biográficos de Korczak e o contexto histórico da época em que estava inserido, em dois tópicos: A Biografia de Janusz Korczak e Contexto Histórico. Neste capítulo, fez-se necessário analisar o contexto histórico da época, para que fosse possível observar e compreender as atitudes tomadas e defendidas por Korczak, tanto no que concerne a sua concepção de criança e ao respeito a ela delegado, bem como a sua concepção de educação.

No segundo capítulo, intitulado “A Visão de Criança em Korczak”, dividido em dois tópicos: *Como amar uma criança*: um tratado que reconhece o direito da criança ao amor, respeito e compreensão e *Quando eu voltar a ser criança*: colocar-se no lugar da criança para compreender seus sentimentos e garantir seu direito ao respeito, compreensão e amor, pretendeu-se apresentar a concepção de criança segundo o autor a partir de suas obras *Como Amar uma Criança* (1997) e *Quando eu Voltar a ser Criança* (1981). Korczak compreendia a criança como uma pessoa em formação e que deveria ser respeitada enquanto tal.

“A Educação em Korczak” é o título do terceiro capítulo, que buscou analisar as concepções pedagógicas do autor que foram majoritariamente aplicadas no orfanato dirigido por ele e Stefa Wilczynska, o “Lar das Crianças”. A instituição abrigou cerca de cento e cinquenta crianças entre sete e catorze anos de idade, instituindo seu postulado de que as próprias crianças dirigissem o orfanato em seu cotidiano educativo: uma autogestão. Nela, havia uma constituição própria, um parlamento, um tribunal, juízes e um jornal interno.

O quarto e último capítulo, “Contribuições de Korczak para a Infância e para a Educação”, está dividido em dois tópicos: Contribuições de Korczak para elaboração da Declaração Universal dos Direitos das Crianças de 1959 e Possíveis aproximações entre algumas concepções pedagógicas de Korczak e a Pedagogia Freinet. Neste capítulo são apresentadas as contribuições de Korczak para pensar a infância na perspectiva dos direitos da criança, e situamos algumas aproximações dos princípios pedagógicos de Korczak e Freinet,

sobretudo a relação entre tribunal e assembleia, carta, jornal escolar e texto livre. Além do fato de ambos os autores pautarem sua prática no profundo respeito à criança, às novas descobertas do mundo infantil e ao trabalho colaborativo.

Por fim, nas considerações finais destacam-se alguns aspectos acerca do que foi analisado em cada capítulo, evidenciando as contribuições que sua vida e obra inspiram, no sentido de salientar um novo olhar sobre a criança e à educação à luz da contribuição que este pode trazer para o campo educacional.

1. JANUSZ KORCZAK: Biografia e Contexto Histórico

Neste capítulo serão abordados aspectos referentes à vida de Janusz Korczak, desde a sua infância até sua morte em 1942. Para melhor compreender a trajetória do autor, faz-se necessário situar o leitor acerca do contexto histórico em que Korczak estava inserido. Para tanto, sua biografia está baseada em pesquisas de alguns estudiosos do autor, assim como o contexto histórico tem sua base em análises de autores que se propuseram a estudar a história daquele período na Polônia e arredores, bem como outros que também se dedicaram às pesquisas sobre Korczak.

1.1. A BIOGRAFIA DE JANUSZ KORCZAK

Janusz Korczak, pseudônimo literário para Henryk Goldszmit, nasceu em Varsóvia, Polônia, em 22 de julho de 1878. Considerado um dos mais importantes educadores judeus do século XX e pioneiro nos estudos acerca dos direitos da criança, formou-se médico pediatra e posteriormente pedagogo. É também reconhecido pela sua vasta produção literária e prática pedagógica que ainda hoje tem muito a contribuir com a compreensão do conceito de infância e com os estudos acerca da educação e práticas pedagógicas.

Korczak escreveu diversos trabalhos, entre eles artigos, peças teatrais, livros sobre a infância e educação, além de contos e histórias juvenis (SARUE, 2011). Devido ao seu trabalho, que buscava respeitar as crianças e garantir a elas seus direitos, tornou-se um célebre defensor desses sujeitos, dedicando grande parte da sua vida aos cuidados das crianças judias pobres e abandonadas que segundo Wassertzug (1983), tornaram-se seus “filhos”, uma vez que optou por não constituir uma família e não teve herdeiros.

Sua formação em medicina possibilitou ter uma outra perspectiva a respeito do cuidado com o corpo, por considerar difícil a separação entre educador da alma e do corpo, vigente em época. Para ele, os papéis de médico e pedagogo eram indissociáveis (WASSERTZUG, 1983) e, por isso, suas ideias centravam-se na formação de um sujeito integral, com direito a uma vida digna e plena.

1.1.1 Infância e adolescência

Oriundo de uma família abastada, judeus assimilados à cultura polonesa, morava em um bairro não judeu em Varsóvia, Nowy-Shwiat, em um apartamento grande localizado em

uma das ruas mais nobres da cidade. Em seu lar viviam sua mãe, Cecylia, seu pai, Joseph, sua irmã mais nova, Anna, a avó materna, a cozinheira, a arrumadeira e a babá (PERLIS, 1986 apud SARUE, 2011).

Quando pequeno, sua mãe não o deixava brincar fora de casa com as outras crianças, que segundo ela, eram sujas, pobres, tinham piolhos, eram briguentas e falavam palavras vulgares inadequadas para uma criança com seu perfil. Mas para ele: “eram crianças que corriam o dia todo, bebiam água de nascentes e compravam balas deliciosas de vendedores de quem ele não podia se aproximar. Até mesmo o vocabulário parecia-lhe engraçado” (MARANGON, 2007, p. 49). Provavelmente, a vida dessas crianças lhe parecia mais interessante, correndo e brincando livremente todos os dias, se comparada a dele dentro daquele apartamento.

Imagem 01: A criança Henryk Goldszmit com aproximadamente 10 anos.



Fonte: SARUE, 2011, p.25.

A recusa materna tinha mais um motivo – a descendência judia do filho. Este fato levava os pais das demais crianças impedi-las de se aproximarem dele. Korczak relata em seu diário que aos cinco anos de idade seu canário morreu e ele quis enterrá-lo colocando uma cruz em seu túmulo, no entanto, foi impedido pela empregada que alegou ser pecado chorar por um animal pois é um ser inferior ao homem. Mas o que o deixou perplexo foi o comentário do filho do zelador do edifício onde morava: o canário era judeu. Em seu diário Korczak reflete acerca desta situação:

O canário era judeu.

E eu também.

Eu era judeu e ele polonês católico. Ele estará um dia no paraíso; quanto a mim, com a condição de nunca pronunciar palavras feias e levar-lhe [ao filho do zelador] docilmente açúcar furtado em casa, poderei entrar após minha morte em alguma coisa que não é propriamente o inferno, mas onde, de toda forma é muito escuro. E eu tive medo do escuro. A morte – judeu – o inferno. O escuro paraíso judeu. Dava o que pensar (KORCZAK, 1986, p. 12-3).

Até os sete anos, Henryk foi educado em casa por tutores como era de costume em alguns círculos restritos. Após este período foi estudar em uma escola russa onde, de acordo com Sarue (2011, p. 25), “era proibido estudar a história e a língua polonesa. O sistema de educação nas escolas era autoritário e punitivo e permitia que os alunos sofressem periodicamente agressões físicas, como puxões de orelha ou espancamentos com a régua pelo professor”. O jovem Korczak, ainda na época conhecido por Henryk, não se adaptava ao regime de disciplina e a exigência de seus professores, e assim passou a detestá-los, tornando-se para ele pessoas estranhas. Porém, gostava muito de ler e passava boa parte do tempo exercitando a leitura. Os clássicos da literatura polonesa tinham um espaço especial em seus momentos de leitura. Passava horas a fio trancado em seu quarto, lendo, sem tomar conhecimento do que ocorria em seu lar (WASSETZUG, 1983).

Em sua adolescência sonhava em ser advogado e defender pessoas inocentes. Interessou-se também por Antropologia, Ciência, História e, às escondidas, escrevia poesias. Já muito jovem amava as crianças, deixando registrado em seu diário o quanto gostava e as admirava.

A dor da perda foi sentida pela primeira vez aos catorze anos quando sua avó materna, com quem dividia seus sonhos e revelava seus pensamentos e de quem recebia carinho e suporte de tudo quanto precisava, veio a falecer. Aconteceu em um momento crítico para a família Goldszmit, pois o pai precisou ser internado diversas vezes em um sanatório devido a sua instabilidade emocional, o que resultou em grandes custos financeiros para a família, além do sofrimento pela sua ausência. Neste período Henryk vivia imerso no mundo da sua imaginação e ocasionalmente buscava consolo no túmulo de sua avó no cemitério judaico (SARUE, 2011).

Conforme Sarue (2011), Henryk foi então transferido para o “ginásio” russo/ escola russa, localizado em um subúrbio de Varsóvia. Esta não era mais uma instituição educacional de elite já que os recursos financeiros da família haviam sido utilizados no tratamento psiquiátrico de Jozef Goldszmit. Em sua obra *Diário do Gueto* (1986), Korczak, que foi um grande leitor e apreciador da literatura clássica polonesa e universal, escreveu que a leitura

para ele foi um alento nesta difícil fase da vida, refugiando-se nela e em composições literárias.

1.1.2 O jovem Korczak: de Henryk Godzmit a Janusz Korczak

Aos dezoito anos, em 1896, seu pai morre aos 52 anos por suspeita de suicídio. Korczak descreve em uma passagem do livro *Diário do Gueto* (1986) aspectos do trauma da perda lenta e trágica de seu pai:

A minha vida foi difícil mas interessante. É o tipo do vida que eu pedi a Deus na minha mocidade: “Meu Deus, conceda-me uma vida dura, mas bela, rica e elevada”. Quando soube que Slowack já era um autor da mesma oração, sofri; assim a ideia não era minha, um tinha predecessor. Na idade de dezessete anos comecei a odiar a vida por medo de enlouquecer. Tive medo que parecia pânico do hospital psiquiátrico onde meu pai foi várias vezes internado. Filho de um alienado, era eu, pois, portador de uma tarefa hereditária. Durante dezenas de anos esta ideia voltou a me atormentar periodicamente e me atormenta até hoje. Mas eu gosto demais da minha loucura para não ficar apavorado ante a ideia de que alguém queira curar-me contra a minha vontade (1986, p. 103).

Dadas as lamentáveis circunstâncias, Henryk precisou ajudar financeiramente no sustento da casa, passando a dar aulas particulares (SZPICKOWSKI, 2008). A partir desta experiência sente o quanto gosta de ensinar as crianças e percebe que possui facilidade para isso. Ele começa a trabalhar dando aulas na casa de uma família muito rica¹.

[...] presenciando o clima de revolução e sofrimento da população nas ruas de Varsóvia, Henryk preocupava-se não só com os infantes pobres e órfãos que vagavam pela cidade sem proteção, alimentação e carinho. Tornavam-no apreensivo, também, aquelas crianças cujos pais pagavam para que recebessem educação e alimentação, mas que, no entanto, optavam pelo trabalho ou pelo próprio lazer em vez de acompanhar o crescimento de seus filhos (MARANGON, 2007, p. 55).

No entanto, neste período trabalhando como tutor, certa vez uma família pobre se queixou que não tinha possibilidades de dar ensino aos seus filhos, Korczak, ainda conhecido como Henryk, imediatamente, ofereceu-se para ensiná-los, e mudou-se para a casa da outra família. Essa família de nove pessoas morava no bairro da cidade-velha de Varsóvia, em uma única sala. Assim, o jovem Korczak pode ter contato com as camadas mais pobres da população de Varsóvia. Logo ficou conhecido como o amigo das crianças. Elas se aproximavam dele e ele lhe contava histórias. Os adultos também o procuravam para pedir um

¹ Na condição de viúva, sua mãe conseguiu uma licença do conselho de educação para que Henryk pudesse trabalhar como tutor de crianças em seus lares (SARUE, 2011)

conselho ou ajuda. Foi a convivência com essas pessoas que lhe deu subsídios para a produção da sua obra “*Criança de Rua*”, editado pela editora Jacob Mordkoviez, muito bem recebido pela crítica e pelos leitores (WASSETZUG, 1983).

Dois anos após o falecimento do pai, inscreveu-se na Universidade de Medicina de Varsóvia, “um privilégio conquistado por um círculo restrito de judeus devido às leis antisemitas” (SARUE, 2011, p. 28). É na Universidade que ele passa a ser conhecido como Janusz Korczak.

Goldzmit escolheu este pseudônimo aos vinte anos, quando se inscreveu num concurso literário com uma peça teatral intitulada: “*Que caminho?*”. De acordo com Lifon (2005, p. 31-32), a opção do nome, originalmente Janusz Korczak, não foi aleatória. Seu tio, Jakub Goldzmit, presenteou-o com o livro do famoso novelista polonês, Joseph Ignacy Kraszewski, nascido em 1812, seu amigo. No livro o personagem **Janasz Korczak** era um herói órfão, corajoso e de origem nobre. A escolha do pseudônimo pode ter acontecido por duas razões. A primeira para preservar o anonimato da família e possivelmente para mudar sua sorte, e a segunda para garantir um nome polonês. Num país em que se rejeitava a origem judaica dos cidadãos, o sobrenome Goldzmit era indiscutivelmente um nome judaico e discriminado. Com um nome gentio ele poderia se recriar como um cidadão comum ligado a um passado heroico como o de qualquer polonês (2011, p. 28. Grifo meu).

Korczak formou-se em medicina e continuou estudando e escrevendo artigos sobre a saúde da criança, formando-se pediatra. Seguiu escrevendo diversas obras tanto para o público infantil como para o adulto, algumas delas traduzidas para a língua portuguesa como: “*O Rei Mateusinho I*”, “*Quando eu voltar a ser criança*”, “*Como amar uma criança*”, “*A sós com Deus*” e “*Diário do Gueto*”, em que ele “apresentou suas ideias sobre os direitos da criança e da educação democrática, trazendo novas concepções para o desenvolvimento da capacidade de raciocínio e espírito crítico do aluno” (SARUE, 2011, p. 30).

1.1.3 De médico a educador: entre hospitais, guerras e o orfanato

Em 1904, quando completou sua graduação, iniciou residência no Hospital Público Judaico Infantil e no ano seguinte foi convocado pelo Exército Imperial Russo para servir na guerra russo-japonesa (1904-1905), em um trem-hospital na ferrovia Transiberiana. Mesmo durante a guerra, continuou a escrever sobre a criança e quando retornou a Varsóvia percebeu que seus artigos haviam gerado grande repercussão no público, consagrando-o como “Janusz Korczak, o novo escritor jovem da literatura de Varsóvia” (SARUE, 2011, p. 32).

Em 1906 retorna a suas atividades no Hospital Judaico Infantil, onde permaneceu por sete anos. Korczak atendia tanto as crianças provenientes de famílias abastadas de Varsóvia

como as de famílias carentes, cobrando pelas consultas destas um valor irrisório. No ano seguinte, guiado por seu sonho em ajudar as crianças pobres, fez viagens com as crianças judias e polonesas carentes custeadas por filantropos. Essas crianças eram, em sua maioria, advindas de lares com famílias desestruturadas e pais alcoólatras. Este foi um período que proporcionou a Korczak a oportunidade de integrar a criança judia e polonesa e conhecer o desenvolvimento da saúde infantil fora do hospital.

Em 1908, um colega de hospital, Dr. Izaak Eliasberg, contou-lhe a respeito da Sociedade Judaica de Ajuda aos Órgãos, o que despertou em Korczak um novo propósito para a vida: além de médico, queria ser também um educador. Ele ajudou na arrecadação de fundos para a manutenção de um abrigo para crianças órfãs e abandonadas, angariada pela Sociedade. Foi neste abrigo, conhecido como “Refúgio”, que conheceu a educadora Stefania Wilczinska que dirigia esta instituição. Filha de uma das famílias judias de linhagem aristocrata e sua fiel amiga que permaneceu ao seu lado até o fim de suas vidas nos campos de concentração em Treblinka.

Stefania, mais conhecida como Stefa, era formada em Ciências Naturais e interessava-se muito pela educação. Algum tempo depois em Varsóvia, trabalhou com Korczak no orfanato da Rua Krochmalna 92, quando obtiveram maior reconhecimento pelo seu trabalho. Korczak se interessou pelas atividades desenvolvidas no referido abrigo, e em suas horas vagas frequentava o local para conversar com Stefa e brincar com as crianças. Elas apreciavam muito a sua companhia divertindo-se com o médico que sempre tinha nos bolsos balas, apresentava truques de mágicas, inúmeras charadas e histórias de contos de fadas para contar. Este envolvimento com as crianças do abrigo e Stefa aumentava continuamente até o momento em que passava mais tempo neste local do que em outras atividades (MARANGON, 2007).

Ainda no ano de 1908, Korczak viajou para Berlim e Zurique para aprofundar seus estudos acerca do comportamento infantil e frequentar cursos de especialização na área pedagógica, mas acabou atrasando sua graduação em virtude da sua atividade extracurricular jornalística e das horas obrigatórias de treinamento militar.

No ano de 1909 a situação política da Polônia ficou crítica devido à volta da repressão czarista². A editora das revistas para a qual Korczak trabalhava foi fechada e ele foi enviado à prisão de Spokonja juntamente com outros escritores. Graças a uma família polonesa rica e influente, pais de um dos seus pacientes, ele foi libertado (SARUE, 2011).

² Neste período a Polônia buscava independência da dominação russa, e isso gerou grandes conflitos agravando a repressão do czar russo, pois sua intenção era dar continuidade na dominação da Polônia (MARANGON, 2007).

No ano de 1910, novamente seu amigo Izaak Eliasberg apresenta a Korczak um novo projeto: a construção de um orfanato modelo, pois o abrigo para crianças órfãs e abandonadas onde trabalhava começava a não suportar o número crescente de crianças, principalmente após a guerra russo-japonesa. Assim, Korczak e Stefa tiveram a oportunidade de realizar um sonho em comum – um ambiente educacional digno para as crianças. Este foi um divisor de águas na vida de Korczak, passando de médico em um hospital judaico infantil a diretor de um orfanato, o Don Sierot ou “Lar das Crianças” (SARUE, 2011). No entanto, embora fosse um sonho prestes a se realizar, Korczak se lamentava:

Abandonei o hospital pelo Orfanato. Guardo sentimento de culpa. Saí a primeira vez por imposição (a guerra). Uma segunda vez, por um ano (Berlim). Uma terceira vez, apenas por seis meses (Paris). Para as luzes, para o saber. E depois, no momento quando já sabia que não sabia nada e porque não sabia nada, quando, enfim, eu podia não causar mal ao doente, eis que largo para o desconhecido. O hospital me deu tanto e eu, ingrato, dei-lhe tão pouco. Que deserção vil! A vida me castigou por isso (KORCZAK, 1986, p. 71).

Ele mesmo fiscalizou a construção, colaborou com os arquitetos e estabeleceu os princípios da organização. O orfanato foi inaugurado em 1912, e Korczak oficialmente tornou-se seu diretor, médico e educador-chefe (WASSETZUG, 1983). O “Lar das Crianças” chegou a abrigar cento e cinquenta crianças entre sete e catorze anos de idade. A grande aspiração de Korczak era que o orfanato funcionasse como uma comunidade democrática onde os jovens organizassem seu parlamento, tribunal e jornal. Além disso, a partir de um processo de trabalho coletivo e colaborativo, as crianças poderiam conviver com o outro honesta e responsavelmente (SARUE, 2011). Estes e outros “princípios educacionais” adotados por Korczak em seu “Lar das Crianças” serão tratados ao longo deste trabalho.

Durante o ano de 1910, enquanto o orfanato ainda estava em construção, Korczak passou seis meses em Paris participando de cursos com especialistas em pediatria e conhecendo orfanatos e casas de detenção. No ano seguinte, viajou para Londres a fim de conhecer o orfanato localizado em Forest Hill (LIFTON, 2005 apud SARUE, 2011) onde aprendeu partes das estratégias pedagógicas que mais tarde aplicou no orfanato de Varsóvia.

Inaugurado em outubro de 1912, o orfanato foi considerado uma das primeiras instituições desse tipo a possuir “instalações modernas, com aquecimento central, dois grandes dormitórios para meninos e meninas, grandes janelas, sala de refeição, sala de estudo, área de lazer, banheiros com água quente e uma moderna e bem equipada cozinha” (SARUE, 2011, p. 36). O “Lar das Crianças” era uma república onde se instalou uma ordem em que as próprias crianças assumiam a direção desta casa. Korczak foi responsável por estabelecer

elementos que favoreciam a convivência democrática, como: o quadro de avisos, a caixa de cartas, a vitrina dos objetos achados, a divisão do trabalho, o comitê da tutela, as reuniões-debate, o jornal, o tribunal de arbitragem. O modelo de autogestão instituído ficou amplamente conhecido e por isso recebia com frequência muitos educadores de diversos países que vinham para conhecer pessoalmente este orfanato democrático e as principais figuras por trás dele: Korczak e Stefa (SARUE, 2011).

Imagem 02: Korczak ao centro, à esquerda Dr. Eliasberg e a direita Stefa Wilczynska no orfanato *Don Diderot*.



Fonte: SARUE, 2011, p. 34

No período entre 1914 e 1918, Korczak precisou deixar o orfanato para servir ao exército na Primeira Guerra Mundial, prestando serviços médicos às tropas russas. Anterior a sua convocação, ele apresentou-se para angariar dinheiro e mantimentos para Stefa e os órfãos, já que os rumores da guerra invadiam a cidade e Varsóvia já se encontrava em estado de caos. Quando retornou a Varsóvia em 1918, pouco antes do fim da guerra, os alemães ainda ocupavam a cidade. Nesses quatro anos de sua ausência, quem dirigiu o orfanato foi Stefa, que apesar das misérias e doenças³ enfrentadas continuava em perfeita ordem. As crianças estavam eufóricas com a sua chegada (MARANGON, 2007).

Logo após o fim da guerra e a Polônia livre⁴, Korczak começou a escrever uma coluna destinada às crianças em um jornal local sobre os acontecimentos recentes. Ele queria que as crianças soubessem o significado da independência, e para tanto explicava para as crianças, utilizando uma linguagem simples e pertinente ao cotidiano infantil, acerca do domínio

³ No ano de 1916 houve uma grande epidemia de tifo, que levou a morte de muitas pessoas, inclusive da garota Esterka, a quem Stefa e Korczak tinham como filha. Ela auxiliou Stefa durante os dois primeiros anos da guerra nos trabalhos do orfanato antes ser contaminada e morta pelo tifo (MARANGON, 2007).

⁴ Durante a Conferência de Versalhes, em 1919, os Aliados reuniram-se para traçar o novo mapa da Europa, então, com a assinatura do Tratado de Versalhes o território polonês foi diminuído, perde-se Pomerânia e Silésia, no entanto, a independência foi alcançada (MARANGON, 2007).

exercido pelos países vizinhos sobre o território polonês, sobre as decisões tomadas na Conferência de Paz de Paris, a maneira que se deu a eleição e a formação do parlamento nacional, entre outros assuntos (MARANGON, 2007). Desta forma Korczak explicava às crianças as invasões que o país sofreu, e também proferia palestras para crianças na rádio de Varsóvia. Milhões de crianças ouviam suas histórias contadas com muito humor. Estas tarefas e a sua crescente popularidade não foram um empecilho para cumprir suas obrigações no orfanato (WASSERTZUG, 1983).

Em 1919 teve início a Guerra polono-Soviética (1919-1921)⁵ e Korczak foi recrutado para servir como major no novo exército polonês no hospital de Lodz, aos 41 anos de idade. Durante essa guerra, contraiu tifo e foi para casa de sua mãe em Varsóvia para se recuperar. Ela acabou contraindo a doença e faleceu antes que o filho se recuperasse. Esta situação o levou a escrever sua obra *A sós com Deus*, em que ele conta sua tristeza pela falta que sentia da mãe. Os textos deste livro “provocam, sob os mais diferentes enfoques, a reflexão sobre as relações humanas com o divino” (SARUE, 2011, p. 43).

O nome de Janusz Korczak tornava-se cada vez mais conhecido em toda Polônia. Em diversos ambientes – círculos governamentais, universidades, teatros e cafés –, falava-se de seus métodos e como eram aplicados no orfanato da Rua Krochmalna 92. Já muito se falava também sobre este lugar, o que engrandecia ainda mais o nome de Korczak. Seu trabalho e idealismo eram muito admirados (WASSERTZUG, 1983).

1.1.4 O mártir vítima do nazismo

A situação dos judeus piorava na Polônia, crescia a pobreza e a miséria entre os judeus, pois esta já se encontrava sob influência da Alemanha de Hitler. Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, a situação na Polônia tornou-se crítica. A crescente penúria e o ódio frequente demonstrado aos judeus amarguraram muito a vida de Korczak. Eram anos de sofrimento; ele não sabia o que fazer nem consigo nem com suas crianças. Era impossível levar as crianças a um passeio fora da cidade, pois as crianças polonesas jogavam pedras nelas, e frequentemente muitos voltavam com a cabeça ensanguentada. (WASSERTZUG, 1983).

⁵O primeiro chefe de Estado Joseph Pilsudski convocou o recrutamento nacional para a criação de um exército forte em um país estreitado entre as forças russas e alemãs, aliando-se aos ucranianos e lituanos a fim de formar uma comunidade federativa polono-soviética e assim solidificar a posição da Polônia. Em abril, Pilsudski iniciou a guerra enviando suas tropas para recapturar a Lituânia, Minsk e outras cidades que se encontravam sob o domínio soviético (SARUE, 2011).

A ascensão do nazismo e a crescente onda de antissemitismo dificultaram o trabalho de Korczak. Ele, que um dia fora considerado um homem intelectual, ativo da elite cultural polonesa, respeitado e integrado na sociedade, foi forçadamente afastado da direção do orfanato polonês e do seu programa de rádio, já não podia mais publicar seus artigos nos jornais poloneses e foi retirado do seu cargo de conselheiro da Corte juvenil de Varsóvia (SARUE, 2011). Mas mesmo envolto nessa situação caótica de plena efervescência de ideias antissemitas, em 1937 Korczak recebeu o prêmio *Golden Laurel* da Academia Polonesa de Literatura em reconhecimento por suas obras, fato que o deixou muito feliz (LIFTON, 1997, apud MARANGON, 2007, p. 81).

O exército de Hitler invade a Polônia no dia 01 de setembro de 1939. Nos anos seguintes, a situação dos judeus se agrava ainda mais:

Em 21 de agosto, foi ordenada a retirada dos judeus das pequenas cidades e da zona rural polonesa. Três milhões e trezentos mil judeus poloneses foram submetidos ao controle alemão. Os judeus com idade superior a doze anos foram obrigados a usar a braçadeira branca ostentando a estrela de David azul. Eles foram rapidamente concentrados em guetos [...] (WIEVIORKA, 2010, p. 593 apud SARUE, 2011, p. 46).

Korczak juntamente com as crianças e os educadores do orfanato foi confinado no gueto de Varsóvia. Em 1939, ele recebeu uma ordem para que desocupassem a casa do orfanato da Rua Krochmalna no prazo de 24 horas. Todas as tentativas de acordo para que permanecessem lá foram vãs. Assim, as crianças tiveram que abandonar aquela casa grande e acolhedora, com suas salas confortáveis, dormitórios claros, salas de refeições, banheiros, e tantas outras comodidades. Mudaram-se para um local onde tiveram que se adaptar a quartos sujos, apertados e sem mobília, que mal abrigava o número crescente de órfãos (WASSERTZUG, 1983; SARUE, 2011).

Diversas vezes Korczak saiu às ruas em busca de suprimentos para suas crianças, não se cansou de pedir, exigir, bater em portas das instituições para adquirir o essencial para suas crianças. Mas diante da escassez, crescia o número de doentes no orfanato, e sem medicamentos e alimentos, as crianças desfaleciam. No porão da casa foi instalado um hospital improvisado para atender as crianças fracas e doentes. A miséria no gueto e no orfanato tornou-se insuportável e cada vez mais difícil (WASSERTZUG, 1983). Apesar das constantes penúrias dentro do gueto, a vida das crianças seguiu com os mesmos bons costumes e regras do orfanato:

As crianças ouviam as histórias de seus professores, brincavam com seus jogos habituais, e continuavam a reunir sua “corte” – tudo com seriedade e concentração apropriadas. Korczak estava ali ao lado delas, e as crianças sentiam sua presença sem que ele pesasse sobre elas, ou elas sobre ele. Ele cuidava para que as crianças ao menos continuassem a estudar leitura, escrita e aritmética, e até inventou um novo sistema de “cartões de estudo individual”. Ocasionalmente ele convidava conhecidos estudiosos judeus, que estavam agora confinados ao gueto, para lecionar matérias de natureza histórica, social ou literária (ARNON, 2005, p. 69 apud SARUE, 2011, p. 48).

Durante o período em que Korczak esteve no gueto ele costumava fazer anotações acerca de seus pensamentos, angústias, sensações e medos. Essas anotações foram escondidas nos escombros do gueto por seu amigo Igor Newerly que as desenterrou após o fim da Segunda Guerra Mundial. Posteriormente, essas anotações se transformaram em um livro cujo título traduzido para o português é *Diário do Gueto*. Esta obra transparece todo o amor que Korczak sentia pela humanidade (MARANGON, 2007).

Em 1942 os alemães implementaram os campos de extermínio, os campos de concentração destinados a eliminação dos judeus. Um movimento “subterrâneo”/ clandestino polonês apresentou a Korczak uma oportunidade para ele se salvar. Com papéis de ariano⁶, ele poderia se salvar do gueto de Varsóvia⁷. No entanto, Korczak não aceitou a proposta dizendo que só sairia do gueto se pudesse levar consigo as crianças, caso contrário, ele nem queria ouvir outra proposta (WASSETZUG, 1983).

Este ano foi um dos mais penosos para Korczak e as crianças judias do orfanato. Já não chegavam suprimentos necessários para a sobrevivência deles. Nas ruas, o número de crianças órfãs e famintas crescia, assim como os cadáveres de seus prováveis familiares que dividiam o espaço nas ruas entre os transeuntes. Até o fim, Korczak se dedicou às crianças, mantendo a postura de educador e pai. No pátio do orfanato organizava, vez ou outra, peças teatrais ou concertos musicais para distrair as crianças e trazer um pouco de alegria em meio ao caos a que estavam todos – crianças, funcionários, educadores – fadados.

Korczak, esfarrapado, maltrapilho, emagrecido e barbudo, igual a um mendigo, estava parado em meio a multidão de crianças esqueléticas e dirigia o concerto, que era composto de música e canto.

No intervalo, entre um número e outro ele se aproximava das crianças doentes deitadas no chão, examinava-lhes o pulso, e acariciando suas cabecinhas, tirava do bolso do seu avental um pedaço de pão ou às vezes uma balinha (WASSETZUG, 1983, p. 35).

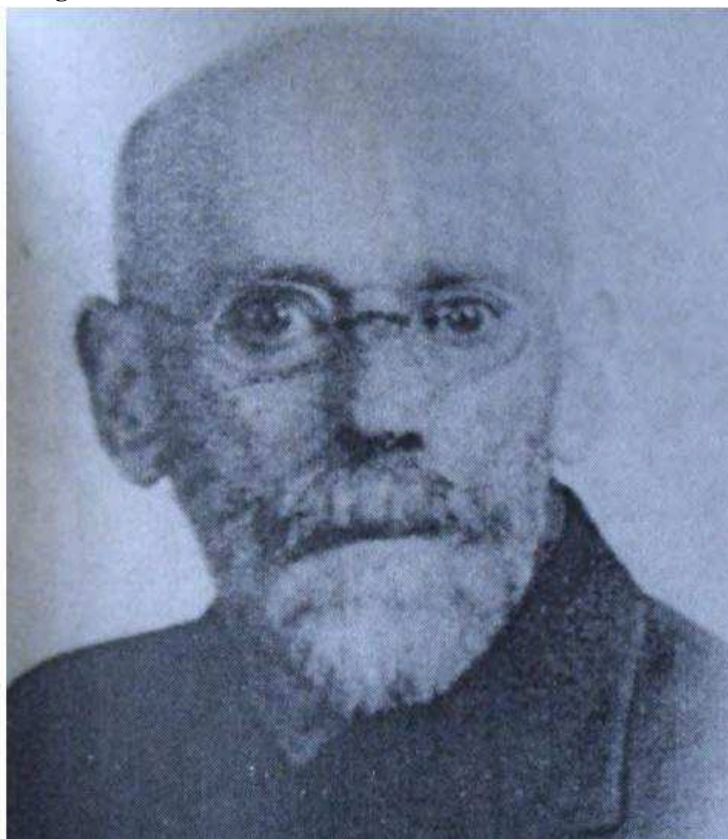
⁶ Raça pura, branca, não judia.

⁷ Isso teria sido possível devido ao seu renome internacional (SARUE, 2011).

Em agosto de 1942 os alemães decidiram liquidar o gueto de Varsóvia. Com muita crueldade, e sistematicamente, deram início a onda de extermínio dos judeus do gueto de Varsóvia. Eles foram levados em vagões de trem para gados para os campos de extermínio (WASSERZUG, 1983) e estima-se que entre os meses de julho e setembro daquele ano mais de 300.000 pessoas foram deportadas do gueto de Varsóvia para esses campos (SARUE, 2011).

Korczak acompanhou as crianças na sua última e derradeira estrada. Em direção ao vagão do trem que os levaria para uma câmara de gás em Treblinka, ele caminhou com duas crianças em seus braços, já fracas e impossibilitadas de caminhar, junto com Stefa, os demais educadores e todas as crianças de seu orfanato. Korczak, grande educador e bom pai, mestre e mártir, ficou até o último momento com suas crianças. Aconteceu no dia 05 de agosto de 1942, a última caminhada de Janusz Korczak e de suas 200 crianças⁸.

Imagem 03: Última foto de Korczak do Gueto de Varsóvia em 1941.



Fonte: SARUE, 2011, p. 49

⁸ Quando o orfanato foi transferido para o gueto, sob a direção de Korczak, havia 150 crianças. Porém, com as recorrentes execuções dos judeus, muitas crianças perambulavam perdidas e assustadas pelas ruas. Korczak recolhia-as e as levava para o abrigo consigo. Por este motivo, quando foi deportado para Treblinka, acompanhou duzentas crianças (MARANGON, 2007).

1.2. CONTEXTO HISTÓRICO

Desde o final do século XIX, quando a disseminação do antissemitismo⁹ ganhava força, até meados do pós-guerra, a Polônia viveu momentos de tensões políticas que refletiram na economia e na sociedade. Palco de sérias tensões religiosas entre o judaísmo e o catolicismo, sofreu, ainda, os impactos da Revolução Industrial que alterou o modo de vida (da agricultura às fábricas, do campo às cidades) e a produção dos meios de subsistência.

Além de médico e educador que aplicou suas práticas educativas em um orfanato para crianças pobres e judias, pautadas no ideal de respeito às crianças, na busca pela sua identidade e nos direitos dos pequenos, Janusz Korczak lutou pela tentativa de amenizar as tensões e conflitos que os judeus sofriam na sociedade polonesa. Essa luta teve início com seu bisavô e se manteve através de seu avô paterno, Hirsh Goldszmit.

Hirsh Goldszmit formou-se em medicina e tornou-se o primeiro médico do pequeno hospital judeu da cidade de Hrubieszow, onde metade da população, cerca de três mil pessoas, era judia (MARANGON, 2007). Ele foi um líder comunitário judeu que aproveitando essa posição tentava aproximar seu povo dos poloneses. No entanto, segundo Lifton (apud MARANGON, 2007 p. 44), a intransigência dos judeus não foi a única responsável pelo insucesso das tentativas de Hirsh por uma aproximação, mas também o fato de que muitos poloneses não consideravam o judeu como um polonês, não importa o quão esclarecido este fosse. A autora ainda comenta que um polonês católico era considerado um polonês, já um polonês judeu era considerado apenas judeu.

A história do judaísmo é marcada por perseguições e favores, alternadamente, dos governantes das terras onde habitavam. Entretanto, a comunidade judia se restringiu em seu próprio mundo e seus membros viviam integralmente seu modo judeu de ser. A identificação deste povo se dá através da relação religiosa, consideram-se antes “judeus”, judeus poloneses,

⁹ Termo cunhado no final do século XIX para se referir às posturas e atividades antijudaicas. Seu significado atual refere-se a formas de preconceito contra os judeus desde a era pré-cristã até a moderna perseguição política. A natureza do preconceito antissemita varia conforme o período, por exemplo, na era pré-cristã era em parte nacionalista pois os judeus não podiam se assimilar à outras culturas, era também em parte escárnio de cunho religioso já que os judeus serviam a um Deus invisível, e igualmente em parte econômica pois os judeus competiam em negócios com seus vizinhos gentios. O cristianismo também introduziu a ideia de que os judeus praticavam o deicídio, uma identificação deles com o demônio. Com a política liberal do Iluminismo no século XVIII, começou a surgir uma atitude mais positiva em relação ao judaísmo, mas que foi derrubada devido a um renovado nacionalismo europeu que alienou o povo judeu e levou ao surgimento de obras antissemitas, como *Os Protocolos dos Sábios de Sion*. Racistas e fascistas usaram o antissemitismo cristão para fins políticos que resultou na tentativa nazista de resolver a “questão judaica” com o genocídio (UNTERMAN, 1994, p. 28 apud SARUE, 2011, p. 40).

judeus franceses, judeus alemães, etc., já que o vínculo religioso vem antes do vínculo com a nação (MARANGON, 2007).

Por volta de 1880, questões acerca do nacionalismo estavam em pauta em discussões pela Europa. “Pertencer a uma nação, ter uma identidade nacional significava habitar um determinado espaço geográfico, estar integrado a certos hábitos, costumes e cultura” (MARANGON, 2007, p. 45). No entanto, como os judeus não se identificavam com o território onde moravam e sim com a sua religião, isso agravava a separação deles com a comunidade local.

Marangon (2007) comenta a entrevista Moshe Reskin¹⁰ a Juarez Gomes (1999), afirmando que a união do povo judeu e seu consequente afastamento do restante da sociedade não ocorreu por si só, pois segundo ele nenhum povo se isola espontaneamente, alguma pressão externa o leva ao isolamento. De acordo com o entrevistado,

desde a Diáspora, quando o povo judeu foi expulso de Israel, ele migrou para vários lugares, mas não foi bem recebido em muitos deles. Na Europa agrícola, os judeus eram proibidos de trabalhar na terra; por isso foram obrigados a procurar outro meio de subsistência – dentre eles, o estudo. “Assim, o principal ideal da mãe judia nos séculos XV e XVI era que seu filho fosse um sábio” (Reskin, 1996 apud Gomes, 1999, p. 104). Como na Idade Média, a escola ligava-se a mosteiros e à nobreza, não estando disponível para a população, os judeus criaram suas próprias escolas para que seus filhos pudessem alfabetizar-se e, então, estudar a Bíblia. O mesmo aconteceu com a criação dos hospitais judeus. Reskin (1995) afirma que, em virtude da não aceitação dos judeus nos hospitais existentes foi necessário o desenvolvimento do seu próprio sistema de saúde (MARANGON, 2007, p. 45-46).

Este modo de vida judeu criado nas sociedades onde viviam passa a incomodar vários de seus contemporâneos e como consequência um duplo isolamento começa a se formar: de um lado os judeus criando sua própria comunidade se afastando do restante da sociedade e esta, por sua vez, negando-os. Era contra este isolamento que o avô de Korczak, Hirsh Goldszmit, lutava. Ele buscava pela integração entre judeus e poloneses. De acordo com Lifton (apud MARANGON, 2007, p. 46), Hirsh tentava convencer o povo judeu de que mudar algumas de suas práticas tradicionais (como cortar a barba, trocar o cafetã pelas roupas ocidentais, adotar tanto o polonês como o ídiche¹¹ a sua língua materna) não comprometeria seus valores espirituais, mas amenizaria a não aceitação do povo judeu na cultura polonesa.

¹⁰Pedagogo judeu, educador da Casa da Juventude da Congregação Israelita do Estado de São Paulo (MARANGON, 2007).

¹¹Língua utilizada pelos judeus para comunicação escrita e oral. O ídiche resulta da fusão entre o hebraico, alemão medieval e línguas eslavas. Esta língua entrou em declínio devido a secularização do judaísmo e a adoção das línguas dos países onde os judeus habitavam (MARANGON, 2007).

Hirsh casou-se com Chana Ejser e teve seis filhos, um deles Jozef Goldszmit, pai de Korczak. Jozef frequentou uma escola hebraica em sua cidade natal e posteriormente uma polonesa, em Lublin. “O objetivo de matricular as crianças judias em escolas hebraicas antes das polonesas era possibilitar-lhes, primeiramente, o contato com uma educação tipicamente judia” (MARANGON, 2007, p. 46). Mas foi na escola em Lublin que Jozef conheceu a cultura polonesa, seus poemas patrióticos e seus admirados poetas. Essas experiências bem como a influência de seu pai fizeram-no buscar pela união de judeus e poloneses. Em 1864, já aos vinte anos, viajou para Varsóvia para formar-se advogado. Neste período, a cidade era uma capital com meio milhão de pessoas sendo que uma em cada seis delas era judia, com exceção de um círculo de judeus assimilados que viviam em extrema pobreza (LIFTON, 1997, p. 22 apud MARANGON, 2007, p. 46-47). Jozef, assim como muitos contemporâneos, incomodava-se com as frustradas tentativas de insurreição contra o Czar russo que neste período dominava a Polônia. Ele acreditava que a única forma de estabelecer uma economia forte no país seria através da união e parceria entre judeus e poloneses, ideal que transmitiu mais tarde ao seu filho Henryk Goldszmit, ou Janusz Korczak como ficou conhecido.

A Polônia enfrentou diversos períodos de grande instabilidade: “enquanto território nacional, sofreu várias ocupações desde o século XIII. No século XVIII, perdeu novamente, parte do seu domínio territorial para os russos. [...] as fronteiras polonesas eram constantemente remarcadas de acordo com os interesses franceses, suecos e russos”, diz Marangon (2007, p. 47). Castilho & Wack (1982) acrescentam que em função dos desmembramentos a Polônia desapareceu três vezes, sendo restabelecida em 1795 quando Napoleão criou o Grão-Ducado de Varsóvia.

Os poloneses, ainda que sob dominação ora alemã, ora austríaca, ora russa, conseguiram manter suas tradições, sua língua e a vida política. Entretanto, a realidade vivida na Polônia de Jozef era preocupante, já que, como mencionado anteriormente, um em cada seis indivíduos em Varsóvia era judeu e em sua maioria vivendo em situação de grande pobreza. Jozef almejava um país forte que só seria possível pela união entre poloneses e judeus, e a fim de perseguir e alcançar este objetivo, abandonou seus estudos em direito para angariar fundos e financiar a construção de escolas de arte e língua polonesa destinadas às crianças pobres judias, a ideia era que dessa maneira elas um dia pudessem pertencer à força de trabalho polonesa. Assim, Jozef e seu irmão Jakub publicaram diversos artigos em defesa dessas escolas e uma série de monografias que visavam educar a consciência de judeus poloneses. Essas obras esclareciam a necessidade da secularização da educação judaica, da promoção de orfanatos judeus entre outras questões sociais polonesas (MARANGON, 2007).

Em meados de 1874, Jozef conheceu Cecylia Gebicka com quem posteriormente se casou e teve dois filhos: Henryk (Janusz Korczak) e Anna. Jozef, Cecylia e a família dela mudaram-se para Varsóvia, no entanto, em 1877 o sogro de Jozef faleceu e sua sogra, Emilia, foi morar junto com o casal Goldszmit. Esta é a avó com quem Korczak dividiu seus sonhos, recebeu carinhos, de quem ouviu muitas histórias e apreciava grandemente a companhia. Após completar sete anos, por volta de 1885, o jovem Korczak vai para uma escola russa extremamente rígida, onde os professores eram punitivos chegando inclusive a agredir as crianças, e onde também era proibido o ensino da língua e da história polonesas. Nesta época, o país estava sob o domínio do Império Russo, mesmo com sua brava luta de resistência que em 1882 deu origem ao Partido Social-Revolucionário (MARANGON, 2007). De acordo com Castilho e Waack (1982, p. 12), o país havia deixado de existir enquanto nação:

Em 1815, durante o Congresso de Viena, o império napoleônico foi dividido e a Polônia foi mais uma vez redistribuída entre os vencedores de guerra contra o monarca francês. A Rússia, a Prússia e a Áustria repartiram o Grão-Ducado de Varsóvia e todo o resto do território polonês. Sobrou apenas Cracóvia, transformada em cidade livre.

Essa divisão e consequente desaparecimento da Polônia contaram com o apoio da burguesia nacional, cuja maior parte era originalmente estrangeira (judeus e lituanos), que já vislumbrava a possibilidade de se obter lucros com a associação ao regime czarista russo. Novamente na história do país era proibido falar e ensinar a língua polonesa nas escolas (MARANGON, 2007). Dentro deste sistema educacional proibitivo, o jovem Korczak começa a refletir acerca do desrespeito que era dirigido às crianças e como solução para isso a necessidade de se buscar, lutar e exigir os direitos das crianças ao respeito delas. Caminho que será percorrido anos mais tarde.

Em sua adolescência Korczak, que neste período ainda conhecido como Henryk, fundou um grupo de amigos, o círculo “Livre pensamento”, cujos membros se reuniam na residência de um deles para discutirem sobre o socialismo, nacionalismo e os deveres da juventude. Korczak foi levado por um amigo para participar de outro grupo clandestino formado por professores e estudantes, o *Flying University*, que recebeu este nome pois o local de encontro de seus membros era constantemente alterado devido as buscas policiais. Este grupo era dividido em duas facções socialistas: uma defendia a independência nacional e a outra defendia uma aliança socialista internacional com o império russo. Embora divididas, ambas as facções tinham como premissa manter viva a cultura e a história polonesa as quais o Czar estava determinado a destruir (SINGER, 1998).

A Polônia estava vivendo um período conturbado na sociedade e, em meio a esta realidade, um movimento judeu separatista se levantava, o que os isolava ainda mais dos poloneses. Por volta de 1894, Theodore Herzl, um líder judeu, lançou o sionismo¹² – uma nova concepção de nacionalismo. Os judeus sionistas pretendiam criar uma nacionalidade própria atrelada primeiramente ao vínculo religioso e cultural de seu povo, deixando o laço geográfico em segundo plano. Em seguida, pretendiam lutar por uma nação judaica, cujo estabelecimento se deu em 1948, em Israel. Os judeus buscavam por autonomia cultural e definição étnico-linguístico, e queriam uma língua própria. Identificaram, então, o hebraico com a nação judaica, mas pouco utilizado para comunicação, já que a língua falada por eles era o ídiche. A ideia era determinar o compromisso com o sionismo e não necessariamente se comunicar através do hebraico. (MARANGON, 2007). Korczak esteve envolvido com o movimento sionista o que o levou duas vezes a Terra de Israel a fim de descobrir a realidade vivida lá (SARUE, 2011), na esperança de alcançar a liberdade do povo judeu longe da fúria nazista.

De qualquer modo, Henryk vivia sua juventude envolto por essa realidade conturbada que assolava o país: de um lado, as forças do Czar com o objetivo de calar os poloneses, sua cultura e tradições; de outro, os judeus, com seus planos para formação de uma nação judaica. Concomitantemente, o jovem acompanhava o desenvolvimento da doença de seu pai, a loucura (MARANGON, 2007, p.52).

Por volta de 1896, a partir de sua experiência como tutor de crianças pertencentes às classes abastadas da sociedade polonesa, Korczak publicou em um jornal semanal seu primeiro artigo pedagógico, “No Górdio”. Desde então, o novo escritor envolvido com as questões acerca do fervor revolucionário que tomavam a Polônia começou a escrever mais artigos sobre temas que assolavam a sociedade da época como a fome, a situação miserável das crianças vivendo nas ruas, as guerras, etc. Este foi um período em que o país vivia a transição de uma economia agrícola para uma economia industrial. Lifton (1997) destaca que Varsóvia mudava rapidamente, fábricas eram construídas e os camponeses migravam do campo para os bairros da cidade a procura de emprego, mas dificilmente conseguiam (apud MARANGON, 2007, p. 56).

Em meio a esta efervescência no país, Korczak (nesta época ainda Henryk) estava disposto a defender a vida das crianças pobres das ruas da capital, pois para ele elas eram a camada mais prejudicada do proletariado e não havia ninguém que as representasse. Este

¹²Sionismo é o movimento internacional judeu que resultou na formação do Estado de Israel em 1948 (MARANGON, 2007, p. 52).

período de fervor revolucionário e transição da sociedade agrária para a sociedade industrial motivou vários jovens a se organizarem e formarem grupos de discussões acerca destas problemáticas sociais e as muito prováveis consequências inerentes a tais mudanças. Preocupado com o futuro do país e principalmente a situação vulnerável das crianças, Korczak era um desses jovens que integravam estes grupos (MARANGON, 2007).

Conforme vimos anteriormente, quando Korczak recebeu seu diploma em medicina, em março de 1905, foi recrutado como médico do Exército Imperial Russo atuando no *front* da Guerra Russo-Japonesa¹³. A deflagração desta guerra se deu pois a Rússia enquanto expandia seu domínio territorial em direção ao Extremo Oriente pela ferrovia transiberiana esbarrou na expansão japonesa que acabou por interromper a conquista russa. Conforme Lifton (1997) citada por Marangon (2007, p. 61):

O Japão emergia, depois de séculos de isolamento, como uma nação moderna, vencendo as batalhas terrestres e navais. As forças russas crivaram-se com a corrupção, a má condução e os suprimentos insuficientes. “A Guerra Russo-Japonesa de 1904-1905, embora tenha matado 84 mil japoneses e ferido 143 mil, foi um rápido e humilhante desastre para a Rússia, ressaltando a fraqueza do czarismo”.

Ao retornar para Varsóvia, em 1905, a cidade estava em clima de revolução. Desde o final do século XIX havia grande revolta e inquietação social e política contra o governo imperial russo. Com a derrota na Guerra Russo-Japonesa e a desmoralização do governo russo, os liberais da classe média começaram a fazer manifestações públicas, os sindicatos emitiam ações reivindicativas e os camponeses levantaram-se ao mesmo tempo em que os trabalhadores realizavam greves gerais. O Czar, diante das crescentes e intensas manifestações, apressou-se em negociar a paz com o Japão, no entanto, antes da sua conclusão, a revolução estourou em janeiro de 1905 (MARANGON, 2007). Neste período em decorrência da derrota russa, as escolas privadas reabriram podendo, então, lecionar em polonês. A *Flying University*, que posteriormente se tornou a Universidade Livre da Polônia, foi finalmente legalizada e o uso do polonês nas aulas foi liberado.

Nesta época, Korczak reassumiu seu cargo de médico-residente no Hospital das Crianças e ainda atendia pacientes em suas casas e escrevia artigos pedagógicos para as revistas. Cobrava pelas consultas dadas às famílias abastadas e com o dinheiro comprava remédios e suprimentos para as famílias carentes.

¹³ Neste período a Polônia ainda estava sob domínio da Rússia, por este motivo é que Henryk foi recrutado pelo Exército Imperial Russo.

Tratei gratuitamente os filhos dos socialistas, dos mestres-de-escola, dos jornalistas, dos jovens advogados e médicos progressistas... Dado que os médicos velhos não gostam de deslocar-se de noite, sobretudo quando se trata de pobres, eu, médico jovem, estimo que é meu dever vir em socorro todas as noites, onde precisarem de mim. Socorro rápido, compreendeis. Aliás, como fazer de outro modo? E se a criança não passa da noite? (KORCZAK, 1986, p. 68).

Em 1909, devido à grande repressão russa, muitos intelectuais da Polônia foram presos e exilados na Sibéria. No ano anterior, o Partido Socialista Polonês (PPS) dividiu-se em duas facções, uma de esquerda e outra de direita. Jozef Pilsudski, que viria a ser o líder da Polônia independente e filiado à facção de direita, foi a figura que defendeu intransigentemente a independência polonesa. Ainda em 1909, a retaliação russa e opressão czarista em busca pelo domínio das terras polonesas colocaram por terra as conquistas da revolução de 1905: as universidades foram fechadas e Korczak como tantos outros escritores foram presos em uma prisão de Spokjna. Como já citado anteriormente, ele foi liberto mediante intervenção de uma família polonesa abastada cujo filho fora seu paciente.

Entre 1910 e 1918, a situação entre poloneses é extremamente confusa e predomina um intenso e nem sempre cordial debate sobre a questão nacional. Apesar de inexisterem como país, os poloneses transformaram a sua aspiração pela independência no principal ponto de conflito entre os vários grupos políticos. A burguesia continua solidamente ligada ao regime imperial russo. Entre os nacionalistas, há, além do PPS, o Partido Nacional Democrata, que admite uma aliança provisória com Moscou, mas é violentamente anti-semita, reunindo os interesses de proprietários agrícolas e pequenos comerciantes urbanos, descontentes com a forte influência econômica dos judeus lituanos (CASTILHO & WAACK, 1982, p. 13).

Vimos que diante das tensões que borbulhavam no país, em 1910 Korczak e Stefa constroem o orfanato planejado e idealizado por Janusz Korczak, que mais tarde foi considerada uma inovação da arquitetura, que ficou pronto em 1912, conhecido como o “Lar das Crianças” (MARANGON, 2007).

Entre os anos de 1912 e 1914 o antissemitismo aumentou consideravelmente na Polônia. Falava-se em ameaças de invasão às propriedades judias e as crianças passaram a ser ofendidas durante o caminho para a escola. Korczak convidava os vizinhos para brincar com as crianças após o horário de aula na intenção de amenizar essa situação conflituosa entre elas. Em agosto de 1914 Varsóvia estava em estado de caos: espalhavam-se rumores sobre a guerra, a cidade lotava de refugiados vindos de outras regiões enquanto as outras pessoas buscavam armazenar suprimentos. Em meio a esta situação, Korczak começou a angariar dinheiro e mantimentos para Stefa e as crianças do orfanato e, quando a Primeira Guerra

Mundial teve início, ele foi chamado para prestar seus serviços médicos para as tropas russas (MARANGON, 2007).

Em 1917, os bolcheviques¹⁴ tomaram o poder na Rússia, o que gerou grande desconforto na Polônia, pois com isso a aliança que existia entre a burguesia polonesa e a monarquia russa chegou ao fim¹⁵.

Korczak retornou à Varsóvia pouco antes do final da guerra em 1918, encontrando a cidade ocupada pelos alemães. Após o fim da Primeira Guerra Mundial, durante a Conferência de Versalhes em 1919, a Polônia finalmente alcançou a independência, no entanto, com a assinatura do Tratado de Versalhes para a redefinição do mapa da Europa ela teve seu território diminuído (MARANGON, 2007). Em contrapartida, adquiriu novas fronteiras que incluíam a Galícia, Poznânia e Volínia (SARUE, 2011).

A guerra e a dependência deixaram a Polônia em estado caótico: as indústrias estavam se deteriorando, metade da parte produtiva do país encontrava-se estagnada e a inflação aumentava constantemente, mais do que no período da guerra. Korczak também sentiu os impactos causados pela guerra, já não possuía dinheiro para manter o orfanato, a fome e o frio ameaçavam suas crianças e os programas de auxílio americanos que distribuíam comida e tecidos não eram suficientes. No entanto, às vezes recebiam doações e isso amenizava a lamentável situação.

Ainda em 1919, o país enfrentava explosões operárias em várias cidades e Pilsudski intensificava suas forças armadas na tentativa de reconquistar alguns territórios que neste momento estavam sob domínio dos russos, o que culminou na guerra entre Polônia e Rússia neste mesmo ano. Korczak foi chamado novamente para a guerra, mas desta vez para servir o exército polonês. Trabalhou em um hospital de doenças infecciosas em Lodz, mas pouco depois conseguiu transferência para outra instituição na cidade de Varsóvia (MARANGON, 2007).

¹⁴Ficou conhecido pelo nome de **bolchevique** o grupo político russo formado por ex-integrantes do Partido Operário Social-Democrata Russo (POS DR), fundado em 1898. O termo **bolchevismo** é de origem russa e significa, literalmente, "maioria" (em russo, *bol'scinstvó*). Os bolcheviques defendiam a revolução socialista, a instalação da ditadura do proletariado, com a aliança de operários e camponeses, enfim, acreditavam que o governo deveria ser diretamente controlado pelos trabalhadores. (Fonte: <<https://www.infoescola.com/uniao-sovietica/bolcheviques/>> Acesso em: 29 ago. 18)

¹⁵Dadas as circunstâncias, foram os socialistas e os comunistas poloneses radicais que proclamaram o entendimento russo-polonês. Ao mesmo tempo, o PPS (liderado por Pilsudski) mantém-se determinado na luta contra os russos. Em decorrência disso, a sociedade polonesa divide-se em dois grupos: de um lado socialistas e comunistas que apoiam os bolcheviques e de outro Pilsudski que lidera um movimento contra eles (MARANGON, 2007).

No verão de 1920 o exército russo recuperou Kiev, que havia sido tomada pelos poloneses, e no mês de maio cercava o subúrbio de Varsóvia. Em agosto, os bolcheviques cercaram a cidade mas Pilsudski conseguiu impedi-los fazendo-os recuar. Assim, a Polônia estava salva, o que gerou grande desespero no KPP¹⁶ que haviam apostado tudo na solidariedade a Lenin e ao PC da URSS¹⁷. “Com essa perseguição aos comunistas poloneses, os judeus também acabaram submetidos em função de sua antiga simpatia pela Rússia” (MARANGON, 2007, p. 77). Neste período Korczak mudou-se para um cômodo do orfanato, aflito com esta situação e em profundo luto pela perda de sua mãe devido ao tifo, como vimos anteriormente.

Borger (2002, p. 483) comenta que em 1921 o primeiro censo da Polônia registrou o número de 2.800.000 judeus distribuídos por todo o território. Isso representava 10,4% do total da população polonesa (apud SARUE, 2011, p. 41). Tanto o Tratado de Versalhes como a Constituição polonesa proibiam todo e qualquer tipo de discriminação às minorias, mesmo assim, o antissemitismo estava enraizado em toda a Polônia.

A situação da Polônia tornava-se cada vez mais crítica. Em 1926, Pilsudski liderou um golpe de estado e fechou o Parlamento o que levou o país ao fascismo. Consequentemente, o índice de desemprego chegou a atingir 25% da população em 1929. Na Alemanha, por volta de 1923, houve uma grande desvalorização da moeda e com a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, em 1929, o índice de desemprego dobrou no país. Em 1932, Hitler coligou-se a Hindenburg e concorreram a presidência do país. Ele obteve apoio de 13 milhões de eleitores que compactuavam com suas ideias espalhafatosas de que as desgraças sofridas pelos alemães diante da situação caótica do país advinham das iniquidades do Tratado de Versalhes e da conspiração internacional de comunistas judeus (MARANGON, 2007).

A partir de 1933 “ecos da política antissemita ressoavam por toda a Europa Oriental” (SARUE, 2011, p. 42). Neste mesmo ano todos os partidos alemães foram dissolvidos restando apenas o nazista. Logo que o Parlamento foi fechado, criou-se o primeiro campo de concentração em Dachau destinado a presos políticos. No ano seguinte, Hitler se torna o líder da Alemanha.

Entre 1933 e 1939, quando foi iniciada a Segunda Guerra Mundial pela Alemanha, a política oficial do nazismo era excluir radicalmente os judeus da vida econômica, social e cultural alemã e forçar a sua expulsão do país. Para isso, cerca de 400 leis e

¹⁶ Partido Comunista Polonês.

¹⁷ Partido Comunista da União Soviética.

decretos antijudaicos foram impostos. Além do serviço público, os judeus foram excluídos das profissões liberais, das artes, do cinema, rádio, teatro, das escolas, universidades, dos esportes, das organizações culturais e profissionais e cargos de direção em empresas (CYTRYNOWICZ, 1990, p. 19).

Os judeus não foram os únicos a sofrerem as perseguições nazistas, os alemães tinham a intenção de eliminar toda e qualquer pessoa que apresentasse o que eles julgavam ser “anormalidades”, assim, ciganos foram presos, esterilizaram doentes mentais e epiléticos, considerado por eles como “doentes incuráveis”, criaram também leis que proibiam o casamento entre arianos e judeus¹⁸. Conforme Hitler avançava com sua expansão territorial, suas leis eram impostas nos países ocupados. Com o agravamento do pensamento e ideais antijudeus, vimos anteriormente que em 1935 Korczak foi afastado das atividades que exercia frequentemente, “dentre elas, do auxílio na direção de um orfanato cristão¹⁹, de seu programa de rádio e do cargo de conselheiro da Corte juvenil de Varsóvia” (MARANGON, 2007, p. 80).

De acordo com Szpickowski (2008) e Marangon (2007), durante a década de 1930, Korczak viajou a Palestina e ficou impressionado com o respeito dedicado às crianças no orfanato. Em decorrência do crescimento do nazismo na Polônia, Korczak planeja transferir o orfanato para lá, no entanto, um dia após a invasão alemã em setembro de 1939, ele recebeu o aviso de corte da comunicação entre a Polônia e a Palestina. Eles estavam presos em Varsóvia.

A invasão alemã deixou a Polônia desestruturada. Os alemães atacaram primeiro os subúrbios de Varsóvia esperando por uma rápida rendição, entretanto, não foi assim que aconteceu: a cidade resistiu durante três semanas. Os nazistas enfrentaram um povo que já estava acostumado com a luta para manter suas tradições frente às invasões vizinhas, esforçados para manter a defesa sem se render. Na Polônia este processo de perseguição aos judeus foi mais rápido e muito violento, eles sofreram humilhações, violências e milhares deles morreram durante a invasão no país.

Sob o comando nazista, a Polónia encontrava-se em estado caótico. A capital, Varsóvia, estava praticamente destruída. Muitos poloneses cristãos foram expedidos em navios, como mão-de-obra, para a Alemanha. A política anti-semita intensificava-se constantemente e as lojas e fábricas judias foram apropriadas ou estavam fechadas e destruídas. Era cada vez mais difícil conseguir remédios e comida. A Associação de Ajuda aos Órfãos sugeriu que Korczak entregasse suas

¹⁸ Foram considerados judeus, segundo Cytrynowicz (1990), aqueles que tinham pelo menos dois avós judeus.

¹⁹ Em 1919 o ministro da educação lhe ofereceu a direção de um orfanato em Pruszkow, mas ele rejeitou indicando uma amiga que julgava competente para assumir o cargo. Mesmo assim, ofereceu-lhe todo o apoio necessário ajudando diretamente quando lhe fosse solicitado auxílio (MARANGON, 2007).

crianças aos pais²⁰ para que se responsabilizassem por elas nesses dias difíceis, mas ele recusou-se. Nessa época, o orfanato abrigava 150 crianças (MARANGON, 2007, p. 82).

Os alemães criaram em cada país ocupado um Conselho Judaico que intermediava as relações entre nazistas e judeus. O presidente do Conselho polonês era Adam Czerniakow, a quem Korczak recorreu diversas vezes pois sabia que ele era um homem que se preocupava com o bem-estar das crianças.

Em 1940 os alemães delimitaram a área do que ficou conhecido como o Gueto de Varsóvia. O orfanato da Rua Krochmalna estava do lado ariano da cidade e por isso precisou ser evacuado. Korczak, Stefa, funcionários e crianças foram transferidos para um local no gueto com cômodos apertados, sujos, bem diferente do orfanato confortável, espaçoso e aconchegante que estavam acostumados (SZPICOWSKI, 2008).

Imagem 04: Prédio no Gueto de Varsóvia para onde o orfanato foi transferido.



Fonte: <https://revistacontemporartes.blogspot.com/2012/10/janusz-korczak.html>

Segundo Marangon (2007), a vida no gueto tornava-se cada dia mais complicada. Era possível sobreviver de três formas: trabalhar nas fábricas de armamentos para o Exército alemão, trabalhar em instituições judias ou arriscar a vida ao sair em busca de alimentos ilegalmente. A princípio era apenas trabalho forçado, depois, tiveram início os assassinatos, pilhas de corpos decompondo-se nas ruas e a fome se agravava – as porções de comida destinadas ao gueto diminuía a cada dia.

²⁰ A maioria das crianças eram filhas de pais muito pobres e os visitavam semanalmente. Os demais eram realmente órfãos (MARANGON, 2007).

O ano de 1942 foi fatídico: os alemães implementaram os campos de extermínio criados única e exclusivamente para eliminar os judeus. Na maioria deles foram construídas câmaras que emitiam monóxido de carbono e asfixiava as vítimas. Como vimos anteriormente, no dia 05 de agosto de 1942, Janusz Korczak acompanhou as 200 crianças do orfanato aos trens de gado²¹ que os levaram até o campo de extermínio na cidade de Treblinka. Esta última caminhada até os vagões com suas crianças foi descrita por diversos estudiosos que escreveram sobre sua vida (MARANGON, 2007). Ele caminhou à frente das crianças que o seguiram em fila, em seu colo estavam duas crianças magras e fracas impossibilitadas de caminhar. Esta cena é apresentada no filme “*As 200 crianças do Dr. Korczak*”²² que remonta os últimos anos de vida de Korczak e das duzentas crianças em seu orfanato.

Imagem 5: Cena do filme “*As 200 Crianças do Dr. Korczak*” em que ele caminha com as crianças em direção ao trem.



Fonte: <https://www.jewish-museum.ru/events/prosmotr-i-obsuzhdenie-filma-korchak/>

Um funcionário do Conselho Judaico chamado Remba tentou intervir em favor de Korczak chamando-o para acompanhá-lo até o órgão competente onde ele, talvez, pudesse requerer clemência em virtude de seu renome internacional. Korczak, no entanto, recusou-se pois não queria deixar as crianças sozinhas naquele lugar terrível, segundo ele elas poderiam entrar em pânico longe da presença dele, além do risco de que crianças pudessem ser levadas em sua ausência (LIFTON, 1997, p. 344 apud MARANGON, 2007, p. 85). Korczak também não considerou nenhuma hipótese de liberdade caso esta não incluísse todas as crianças.

²¹ Os trens transportavam entre seis e dez mil pessoas por dia (MARANGON, 2007).

²² Produção polonesa de 1990, dirigida por Andrzej Wajda.

Em outubro de 1942 foi criada a Organização Combatente Judaica quando restaram cerca de setenta mil pessoas no gueto. Em abril de 1943 aconteceu o primeiro levante armado da Europa: a revolta do gueto de Varsóvia. Neste período, 280 mil judeus já haviam sido deportados para os campos de extermínio. A revolta do gueto de Varsóvia teve seu fim quatro semanas após seu início, deixando o gueto totalmente destruído (MARANGON, 2007).

Após o fim da Segunda Guerra Mundial vários monumentos foram erguidos em homenagem a Janusz Korczak, que fora reconhecido como um grande médico, educador e, principalmente, defensor das crianças. Criaram-se também Associações em diversos países com o intuito de disseminar seu nome, suas experiências teóricas e práticas e especialmente fazer conhecer e valer seu maior objetivo: defender as crianças das injustiças do mundo. No Brasil, a Associação Janusz Korczak foi fundada em São Paulo no dia 10 de abril de 1984 (MARANGON, 2007).

O orfanato da Rua Krochmalna em Varsóvia foi reformado e transformado no Museu Janusz Korczak. Abraham (1998) afirma que existem escolas, creches, salas de cultura e hospitais que receberam seu nome. Nestes espaços suas ideias se mantêm vivas no sistema de educação.

Imagem 06: Atual fachada do “Lar das Crianças”.



Fonte: <http://paulofranke.blogspot.com/2010/09/3-o-que-sobrou-do-gueto-de-varsovia.html>

2. A VISÃO DE CRIANÇA EM KORCZAK

Este capítulo aborda questões acerca da concepção de criança segundo Janusz Korczak a partir de suas obras *Como amar uma criança* e *Quando eu voltar a ser criança* e dos trabalhos de Marangon (2007) e Wassertzug (1983).

O profundo amor e respeito que Korczak tinha para com as crianças tornaram-no reconhecido como um grande educador, dotado de imensa capacidade de compreensão sobre a alma infantil fazendo dele um amigo, pai e protetor das crianças. Seus escritos levam-nos a compreender a infância como um estágio da vida tão importante como qualquer outro, diferente de um entendimento de um período de desenvolvimento que tem por objetivo uma preparação para a vida adulta. Para Korczak, uma fase não se sobrepõe à outra, e a criança deve ser reconhecida pelo que é e não pelo que virá a ser. É preciso respeitar e compreender a criança segundo o seu próprio referencial e não o nosso, de adultos, como comumente tendemos a fazer. Ela é um sujeito completo que deve ser amada e respeitada como criança, não pensando no adulto que um dia ela será.

2.1 *COMO AMAR UMA CRIANÇA*: UM TRATADO QUE RECONHECE O DIREITO DA CRIANÇA AO AMOR, RESPEITO E COMPREENSÃO

Nesta obra, sensível e perspicaz, Korczak relata sobre suas vivências e sentimentos para com as crianças. Suas experiências como médico e educador (no orfanato e na colônia de férias) inspiraram a sua visão acerca da criança e da educação neste livro dividido em quatro partes.

Na primeira, intitulada “A criança na sua família”, Korczak fala a respeito da integração da criança na família aconselhando aos pais, mas na maioria das vezes especificamente às mães, sobre aspectos importantes como a amamentação, o crescimento da dentição, os primeiros passos, o início da fala, as necessidades do bebê, enfim, tudo o que ele julga essencial que uma mãe saiba para educar bem seu filho.

A segunda parte é dedicada ao internato e recebe este mesmo título. Aqui, ele escreve suas considerações em relação à convivência com as crianças internas. Ele fala dos desafios enfrentados pelos educadores, e por ele mesmo nesta mesma condição, e o quanto é preciso força de vontade, amor e respeito às crianças para dar continuidade ao seu trabalho. Ao mesmo tempo, aconselha aos educadores para que despertem seu olhar sensível à

compreensão da criança e do mundo infantil. É ainda nesta parte da obra que muitas vezes define a criança em suas múltiplas faces.

Já na terceira parte, “Colônia de Férias”, Korczak compartilha suas aprendizagens adquiridas neste período, pensando no lugar social ocupado pela colônia de férias. Ele descreve desde o momento da partida com trinta crianças, detalhando conflitos e contratempos durante o trajeto (como uma forma de advertir para que numa próxima ocasião estes problemas sejam amenizados), até momentos rotineiros na colônia, sempre alertando sobre como tratar a criança nas mais diversas circunstâncias.

A quarta e última parte, “A Casa do Órfão”, ele se refere justamente a este local explicitando aspectos importantes desde a estrutura arquitetônica que deve se adequar às crianças até o funcionamento do lar: Korczak nos conta sobre o jornal, o tribunal, o parlamento e a autogestão.

Ora poetiza, ora faz parábolas, ora conta histórias belas e tristes, divertidas e comoventes... E sempre se pergunta e se repregunta e nos faz (leitor) pensar em encontrar uma resposta ou se deliciar com um achado seu, mas sempre exigindo que se pense... Faz uma síntese linda entre as duas caminhadas: a de médico e a de educador (ABRAMOVICH, 1997, p. 10).

Korczak refere-se às mães utilizando uma linguagem casual e aconselha-as a atentar-se às necessidades de seu filho. No entanto, ele não está se referindo aqui às necessidades fisiológicas e/ou em relação a saúde, ele pretende que as mães se desprendam um pouco da ciência dos médicos e observe seu filho a fim de que verdadeiramente o conheça, buscando refletir e compreender o que ocorre com a criança. Como médico, ele não está descartando a importância dos cuidados que os pais devem ter com tudo aquilo que envolva a saúde dos filhos, mas alertava para um outro olhar atento e observador para com a criança e que, por vezes, faltavam aos pais. Na primeira parte de sua obra, Korczak cita uma ocasião em que uma mãe o procura dizendo não haver nada grave com seu filho, mas gostaria que a criança fosse examinada. Ele afirma estar tudo bem com o menino e despede-se deles. Entretanto, na manhã seguinte a mãe retorna:

Doutor, ele está com febre.
A mãe soube ver o que eu não vi durante o exame de rotina.
Debruçada durante horas sobre o berço teve tempo de observar bem a criança mas, diletante, ela não tem confiança em si, não ousa confiar ao médico suas observações que acha que são muito sutis.
A mãe tinha reparado que, sem estar completamente rouca, a voz do seu filho parecia um pouco velada; balbuciava menos, mais fraco do que habitualmente; estremeceu mais vezes enquanto dormia do que nos outros dias; quando acordou, seu riso foi menos forte; enquanto mamava, parecia distraído, parava de chupar e

essas pausas pareciam enfim um pouco longas; e depois, esta careta, tinha sido uma impressão? Por que ele jogou para longe e com raiva o seu brinquedo preferido? Por cem sinais que seus olhos, ouvidos, o bico do seio perceberam, em cem miniquixas, seu filho lhe disse:

- Hoje não estou bem.

Mas ela não ousou acreditar nesses sinais porque nos livros que lhe tinham dado para ler, os autores não falavam desses sintomas (KORCZAK, 1997, p. 42).

Muitas vezes, a mãe conhece bem seu filho, suas atitudes, costumes, comportamentos sendo capaz de identificar, tanto quanto os médicos, quaisquer mínimas alterações nele, mas escapa-lhe compreender verdadeiramente a criança que ela é, e porque age de determinada maneira. É sobre este conhecimento intuitivo e olhar observador que Korczak faz seu alerta.

São muitos os conselhos e recomendações que Korczak dirige, às mães principalmente, na primeira parte do livro. No entanto, reconhece a singularidade de cada criança e que apenas um profundo conhecimento e compreensão dela poderá auxiliá-lo a atender qualquer demanda que criança apresente. Ele critica as “fórmulas prontas” afirmando que isso “embotou o nosso olhar e tornou preguiçoso o nosso pensamento. Com a força de buscar a experiência alheia e procurar resultados da opinião dos outros, perdemos a confiança em nós mesmos a ponto de recusar-mo-nos o direito de ter alguma opinião” (KORCZAK, 1997, p. 44).

Para ele, a criança está em constante mudança. A mãe, que é perspicaz, percebe todas as mudanças mas não as compreende, no entanto, sempre tem a que atribuí-las. “Ele está assim desde que nasceram seus primeiros dentes; desde que tomou a vacina antivariólica; depois que parou de mamar no peito, desde que caiu da cama...” (KORCZAK, 1997, p. 95). As mudanças são físicas: seu tamanho e peso aumentam, entretanto, este último pode também diminuir, a pele pode parecer flácida e a cabeça menor em relação aos ombros que se alargam a medida que a criança se desenvolve. Em relação às alterações físicas, Korczak diz que a criança é um organismo em pleno desenvolvimento que muda suas proporções quando cresce. As mudanças também se manifestam no comportamento: ela não quer comer e seu sono está perturbado, já não é mais obediente e faz o que bem entende, parece preguiçosa e distraída. E tais alterações de comportamento podem decorrer dos vários períodos críticos pelos quais a criança passa, como por exemplo, a puberdade. De qualquer forma, percebe-se o posicionamento do educador em não determinar como verdade absoluta essa ou aquela mudança que a criança possa vir a sentir: é preciso conhecê-la e compreender suas razões.

Talvez no futuro não mais nos apoiaremos em sinais exteriores do desenvolvimento do ser humano que fazem com que dividamos a vida em ciclos artificiais: recém-nascido, criança, adolescente, adulto, velho, para nos obrigar a conhecer melhor os períodos de transformações profundas do organismo considerado como um todo [...] (KORCZAK, 1997, p. 96-7).

Korczak enfatiza a criança como um ser completo, recusando a ideia de um vir a ser: ela já o é no presente e critica a tendência que o adulto tem de subestimar o que hoje são suas alegrias, tristezas, paixões e aborrecimentos em nome de um futuro hipotético. A criança tem direito ao respeito e reconhecimento pelo que é hoje. O educador adverte que, ao seguir essa lógica, a criança pensará que só será alguém quando atingir a maioridade e deixa um alerta: “Uma tal atitude engendra uma espera eterna: quando, enfim, este amanhã tão esperado chega, nós já estaremos pensando em outro amanhã. Desta maneira, a criança não é, mas será; não sabe, mas saberá; não pode, mas poderá” (KORCZAK, 1997, p. 72). E acrescenta:

Sem dúvida, as crianças são diferentes dos adultos: há coisas que faltam em sua vida, mas elas têm outras que nos faltam a nós. Isto não impede que esta vida, tão diferente da do adulto, seja bem real, nada tem de uma quimera. Que fizemos para conhece-la, para criar condições favoráveis a sua existência, para sua maturação (KORCZAK, 1997, p. 72).

Essa dimensão de amor e respeito pela criança percorre por toda sua obra. Korczak (1997) declara que a criança tem o direito de querer, reclamar e exigir e, também, “progredir” quando atingir a maturidade. No entanto, ele nos mostra que geralmente é exigido das crianças atitudes que contradizem a realidade em que vivem: “Você gostaria que as crianças o amassem, entretanto é preciso fazê-las obedecer às leis estritas e sufocantes da vida contemporânea, à hipocrisia e à violência dos nossos dias” (KORCZAK, 1997, p. 178). Por vezes o adulto a obriga a executar uma tarefa que lhe foi imposta e isso gera recusa e revolta na criança e, assim, seria “natural” que ela não gostasse dele. A criança está inserida em um contexto contraditório em relação ao que se espera dela, e um exemplo disso é quando se deseja que ela seja franca, mas “os hábitos das pessoas estão impregnados de falsidade e a franqueza é considerada insolência” (KORCZAK, 1997, p. 178). E embora ele reconheça os desafios a serem enfrentados, mas recomenda o bom ânimo, pois todos somos obrigados a enfrentar as dificuldades e sempre há maneiras de resolvê-las.

Korczak reconhecia verdadeiramente a criança: ela não era apenas sinônimo de bondade, honestidade e pureza. Como qualquer outro ser humano, ela também tem desejos, vontades, mágoas, amores, ódios, paixões, sonhos, frustrações. Seu profundo conhecimento acerca da criança possibilitou-lhe descrever seus defeitos, suas qualidades, seus desejos, suas

frustrações. Sua busca pela compreensão da criança reconhece suas singularidades e peculiaridades: “As crianças mentem” (...) “Mentem por medo mas, também, quando sabem que não há perigo de serem descobertas. Mentem por pudor mas, também, quando você quer obrigá-las a dizer o que não querem ou não pode”, diz Korczak (1997, p. 229), e aconselha que em vez de se aborrecer com a mentira, é melhor investigar o motivo pelo qual a criança mentiu.

Ele ainda relata que “se pode aprender muito com as crianças, que elas também têm – e têm o direito de ter – suas exigências, suas condições e também suas objeções” (KORCZAK, 1997, p. 273). De acordo com Marangon,

Essa dimensão humana de amar a criança referia-se, portanto, a respeitá-la enquanto ser, em não se sobrepor a ela por ser maior, mais forte, mais velho; referia-se a limitar a ação do educador mediante o direito que a criança possuía de ser ouvida, de ter sua vontade e necessidades respeitadas e não massacradas pela simples satisfação adulta (2007, p.111).

Para Korczak (1997), enquanto um “educador teórico” (p. 185) classifica as crianças conforme seu temperamento, faculdades intelectuais, gostos e disposições, um “educador experimentado” (p. 185) as categoriza como “fáceis” ou “difíceis”, além de “médias” quando não precisam de acompanhamento e “excepcionais” quando necessitam de muitos cuidados e observações. Em sua descrição aponta diversos contextos que demonstram seu olhar observador minucioso e compreensível da criança real: a que se irrita com as normas, a que adoece, a que realiza as tarefas com lentidão, a que fala o tempo todo, a que é arrogante, a que é travessa.

A criança exausta que se revolta contra o rigor do internato e se sente humilhada com a disciplina do dormitório, do refeitório, da capela, dos jogos e dos passeios...

A criança sofrendo de otite aguda, de um abscesso, de um panarício, de uma conjuntivite, de dor de cabeça, com tosse...

A criança que se arrasta para se vestir, se lavar, se pentear; que come lentamente. Sua cama e sua toalha são as últimas que são arrumadas; sempre demora para pôr seu prato e seu copo; atrasa a arrumação do dormitório, impede, pela sua lentidão em comer, que tirem a mesa e que os pratos sejam levados logo para a cozinha.

A criança que procura você de dois em dois minutos para fazer uma pergunta, se queixa de alguma coisa; [...] nunca sabe nada e sempre precisa de alguma coisa; tem sempre algo a dizer a você...

A criança caprichosa que responde com arrogância, que ofende os empregados, que briga, bate, joga pedra; que rasga e quebra coisas intencionalmente; que sempre diz que não quer...

A criança muito sensível, impressionável, que se sente ferida com a menor observação, com um olhar severo e para quem fria indiferença dói como se fosse algo terrível...

O maroto alegre que entope o seu banheiro com pedregulhos, que se balança no trinco da porta, abre as torneiras, tranca a pequena lareira, desparafusa a campainha,

rabisca a parede com lápis azul, traça letras na madeira da mesa; um diabólico inventor de travessuras, completamente irresponsável... (KORCZAK, 1997, p. 185-6).

Acerca das crianças Korczak ainda observa que: “Todos roubam seu tempo. Abusam de sua paciência, tiranizam a sua consciência. Você luta contra eles, mas sabe que na realidade não têm culpa de serem assim” (1997, p. 186).

Isso não significa, no entanto, deixá-la por conta própria. Respeitar a criança não quer dizer autorizá-la a fazer o que deseja. A vida em sociedade exige certos limites e, portanto, uma boa educação e convivência da criança neste espaço social necessita que ela reconheça e respeite tais limites (MARANGON, 2007):

- Eu não quero.

Não quer ir dormir, apesar de já ter soado a hora de recolher, porque a noite está perfumada, ou porque um pedaço do céu estrelado parece estar brilhando para ela. Não quer ir à escola porque caiu a primeira neve durante a noite e lá fora está tão alegre que não quer se trancar em numa sala de aula. Não quer se levantar porque está fazendo frio e tudo parece tão triste... Prefere acabar o jogo de bola e ficar sem almoçar. Não, eu não pedirei desculpas para a professora, porque ela me puniu injustamente... Não posso fazer meus deveres porque li Robinson Crusoe e estou com a cabeça cheia de aventuras... Não porei minhas calças curtas porque os outros vão rir de mim.

- Você deve!...

[...]

- Estude! Respeite! Acredite no que lhe dizem!

- Eu não quero! – a criança insurge do fundo da alma.

Você se obrigada a insistir porque o homem contemporâneo não vive na floresta mas em sociedade.

E você deve insistir, caso contrário, será anarquia (KORCZAK, 1997, p. 199-200).

A criança nem sempre reagirá como o adulto espera: este sorri para ela, mas não recebe um sorriso de volta, conta uma história mas ela não se mostra interessada, espera ver em seu rosto uma expressão de arrependimento quando ele se zanga com ela. “Quer dizer, para cada uma das suas ações (estímulos), você espera uma reação que pareça normal. Mas, às vezes, a criança reage paradoxalmente e você se espanta e se revolta. Tem razão de fazer perguntas, mas erra se fica indignado” (KORCZAK, 1997, p. 221). Assim, recomenda discernimento por parte do educador para que compreenda as razões que geraram tal atitude na criança, para que não aja injustamente com ela.

As crianças têm segredos. Imersas em seu mundo infantil, elas fantasiam, imaginam sobre os mais diversos assuntos, inundando sua mente com suas confidências. O adulto tende a forçá-la a compartilhar seus segredos, mas ela resiste. Korczak (1997) ressalta para o adulto não se aborrecer caso a criança deseje manter o segredo, ela tem suas razões. Na maioria das vezes esses segredos consistem em pensamentos e desejos íntimos que ela não quer ou não

pode revelar a ninguém. Para ele, é preciso respeitar o segredo das crianças e o direito de tê-los e guardá-los dos adultos, que devem ficar contentes se a criança, por vontade própria, vier lhe confiar seus segredos. Esta é a maior prova de confiança que a criança poderá dar ao adulto.

Faça com que cada um dos seus “você quer me contar?” não signifique nunca “é preciso que você me conte”. Ao seu “por que?” a criança não responderá com subterfúgios, mas com franqueza:

- Eu não posso dizer, eu o direi um dia, ou não direi nunca (KORCZAK, 1997, p. 223).

Korczak afirma que as crianças têm necessidade de rir, correr e fazer tudo aquilo que é pertinente ao mundo infantil. Aconselha aos educadores a oferecer-lhes “sorrisos de indulgência” (1997, p. 228) e proporcionar-lhes possibilidades e situações que permitam-nas viver realmente como crianças.

O autoritarismo do adulto para com a criança é bastante criticado por Korczak. Ele fala das imposições daquele sobre a criança, desde autoritárias exigências por disciplina até os castigos. O castigo não se limita apenas aos maus-tratos físicos infringidos sobre a criança, mas a tudo que venha reprimir, ofender e impor a vontade do adulto, e isso é o que denota o autoritarismo (MARANGON, 2007). Korczak (1997) lembra que em muitas escolas já não há mais milho onde se ajoelhar, puxões de orelhas, réguas e palmadas para corrigir o aluno ou ainda deixá-lo sozinho no canto da sala assistindo a aula sozinho. No entanto, ainda há outras formas de privar a liberdade de nossos alunos: proibir as brincadeiras durante o intervalo para o lanche, impedir conversas com os amigos, ameaçar-lhes com repreensões e advertências e expô-los na frente de outras crianças – todas seriam formas de castigos, ainda que em nome de uma ordem ameaçada.

Mudar a forma de uma punição, ou atenuá-la, não significa que você não a empregue. Que um castigo seja severo, pequeno ou apenas simbólico, as crianças sempre o temem. Você sabe disso e seu raciocínio é esse: se as crianças têm medo, a disciplina está salva.

Pode-se fustigar a sensibilidade, o amor-próprio da criança da mesma maneira como antigamente se fustigavam seus corpos (KORCZAK, 1997, p. 204).

Para o adulto, pode parecer não haver outra forma de manter a ordem. Afinal, é importante que as crianças compreendam a necessidade de organização e cooperação, aprendam os limites de suas ações bem como o respeito consigo e para com os demais. Para estas questões, Korczak nos dá algumas pistas quando relata sua experiência no orfanato ao, paulatinamente, construir com as crianças noções de convivência em comunidade, a

necessidade do respeito, da ordem e da justiça. Marangon (2007) destaca que algumas das **propostas pedagógicas** de Korczak no orfanato, como o jornal, a formação do tribunal e das leis, os julgamentos, o parlamento e a autogestão, só foram possíveis mediante a conscientização das crianças, ao seu trabalho árduo e até mesmo aos desentendimentos entre elas. Foi a partir dos conflitos e reestabelecimentos da ordem que foi formada uma democracia no orfanato. Korczak diz ainda: “Compreendi que as crianças são uma força com a qual podemos contar. Podemos fazer delas colaboradoras fiéis, assim como poderemos desencorajá-las pela falta de confiança. Por um curioso concurso de circunstâncias, essas verdades me foram ensinadas com golpes de bastão” (1997, p. 273).

Ele considerava a criança igual a qualquer outro ser humano, em toda e qualquer ocasião. Segundo Wassertzug (1983, p. 110), seu “procedimento e modo de reagir era livre, sem depender de certas circunstâncias que obrigassem o seu proceder”. Essa descoberta da alma infantil tinha um único propósito: compreender a criança e aliviá-la. Korczak (1997) conta que num certo dia, quente e ensolarado, um menino vestiu um casaco para o passeio. Ele a princípio não entendeu o motivo mas percebeu não se tratar de um capricho da criança. Como um educador perspicaz, notou que a calça do menino estava remendada e ele tinha vergonha de aparecer desta forma perante a menina com quem simpatizava. Assim, estava dada a explicação, embora muitas vezes seja difícil para o educador perceber as causas de determinado comportamento da criança.

O **respeito pela criança** é marca integrante do pensamento de Janusz Korczak e a base que sustentou sua construção pedagógica. Ele buscou compreender seus medos, suas aflições, suas angústias, seus desejos de qualquer ordem, seus comportamentos. Para ele, a criança merece ser respeitada, compreendida, amparada, amada, assim como o fariam com um adulto. Jamais deveríamos subestimar seus problemas, ainda que pareçam pequenos aos olhos do adulto, para a criança ele precisa de solução. Respeitá-las constantemente, observá-las com olhar atento e perspicaz. Korczak oferece pistas e sinais que acreditava ser necessários para que tratássemos melhor nossas crianças à luz do respeito, amor e compreensão desses sujeitos.

2.2 QUANDO EU VOLTAR A SER CRIANÇA: COLOCAR-SE NO LUGAR DA CRIANÇA PARA COMPREENDER SEUS SENTIMENTOS E GARANTIR SEU DIREITO AO RESPEITO, COMPREENSÃO E AMOR

A obra *Quando eu voltar a ser criança* é um romance literário²³, uma espécie de “ficção psicológica” (BELINKY, 1981, p. 10), escrita em primeira pessoa em que o narrador, um professor do primeiro ciclo do ensino fundamental (antigo primário), insatisfeito com sua vida e com seus problemas de adulto e da docência, começa a devanear sobre a sua infância em uma determinada noite deitado em sua cama.

O narrador relembra seus planos que fizera quando criança: construiria uma casinha para os pais com um jardim grande que ele mesmo cuidaria, e a mãe teria galinhas. Compraria muitos livros ilustrados ou sem ilustrações contanto que fossem interessantes, e tintas e lápis de cor para desenhar e pintar o tempo todo. Ele teria uma gralha, um pônei, um cavalo e três cachorros. Seus planos eram cheios de detalhes e, nesta noite, imerso em suas recordações infantis, ele, num profundo suspiro, sentiu saudades de ser criança.

Foi quando viu adentrar seu quarto uma luz que segundo ele assemelhava-se a uma estrelinha. Tratava-se de um gnomo que fora chamado pelo seu “Suspiro da Saudade” e que agora estava ali para realizar seu desejo: voltar a ser criança. Assim, na manhã seguinte o professor acorda como uma criança novamente, mas preserva consigo sua memória e consciência de adulto. São muitas as experiências vividas durante os poucos dias como criança – ele sente medo, alegria, angústia, tristeza, ansiedade, euforia. Estes dias retratados nesta obra nos levam a perceber que embora haja momentos felizes e sublimes na vida da criança, as injustiças e os medos também permeiam o mundo infantil.

(...) passando pela experiência de alguns dias na vida de um garotinho, ele descobre que ser criança – mesmo uma criança de classe média, bem-alimentada, com pais vivos, lar, irmãzinha, brinquedos – não é nenhum mar de rosas. São tantas dificuldades! Foram alguns momentos bonitos: um claro dia de neve, um “namoro” infantil, um cachorrinho encontrado na rua – são tantos problemas! Tantas incompreensões, arbitrariedades, autoritarismo, injustiças, violências morais e físicas que a criança tem que suportar, calada e submissa (BELINKY, 1981, p. 10).

Os dois primeiros capítulos livro, intitulados “Primeiro dia” e “Segundo dia”, contam o decorrer dos dias do garoto. São dois dias intensos em que ele pôde provar a alegria, o

²³ A obra de ficção é uma forma de descrever a realidade sob muitas possibilidades. Embora a teoria também o faça, a ficção transmite sua mensagem, alcançando diferentes tipos de leitores, aproximando deles essa realidade que é descrita.

medo, a vergonha, a dor que fazem parte do cotidiano de uma criança. O terceiro capítulo chama-se “Malhado” e refere-se ao cachorrinho a quem se afeioou, mas que depois foi preciso dá-lo para pagar como empréstimo que fez com um colega. “Amor” é o quarto capítulo em que ele relata sua paixão por uma menina chamada Mariazinha. O quinto e último capítulo denomina-se “Dias Cinzentos”, onde expressa suas preocupações, mágoas e tristezas e quando, também, o personagem se dá conta do quão difícil pode ser viver na pele de uma criança.

Ainda como adulto, o narrador-personagem ao relatar suas memórias de infância conta sobre uma vez estar indeciso se queria um cachorro ou um gato, ou até mesmo os dois. Tinha dúvidas também sobre os banquinhos que os velinhos usavam embaixo dos pés, e recorre aos pais em busca de solução para suas dúvidas:

- Mãe, fita vermelha fica melhor num cachorro ou num gato?
E ela disse:
- Você rasgou a calça outra vez.
Ao papai perguntei:
- Todo velinho precisa de um banquinho embaixo dos pés quando fica sentado?
Papai disse:
- Todo aluno deve tirar boas notas, e não deve ficar de castigo (KORCZAK, 1981, p. 16).

Após diversos episódios como este, disse ter parado de fazer pergunta aos pais e passou a deduzir as coisas sozinho. O que os adultos julgavam ser importante não condiziam com o que ele precisava saber naquele momento. Mas como adulto e professor, tem uma compreensão diferente: afirma que as crianças não prestam atenção e precisa se zangar o tempo todo. Não se sente satisfeito com sua profissão e tem aborrecimentos de toda espécie (KORCZAK, 1981). No entanto, ele passa a imaginar o que faria se fosse uma criança, colocando-se em uma inversão de papéis.

Se eu soubesse naquela época, nunca teria feito força para crescer. Ser criança é mil vezes melhor. Os adultos são infelizes. Não é verdade que eles podem fazer o que querem. Têm até menos liberdade do que as crianças. Têm pesadas responsabilidades. Têm mais aborrecimentos. É mais raro terem pensamentos alegres. É verdade que nós, os adultos, não choramos mais; deve ser porque não vale mais a pena chorar. Em vez disso suspiramos fundo (KORCZAK, 1981, p. 19).

Em seu primeiro dia de criança o narrador-personagem teme ser descoberto que ele é um menino que já fora um adulto; decidiu não revelar este segredo a ninguém. Deixa que sua mãe corte seu pão como se ele ainda não soubesse fazê-lo e disfarça ao olhar o relógio, pois não sabe se o garoto já aprendeu a ver as horas, pois se não, isso o trairia. Ele vai à escola e no

caminho já é capaz de notar algumas especificidades pertinentes ao mundo infantil, como a observação e a curiosidade. Ele demonstra felicidade em voltar a ser criança: “Acho-os todos calmos, os adultos e os estudantes. É claro: na rua não dá para fazer bagunça. E também ainda não se animaram. Tão cedo de manhã. Comigo é diferente: é meu primeiro dia de criança, então sinto-me alegre” (KORCZAK, 1981, p. 24).

Ele sente-se leve e caminha olhando para todos os lados, tudo chama a sua atenção: ele bate com a mão em uma placa de ferro sem saber ao certo porque fez isso, sente o vapor saindo da sua boca pois está muito frio. Ele logo pensa que poderia apitar como uma locomotiva e correr como uma em vez de caminhar. O garoto também se interessa por um cavalo que não aguenta puxar a carreta pois está mal ferrado, imaginando o que irá acontecer: será que o cavalo vai cair? O que o cocheiro irá fazer? E logo pensa: “Se eu fosse um adulto, passaria indiferente, é provável que nem repararia em nada. Mas como sou um menino, fico interessado” (KORCZAK, 1981, p. 24). São passagens como essas que demonstram a imensa capacidade de observação que Korczak possuía. Ele costumava passar horas do seu dia observando as crianças, ouvindo suas conversas, parando em alguns momentos para também conversar com elas, atentando-se para suas opiniões. Fazia isso para posteriormente anotar tudo quanto observara, analisando os acontecimentos, sempre na busca pela compreensão do universo infantil, de modo a representá-lo com tantos detalhes.

Korczak afirma que as crianças – e o personagem, que aparenta ter entre 7 e 8 anos – por estarem descobrindo muitas coisas, por estarem construindo e estabelecendo relações com um mundo que começam a conhecer, demonstram grande curiosidade sobre as coisas. Tudo querem aprender, saber, entender. São muitas questões. Para tentar compreender melhor o mundo que a rodeia, a criança segue perguntando e observando. Olha atentamente para tudo, não gostaria de perder nenhum detalhe, nenhum acontecimento (MARANGON, 2007, p. 120).

O menino acha curioso o fato de saber exatamente onde é a escola e quem encontrará lá: está tudo em sua mente. Ao chegar à escola, os alunos estão discutindo calorosamente sobre o rio e como a divergência de opiniões dá início a uma pequena confusão, o assunto muda para neve e então surgem alguns xingamentos. Cada qual expõe à sua maneira seus argumentos e opiniões e neste momento, o personagem começa a refletir que assim também o fazem os adultos, em uma mesa de bar, discutindo sobre política em vez da neve. Segundo ele, os adultos “discutem delicadamente, mas também fazem barulho” (KORCZAK, 1981, p. 25).

Ainda na sala, empresta o caderno para um colega copiar a tarefa. A professora chega e ele, envolto entre pensamentos infantis e adultos, acha engraçado a ideia de ser colocado de

castigo por ter emprestado o caderno e, ao mesmo tempo, teme ser pego e castigado. Tornou-se criança há pouco tempo e já provou a sensação do medo. A professora chega e o colega ainda não devolveu seu caderno, ele o chama baixinho mas o garoto não ouve, no entanto, a professora o ouviu, advertindo-o: “Está agitado por quê? Fica sentado, quietinho” (KORCZAK, 1981, p. 25).

Durante o recreio, seus amigos começam a correr mas ele acha esquisito apostar corrida com os garotos, mesmo assim, faz a mesma coisa. A sensação de correr é muito agradável para ele e, ainda que sue e canse, bastam apenas alguns instantes para que ele se recupere e volte a correr. Então, adulto e criança novamente interagem no pensamento do personagem: “Correr, para nós, é como andar a cavalo, galopando, competindo com o vento. Não se sabe nada, não se pensa, não se lembra de nada, nada se vê – apenas sente-se a vida, uma vida plena. Sinto que o ar está dentro de mim e em torno de mim” (KORCZAK, 1981, p. 27).

Terminado o recreio, ele está voltando para a sala mas com o impulso da corrida, acaba esbarrando no diretor quase derrubando-o. O menino o viu parado, mas não foi capaz de parar de correr a tempo. “O mesmo deve acontecer com os motoristas, os motoneiros. Entendo agora que eles são acusados injustamente. Um desastre, um infortúnio – mas sem culpa” (KORCZAK, 1981, p. 28). O diretor o pega pela gola e o sacode com força gritando com ele. O menino fica com muita vergonha, pois estão todos ao redor atentos à situação, assim, não conseguiu ao menos dizer seu nome quando questionado. Triste e envergonhado, ele segue o diretor até o seu gabinete. “E eu com vergonha do pessoal. Aparece a professora, manda os garotos entrarem na sala de aula. Agora fiquei sozinho. Abaixo a cabeça, que nem um criminoso” (KORCZAK, 1981, p. 29). Pouco depois, ele retorna para sala entristecido e, então, põe-se a refletir:

Fico sentado, pensando. Tenho muito o que pensar. Penso, não escuto nada, nem sei de que é que estão falando. [...] A professora pega o giz, fala alguma coisa, explica. E eu pior que surdo. Porque não ouço e nem sequer enxergo. [...] Agora entendo o que acontece com as crianças: quando alguma coisa fracassa, logo falha também isto e aquilo, e mais aquilo outro. Imediatamente a gente perde a confiança em si mesmo. Mas deveria ser bem diferente: quando um berra com a gente, outro deveria elogiar, encorajar, consolar. E será que é preciso berrar? Sei lá. Talvez seja, talvez não (KORCZAK, 1981, p. 29).

A partir das sensações percebidas pela memória do adulto na criança é possível perceber a opressão e a violências às quais as crianças com frequência são submetidas. As relações entre adulto e criança estabelecidas por Korczak buscam intensificar essa percepção

– a criança talvez não seja capaz de relacionar o ato de abaixar a cabeça e sentir-se culpado a um criminoso, mas o adulto é. Assim, apresenta-nos o olhar de alguém que respeita a criança, consegue olhá-la e compreendê-la, capaz de relacionar o abaixar a cabeça do menino e seu sentimento de culpa com um criminoso (MARANGON, 2007).

Senti vergonha, também, quando me seguraram pela gola, como se fosse ladrão. A um adulto ninguém segura assim, ninguém o sacode, quando ele inadvertidamente esbarra em alguém. É verdade que os adultos caminham com cuidado, mas também lhes acontece.

Por outro lado, as crianças têm direito de correr. E se têm esse direito, quem teria de tomar mais cuidado: eu, um menino, ou ele, um experiente educador? (KORCZAK, 1981, p. 29-30)

Após o fim da aula, ele retorna para casa com seu amigo Mundinho. Tudo no caminho lhe parecia interessante: o bonde, o soldado que passava, o cachorro, as lojas e seus letreiros. Sentia-se em meio ao desconhecido, o que aguçava ainda mais sua curiosidade e observação.

Tudo é novo, desconhecido, como se tivesse passado tinta fresca por cima. Não é bem o caso de dizer que tudo é desconhecido, porque é claro que conheço o bonde, mas por exemplo quero saber se o número é par ou ímpar, se é inferior ou superior a cem.

Pronto, inventamos um jogo (KORCZAK, 1981, p. 40).

Ainda no caminho de volta para casa, ele e o amigo veem um cachorro lamber o focinho e se perguntam se seria possível fazer o mesmo, assim, não seriam mais necessários os lencinhos. No entanto, durante as tentativas com as línguas para fora, são ofendidos por uma senhora: “Crianças estúpidas, mostrando a língua” (KORCZAK, 1981, p. 31). Sentiram-se envergonhados pois se esqueceram das pessoas que circulavam entre eles. Na verdade, aquela senhora não foi capaz de compreender o que os meninos estavam fazendo, não ouviu previamente a conversa deles e, portanto, acreditou se tratar de um ato inapropriado.

As situações apresentadas por Korczak evidenciam, através do diálogo entre os pensamentos da criança e do adulto, a relação de respeito (ou a falta dele) entre esses sujeitos. Se, tanto na ocorrência com o diretor ou com a senhora na rua, em vez de um menino fosse um adulto quem praticasse aquelas ações, as reações destes sujeitos seriam diferentes. Um esbarrão seria educadamente repreendido, e, ainda que julgasse inapropriado, a senhora não ofenderia, em voz alta pelo menos, um homem adulto. Marangon destaca:

É justamente essa diferença no trato entre a criança e o adulto que delimita a questão do respeito para com o infante. É na suposta transposição do personagem

criança/adulto que se pode averiguar o tratamento dispensado a cada um deles. É nesse momento que se percebe a humilhação sofrida pela criança (2007, p. 123).

Korczak enuncia uma visão de criança interessada em compreender as coisas do mundo, embora viva momentos de dor, medo e angústia. Seus sentimentos, sejam eles de alegria, tristeza ou dor, são tão reais quanto aos de um adulto, e são expressos pelos mais diversos motivos. No entanto, “Os adultos pensam que as crianças só são capazes de fazer bagunça e dizer bobagens; mas elas profetizam um longínquo futuro, discutem e debatem a respeito” (KORCZAK, 1981, p. 44). Ele denuncia a falta de respeito do adulto para com a criança, e explica, por exemplo, que “As crianças choram mais vezes do que os adultos, e não é por frescura, mas porque sentem as coisas mais profundamente” (idem, 1981, p. 77), ou então, quando uma criança cai e se machuca normalmente ouvirá do adulto “‘Bem feito, da próxima vez não fica fazendo bobagens’. Como se a criança sentisse menos, tivesse um outro tipo de pele” (ibidem, 1981, p. 48).

Desde cedo, as crianças enfrentam muitos desafios, cuja complexidade vai se alterando com o passar do tempo. Em seu primeiro dia de criança, voltando para casa, o menino e seu amigo Mundinho precisam enfrentar um desses desafios: a ameaça e provocação de um garoto maior e mais velho. O menino, que teve seu boné arrancado pelo garoto maior e fora ameaçado com um pedaço de pau, decide enfrentá-lo. Depois de uma breve discussão e ameaças do garoto mais velho, o menino acerta-o com um soco na testa e junto com Mundinho sai correndo. Já a salvo, o personagem reflete:

Mas Mundinho tem razão. Agora vou ter que me cuidar. Onde já se viu alguém tirar o boné da cabeça de um garoto, em plena luz do dia, numa rua cheia de gente! Se fizessem isto a um adulto seria um escândalo, juntaria uma multidão, apareceria um guarda. Mas a vítima sendo criança, não acontece nada. No meio das crianças também existem aventureiros, e não temos nenhuma ajuda nem proteção contra eles – temos de nos defender sozinhos (KORCZAK, 1981, p. 45).

As experiências vividas em seu segundo dia como criança são também intensas como as do primeiro. O dia está bastante frio e a neve chegou, o que para as crianças foi uma excelente notícia. No recreio, os alunos vão brincar na neve e começam a enfrentar uns aos outros como numa “guerra de bola de neve”. É preciso estratégia e agilidade nesta brincadeira, e no meio deste combate o narrador-personagem começa a refletir: “A luta não é contra o homem, mas contra o tempo. Cada momento deve ser aproveitado, a perda de qualquer fração de segundo é um desperdício. Cada instante deve ser vivido, espremido, sugado até a última gota do gozo do movimento” (KORCZAK, 1981, p. 62).

Ao voltar para casa, novamente com seu amigo Mundinho, pararam em frente de diversas lojas, admirando as vitrines e dizendo um ao outro o que gostariam de comprar. Em uma loja escolhem um estojo de compassos e um bonequinho, na outra, um tablete de chocolate grande, e numa próxima, uma boneca para Irene, irmã mais nova do menino, e um vaso de flores para a mãe de Mundinho. Korczak relata aqui que, diferente dos adultos, o valor mercantil de um objeto não é importante para as crianças, elas conhecem os objetos necessários e os desnecessários e estão sempre dispostas a trocar uma coisa cara por outra que tenham muita vontade de possuir. Os garotos continuam sua caminhada e longas conversas, e, em consequência disso, o menino chega atrasado em casa. A mãe o recebe aos gritos, reclamando estar farta de cozinhar e lavar a louça, que o garoto estraga os sapatos, irá na escola queixar-se dele, que ela morrerá por sua causa, entre outros “desabafos”. A criança não compreende. “Muitas vezes você nem escuta o que eles gritam, não entende uma só palavra. Nem sabe o que querem. Só ouve um vago zumbido, e a cabeça fica tonta” (KORCZAK, 1981, p. 76).

Em um determinado dia o menino acordou triste. Ele afirma que a tristeza é um sentimento suave e agradável, que o faz refletir sobre a vida. Ele então sente pena da mãe pois as traças comeram seu vestido, do pai que precisa trabalhar, da avó que está velha e logo morrerá, do cachorrinho que está sozinho com frio, e da florzinha cujas pétalas caem e ela parece doente. Imerso neste sentimento e reflexões, ele afirma querer ajudar a todos e tornar-se uma pessoa melhor. O menino fala ainda da vontade que tem de ficar sozinho ou então ter a companhia de alguém para conversar sobre diversos assuntos e ressalta a necessidade que sente em conversar consigo mesmo, sozinho e em silêncio. É preciso pensar nas coisas da vida, naquilo que acontece com ele e ao seu redor, depois de muito correr e brincar. De acordo com Marangon (2007), é por reconhecer essa necessidade da criança que Korczak cria em seu orfanato o Canto Íntimo, um lugar onde era proibido barulho, agitação, bagunça, destinado àqueles que precisavam ficar a sós consigo mesmos e refletir.

Algumas vezes, o personagem encontra-se fazendo planos para quando voltar a ser adulto novamente. Como professor, ele afirma que tentará entender melhor seus alunos, para que assim não haja dois campos inimigos: “de um lado a turma, do outro ele e alguns puxa-sacos. Procurarei introduzir sinceridade” (KORCAZAK, 1981, p. 67-8). Também quando percebesse a classe dispersa e desatenta, pararia o que estivesse explicando e perguntaria um a um sobre o que estão pensando. Sem repreensões e gritos. Apenas anotaria tudo em seu caderno para então a partir destas anotações escrever um livro.

Quero escrever um livro sobre a escola. Para que todos se convençam de que nem sempre é possível prestar atenção na aula. Quem sabe no inverno os recreios deveriam ser mais longos, quem sabe num dia de céu claro os alunos se cansam mais depressa. Muita gente escreve livros sobre a escola. E sempre propõem coisas novas, para as condições melhorarem para as crianças e os professores. Porque vocês vão se formar um dia e irão embora, mas nós continuaremos indo à escola a vida toda (KORCZAK, 1981, p. 68).

Ele continua imaginando e fazendo planos para a vida adulta novamente e conclui: “Parece que as coisas não são fáceis nem para as crianças, nem para os adultos. Uns e outros têm suas preocupações e tristezas” (KORCZAK, 1981, p. 69).

Certo dia em uma festa, o menino conhece Mariazinha, uma garota de Wilno que veio passar a semana em Varsóvia. Eles dançam, conversam, mas logo um outro menino aparece e a convida para andar em seu trenó. Após este episódio, ele chega em casa e descobre-se apaixonado.

Pois é: amo Mariazinha

[...]

E aí começa uma outra diferença. Gosto de Malhado de uma maneira, dos meus pais de outra, de Mundinho de outra ainda, e também de outra maneira gosto de Mariazinha de Wilno.

Bem, pode-se dizer simplesmente:

“Gosto, gosto muito, amo.”

E acabou. (KORCZAK, 1981, p. 125).

Nos próximos dias, o garoto aparenta tristeza e apatia, pensando em Mariazinha e em como seria bom viajar ou até mesmo mudar-se para Wilno. “Como seria bom se todas as meninas fossem como ela. Mas quem sabe um dia a gente vai mesmo a Wilno? Papai arranja um trabalho por lá? Nada é impossível” (KORCZAK, 1981, p. 121). As crianças também pensam no amor.

O garoto recebe um postal de Mariazinha e leva a escola para mostrá-lo a Mundinho. No entanto, um aluno da turma o arranca da sua mão e corre. Sua fúria é tamanha que, ao recuperar o postal, pica-o. Os outros alunos começam a zombar dele e então, tomado pela raiva, dá um tapa na cara de um deles, mas o diretor presenciou o tapa e agarrou a mão do menino.

Pois é. Ficou estragado. Costumava fazer desenhos bonitos. E escrevia bem. Agora não presta atenção. É agitado. Faz os deveres de qualquer maneira.

Mandam buscar minha mãe.

- Espere só até seu pai voltar do trabalho. Nunca mais ele te dá dinheiro para o cinema.

Estou acossado de todos os lados.

De todos os lados, palavras más, olhares maus, e anúncios de algo ainda pior (KORCZAK, 1981, p. 153).

O professor, que tanto quis ser novamente criança a fim de livrar-se de suas preocupações e problemas da vida adulta, estava agora desiludido com a vida infantil e cansado de tantas repreensões e incompreensões. Sentia um vazio dentro de si e profunda tristeza. Ele correu para o sótão e sentou-se no degrau em frente à porta. Após suspirar fundo, viu surgir pela rachadura da porta um homenzinho com uma lanterna:

- Ah, é você!
 Ele alisa a barba branca. Não diz nada.
 Fica esperando.
 Num murmúrio sem esperanças, atravessando as lágrimas, digo:
 - Quero ser grande. Agora desejo ser adulto.
 A lanterna do anãozinho piscou na frente de meus olhos (KORCZAK, 1981, p. 154).

Ele, então, viu-se enfim sentando em frente a sua escrivaninha onde tinha uma pilha de cadernos para serem corrigidos. “É uma pena. Mas não quero voltar atrás” (KORCZAK, 1981, p. 154).

De diferentes formas, Korczak construiu elos que conectaram o pensamento e a ação infantil ao adulto durante toda sua obra, e é possível perceber as diferenças entre o mundo do adulto e da criança através de seu entrelaçamento de ideias. Percebe-se ainda a diferença entre o tratamento dirigidos aos adultos e àquele dirigido às crianças, o que leva a enunciar a necessidade de empatia para com as crianças. Suas comparações entre o universo adulto e infantil evidenciam a urgência em reconhecer à criança o respeito, o amor e a compreensão que lhes são devidos.

É sempre assim: o adulto está muito ocupado, a criança está zanzando à toa; o adulto tem senso de humor, a criança faz palhaçadas; o adulto sofre, a criança choraminga ou berra; o adulto tem movimentos rápidos, a criança é agitada; o adulto está triste, a criança está de cara feia; o adulto é distraído, a criança vive no mundo da lua. O adulto ficou mergulhando nos seus pensamentos, a criança está abobalhada. O adulto faz alguma coisa pausadamente, a criança se arrasta. É uma linguagem que pretender ser engraçada, mas resulta indelicada. Pirralho, fedelho, bobalhão – mesmo quando não querem brigar com a gente, quando querem ser afetuosos. Azar, a gente acaba se acostumando, mas este menosprezo é desagradável e às vezes irrita (KORCZAK, 1981, p. 94-5).

E tais especificidades mencionadas por Korczak há tanto tempo certamente contribuíram para o reconhecimento das especificidades e singularidades da criança e consequentemente, de sua educação.

Imagem 09: Korczak com as crianças do orfanato.



Fonte: <https://revistacontemporartes.blogspot.com/2012/10/janusz-korczak.html>

Imagem 10: Korczak e Stefa com as crianças, em 1923.



Fonte: <https://revistacontemporartes.blogspot.com/2012/10/janusz-korczak.html>

Imagem 11: Korczak com crianças do orfanato e um dos professores (1934-1935).



Fonte: <https://revistacontemporartes.blogspot.com/2012/10/janusz-korczak.html>

3. A EDUCAÇÃO EM KORCZAK

Este capítulo aborda as concepções e ideais pedagógicos de Korczak que foram, majoritariamente, aplicadas em seu orfanato mais conhecido como o “Lar das Crianças”. Para tanto, a análise ancora autores como Szpiczkowski (2008), Monteiro (2006), Gonçalves (2015), Gadotti (1998), Peroza (2018), Grzybowski (2007), Marangon (2007) que se propuseram a estudar a temática, bem como a obra *Como amar uma criança* (1997), em que o autor polonês descreve com detalhes seu ideal de educação e como foi realizado.

Como vimos anteriormente, a trajetória de Korczak como educador teve seu início após a morte de seu pai, quando precisou ajudar no sustento da família, já que a maior parte das finanças dos Goldszmit havia sido gasta no tratamento do pai dele. Nessa ocasião, Korczak tinha apenas dezoito anos e sua primeira experiência foi como professor particular de filhos de amigos e conhecidos.

Logo de início, inventou uma técnica que acalmava as crianças. Ele chegava com uma maleta e a abria calmamente; aos poucos as crianças se aproximavam e o jovem Korczak deixava que elas examinassem cada objeto dentro desta maleta. Em seguida, contava um ou dois contos de fadas para só então lhes apresentar a gramática, história, geografia, ou qualquer outro conteúdo pertinente às matérias escolares. Embora tenha frequentado escolas tradicionais e muito rígidas, Korcza preferia não utilizar métodos parecidos com aqueles que teve em sua vida escolar. Ele primeiro conquistava a confiança da criança, instigava sua curiosidade e interesse para, então, ensinar-lhe a partir dos contos que envolviam o lúdico e a imaginação. Szpiczkowski (2008) comenta que Korczak acreditava na importância de se conquistar a confiança da criança, pois desta maneira cria-se uma atmosfera educacional capaz de afastar qualquer suspeita que possa existir entre o educador e o educando.

Tudo se torna mais fácil para o educador que conseguir conquistar seu grupo, mas, se dominado por uma cólera impotente, começa a repreender e a se zangar com todos, os meninos, perversamente, farão tudo para excitá-lo ainda mais e sua vida se tornará um inferno. Ele se arrisca então, por uma questão de autodefesa, e apelar para formas mais brutais de violência (KORCZAK, 1997, p. 313-14).

É importante ressaltar que essa forma de compreender a infância e se relacionar com a criança, respeitar seus interesses e necessidades, e compreender suas aflições são comportamentos que vem sendo construídos desde o século XVIII. De acordo com Monteiro (2006), foram as ideias de Jean-Jacques Rousseau que impulsionaram a expansão e

modernização das representações e práticas da infância, ao constatar que a criança deve ser compreendida em sua “natureza”, como um ser integral e completo, considerando sua humanidade e especificidade. Rousseau (1712 – 1778) discordou da prática educativa de sua época que centralizava-se nos interesses da vida adulta e em uma formação futura, ainda distante da criança. Para ele, a teoria e a prática educativa deveriam centrar-se nas necessidades e atividades da criança, seguindo seu curso natural de desenvolvimento.

Desde então, fortes mudanças vêm ocorrendo tanto no mundo social como na esfera educativa, e assim, “a criança passa a ser alvo de renovado interesse, regido sobretudo por uma crescente preocupação em compreender quer a sua especificidade, quer as suas particularidades” (MONTEIRO, 2006, p. 76). E para a autora, foi a partir de uma acentuada oscilação entre as novas ideias pedagógicas, fundidas na centralidade da criança no processo educativo, que se deu a transição do século XIX para o século XX:

Serão três os elementos básicos para a concretização dessa renovação educativa e pedagógica, no qual o movimento Escola Nova, no raiar no século XX, depositará toda a sua acção: o primeiro diz respeito à concepção de sujeitos/ educandos (coeducação), o segundo à instituição educativa e o terceiro aos conteúdos, com base no princípio de uma aprendizagem activa, direccionada para uma educação capaz de abraçar um conceito de integralidade, voltada para a vida e a para a realidade (MONTEIRO, 2006, p. 77-8).

O movimento Escola Nova desenvolveu-se especialmente na Europa e contribuiu fortemente para a importância e o espaço que a infância vinha adquirindo. Nesse ínterim, a visão educacional de Korczak teve influência do pensamento educacional da virada do século, em que o respeito pelos interesses da criança estava significativamente presente nas reflexões acerca da educação neste período. As propostas pedagógicas de Korczak convergiam para a criança, colocando-a no centro do processo educativo, e de acordo com Tezzari (2012), seu pensamento dialoga com Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778), Johann Henrich Pestalozzi (1746 – 1827), John Dewey (1885 – 1952), Maria Montessori (1870 – 1952), Ovide Decroly (1871 – 1932), Henri Wallon (1879 – 1962), Alexander S. Neil (1883 – 1973), Anton Makarenko (1888 – 1939) e Célestin Freinet (1896 – 1966).

Korczak era contrário à ideia de que a criança deveria ser moldada conforme as expectativas do adulto, seu princípio norteador era de que o adulto não deveria se sobressair sobre a criança, mas sim respeitar e levar em consideração suas opiniões, sugestões e ponto de vista (GONÇALVES, 2015).

Korczak defende com vigor o direito da criança ser ela mesma, viver o seu momento presente, seu momento feliz. Não pretende enganar a criança, como faz a educação tradicional, prometendo a felicidade para amanhã, adiando a felicidade que ela pode gozar hoje. A criança não pode ser considerada um projeto de homem e o homem não é certamente um "animal racional", como queriam Aristóteles e a escolástica. Essa definição de homem que considera a criança um pequeno animal, um ser "menor", condicionou muitas pedagogias autoritárias. Daí ele afirmar que o "primeiro e indiscutível direito da criança é aquele que lhe permite expressar livremente suas idéias", portanto, apreciar sua conduta e decidir sobre sua vida em "em debate" com o adulto responsável por ela (GADOTTI, 1998, p. 4).

Ressalta-se ainda que Korczak se aproxima do pensamento de Rousseau e Pestalozzi ao compreender que a criança possui uma “essência” humana, que lhe é natural, e que a intervenção educativa pode contribuir tanto para subvertê-la quanto para empoderá-la. Assim, ele criticou o sistema de ensino de sua época pautado em aulas puramente expositivas, em que o currículo estava separado da vida prática do educando e professores e alunos eram grupos distantes. Ele propôs, então, um sistema educacional baseado na cooperação entre escola, família e as várias instituições sociais (PEROZA, 2018).

Grzybowski (2007) descreve que, em palestra aos membros da associação “Nosso Lar”, Korczak disse que o objetivo da educação de seu tempo era preparar a criança para a vida, pensando no adulto que ela será, mas ao mesmo tempo, esclarecia que as crianças já são pessoas e que merecem reconhecimento e serem tratadas como seres vivos e humanos. Korczak acreditava que o objetivo da educação era criar a criança como um ser útil e feliz. “Para atingir isso, é necessário adquirir o amor, a estima e a confiança da criança. Ao mesmo tempo, não devemos nos iludir que os adultos adquiram isto sem esforços e dificuldades de sua parte” (GRZYBOWSKI, 2007, p. 14). Segundo o autor, a educação para Korczak estava relacionada com mudança, principalmente de si mesmo. A **autogestão**, marca integrante e fundante dos princípios educacionais de Korczak, é o que impulsiona essa mudança da qual fala o educador: “incessante melhoria, correção e rearranjo de sentimentos e ações próprias – não algo por temor diante da punição, ou ordem de quem cuida, mas por consciência de regras existentes e opiniões dos da mesma idade” (GRZYBOWSKI, 2007, p. 15).

A autogestão é uma prática que parece estar integrada às concepções pedagógicas de diversos educadores:

A escola activa de Ferrière e Steiner, o método apoiado nos centros de interesse de Decroly, a escola social de Dewey, as bases de uma pedagogia institucional protagonizada por Freinet, a pedagogia constitucional de Korczak, a pedagogia pela aprendizagem preconizada por Cousinet e a auto-educação em sentido prático e inteligente de Montessori, tornaram-se em pedagogias que, de uma forma ou de outra, a sua pedra angular não era mais que respeitar as características individuais do educando e, em algumas delas, integrar uma aprendizagem que fosse determinante

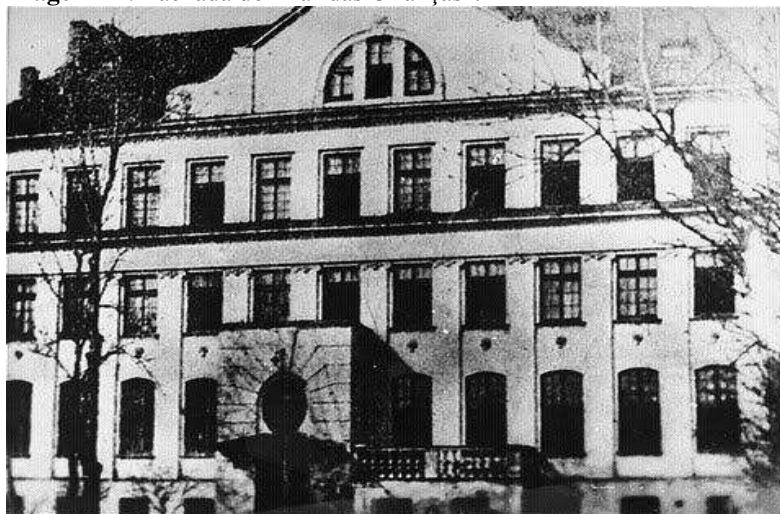
para a resolução de questões úteis, quer para o indivíduo, quer para a sociedade. A pedagogia autonómica, encarada sob diversos prismas, é, deste modo, o pilar de toda esta nova dinâmica educativa: a educação para a autonomia, como resultado da junção de uma pedagogia não directiva, de uma pedagogia de grupo e de uma pedagogia institucional, quando assim entendida, não é mais que o desabrochar de uma ideia preconizadora de que o educando se educa para a autonomia mediante uma aprendizagem crítica e reflexiva, afastada da componente não doutrinária e dogmática dos conteúdos escolares (MONTEIRO, 2006, p. 78).

A tais concepções não-diretivas, seria possível incluir também alguns autores identificados com a pedagogia libertária, tais como a metodologia baseada na cooperação e respeito mútuo, de Francesc Ferrer (1859-1909) e a pedagogia indutiva e estimuladora do autodidatismo que Sebastian Faure (1858-1942) propôs na escola *A colmeia*.

Vimos que diversas propostas pedagógicas de Korczak foram aplicadas no orfanato “Lar das Crianças” ou “República das Crianças” como também ficou conhecido, idealizado por ele e também, ao seu lado, sua grande parceira de trabalho Stefania Wilczynska (Stefa). Durante o período de sua construção, Korczak ressalta:

Nunca tinha tido a oportunidade de compreender tão bem a beleza da ação que se concretiza, de um trabalho tão ardente como uma oração. De um dia para o outro, um quadrado desenhado sobre a planta do edifício se transforma numa sala, num quarto, num corredor. Eu, que estava acostumado às estéreis disputas de opiniões, assistia, enfim, a uma realização. As decisões tornavam-se diretivas para um artesão encarregado de lhes dar forma. Cada ideia devia ser avaliada visando a sua finalidade: era preciso pensar no seu preço, utilidade, meios de realizá-la. Um educador ignora que com a madeira, o zinco, o papelão, a palha ou os fios de ferro poderá criar uma porção de objetos facilitando e simplificando seu trabalho, ajudando a economizar tempo e raciocínio (KORCZAK, 1997, p. 310-11).

Imagem 12: Fachada do “Lar das Crianças”.



Fonte: <http://avidanofront.blogspot.com/2010/05/janusz-korczak.html>

Todavia, Korczak afirma ser necessária a presença do educador para que possa opinar a auxiliar no planejamento do ambiente educacional, já que ele é quem conhece as particularidades da convivência e as demandas e organização dos diferentes espaços dentro do processo educativo. Assim, seria possível minimizar certos incômodos causados pela inexperiência educacional dos arquitetos e engenheiros.

O bom funcionamento cotidiano do internato depende do edifício que abriga as crianças e do terreno sobre o qual foi construído. Quantas repreensões amargas fazemos às crianças e aos empregados por causa dos erros cometidos pelo arquiteto! Quantas dificuldades, trabalhos suplementares e aborrecimentos por causa das negligências do construtor! E mesmo que seja possível fazer alguma modificação, será preciso muito tempo para ainda mostrar que realmente esses defeitos existem e persuadir as autoridades da necessidade desses trabalhos, sem falar dos erros irreparáveis (KORCZAK, 1997, p. 307).

Segundo Korczak, o Lar das Crianças foi construído para que pudesse observar tudo e todos. Assim, o ambiente contava com um grande pátio no piso térreo, onde um olhar atento poderia observar e controlar o conjunto. Os dormitórios também eram grandes, separados de acordo com o sexo. Korczak tinha seu dormitório ao lado dos meninos e o de Stefa localizava-se ao lado das meninas. Entre os dormitórios das crianças havia uma área de vidros, onde Korczak tinha uma mesa e de lá observava o sono das crianças. Ali, ele registrava suas anotações feitas ao longo do dia, provenientes de sua atenta observação. O ambiente do orfanato era bastante acolhedor, e quadros e aquário faziam parte da decoração.

Imagem 13: Dormitório e sala de jantar



Fonte: ajkb.org.br/arquivos/materias/As_Criancas_do_Orfanato_de_Janusz_Korczak_doc_Sarita.pdf

Imagem 14: Banheiro do Lar.



Fonte: MARANGON, 2007, p. 72.

Inicialmente, chegaram ao orfanato cinquenta crianças do Refúgio²⁴, após terem passado o período de férias em uma colônia. A maioria dos internos era oriunda de famílias pobres, desestruturadas ou realmente órfãos. Aqueles que tinham pais viam-nos semanalmente.

No Lar, a nova vida, bem como as mudanças que dela demandaram, e as novas regras não foram prontamente aceitas pelas crianças. O local onde habitavam anteriormente, o Refúgio, era um prédio alugado e bastante desconfortável, os móveis eram desiguais e as roupas de cama e mesa bastante usadas. E lá, “as crianças estavam acostumadas a exercer livremente sua vontade, as regras eram, normalmente, impostas pelas crianças mais fortes e a disciplina decorria dessa autoridade. Assim, vendo-se frente a uma autoridade impessoal e permanente, rebelaram-se” (MARANGON, 2007, p. 91). O desejo de Korczak era construir no Lar uma vida harmoniosa, no entanto, a conquista de uma república democrática das crianças, como se viu, não ocorreu de imediato:

De que forma as crianças manifestam sua hostilidade? Por uma quantidade de pequenos detalhes cujas significações somente o educador é capaz de conhecer, de tal modo são imperceptíveis e aparentemente insignificantes. É a freqüência que os faz penosos. Por exemplo: você diz ser proibido sair da mesa levando um pedaço de pão; um deles pergunta por que você resolveu que seria assim; um outro se levanta segurando seu pedaço de pão e diz: “Eu não tive tempo de comê-lo”; dois ou três esconderam o pão. Basta que você lhes diga: “É proibido esconder seja o que for, debaixo do travesseiro ou do colchão”, para que um deles lhe responda que se ele guardar as suas coisas na gaveta, elas serão roubadas; o outro, a quem você surpreendeu pondo um livro debaixo do travesseiro, dirá com um ar inocente que tinha pensado que “em se tratando de livros, fosse permitido. [...]”

Para cada uma de suas iniciativas você encontrará dificuldades imprevistas, assistirá a uma lenta sabotagem de tudo o que, para você, já estava definitivamente estabelecido. Ficará sem saber se o que acontece é por acaso, ou um mal-entendido, ou por má-vontade... É preciso tempo para acordar a consciência. O educador, que tem boa vontade e métodos prudentes, verá, dia após dia, aumentar o número de

²⁴ Abrigo onde Korczak conheceu Stefa e frequentava com bastante regularidade.

seus partidários que vêm reforçar o grupo daqueles que aceitam uma “nova orientação” (KORCZAK, 1997, p. 312, 13).

No final do primeiro ano, o orfanato estava completamente pronto e logo em seguida chegaram mais cinquenta crianças, somando um total de cem internos no Lar. Durante este período, paulatinamente, Korczak e Stefa foram conquistando as crianças e colocando em prática seus ideais pedagógicos. Algumas invenções auxiliaram na direção e organização do orfanato que compuseram a autogestão, na qual as próprias crianças seriam as responsáveis por tudo aquilo que envolvia a administração e convivência interior. A autonomia de pensamentos, de tomada de atitudes, a responsabilidade por seus atos, a liberdade de escolha, de decisão e de ação tinham como intuito formar cidadãos responsáveis, conscientes de seus atos e, principalmente, felizes pela possibilidade de decidir e aprender, a pensar por si próprio e não apenas obedecer a ordens autoritárias de educadores indiferentes às descobertas infantis e às especificidades de seu mundo.

3.1 OS DISPOSITIVOS PEDAGÓGICOS NO “LAR DAS CRIANÇAS”

A seguir, destacam-se algumas práticas e propostas que nortearam as concepções de educação desenvolvidas no Lar das Crianças, por Korczak: o Quadro, a Caixa de Cartas, a Vitrine dos Objetos Achados, a Vassoura-Escova, o Comitê da Tutela, as Reuniões-Debate, o Jornal, o Tribunal de Arbitragem, o Parlamento, e a Autogestão.

“A criança, em nossa casa, era a hóspede, o empregado e o diretor. Tudo o que lerão em seguida, não é nossa obra, mas das crianças” (KORCZAK, 1997, p. 314).

3.1.1 O Quadro

O quadro de avisos foi fixado num local visível e não muito alto. Ali eram afixados todos os comunicados da instituição, de toda e qualquer natureza. Korczak afirma que antes dele a comunicação entre educadores e crianças era muito falha, “Sem o quadro a vida era um suplício. Não adiantava nada falar em voz bem alta e nítida” (KORCZAK, 1997, p. 314). Ele dizia que enquanto algumas crianças haviam entendido outros ainda tinham dúvidas e queriam explicações, e admitia que em meio a tantas perguntas e comentários, ele mesmo ficava confuso não conseguindo, por vezes, transmitir o aviso.

Sobre as crianças que ainda não haviam sido alfabetizadas, Korczak disse não se preocupar, ao contrário, ele ressaltava que para reconhecer seus nomes, não havia necessidade

do domínio da linguagem escrita e elas poderiam pedir ajuda aos que já sabiam ler. Ademais, o sentimento de dependência em relação às outras crianças alfabetizadas despertaria nelas o desejo de aprender a ler.

Alguns exemplos dos anúncios afixados no quadro:

“Amanhã, às 10 horas, distribuição de roupas novas. Como as roupas não estão todas prontas, as crianças A, B, C, D não precisam se apresentar... Para o recolhimento das roupas velhas devem se apresentar as crianças F e G...”
 “Quem encontrou ou viu uma chave pequena amarrada com uma fita preta?”
 “Quem quebrou a vidraça do banheiro deve ir ao meu escritório.” (KORCZAK, 1997, p. 315).

Todos os comunicados que eram postos no quadro dirigiam-se tanto para as crianças como para os adultos. Korczak destaca que este era um quadro vivo, onde se encontravam os mais variados conteúdos.

O quadro dava possibilidade de iniciativas quase ilimitadas para o educador e as crianças. Mas era também um divertimento. Sempre que a criança dispunha de um pouco de tempo parava diante dele boquiaberta: uma informação tirada de um jornal, um desenho, uma charada, o perfil das brigas, a lista das coisas que tinham sido estragadas, as economias das crianças, seu peso, sua altura. Podiam afixar tudo: os nomes das grandes cidades, o número dos seus habitantes, preço dos alimentos. Parecia um almanaque ou a vitrina de uma loja (KORCZAK, 1997, p. 316).

3.1.2 A Caixa de Cartas

Enquanto o quadro representava uma possibilidade de dar às perguntas uma resposta fácil, em que bastava responder para olhar no quadro, a caixa de cartas permitia que adiassem uma decisão: escrevia-se acerca da situação para posteriormente avaliá-la.

O orfanato era um ambiente agitado e o convívio com muitas crianças dificultava a comunicação entre elas e os educadores, ou até mesmo que estes pudessem lhes dar atenção individual mais pacientemente. Por isso, sugeriu a proposta da caixa de cartas: nela as crianças depositavam suas queixas, expressavam seus sentimentos, escreviam suas dúvidas, pedidos de informações, solicitação de autorização, entre outros assuntos.

Cada noite retirava um punhado de folhas de papel escritas com uma letra desajeitada e, no silêncio do escritório, podia refletir calmamente em tudo o que, na agitação do dia sobrecarregado de trabalho, teria provavelmente me passado despercebido ou que considerava pouco importante.
 “Será que poderia sair amanhã, porque o irmão de mamãe chegou?”
 “As crianças são más comigo.”
 “O senhor é injusto: fez pontas nos lápis de todo mundo e não quis fazer no meu.”

“Eu não quis dormir perto da porta, porque de noite fico com medo que alguém vá entrar.”

“Eu estou zangado com o senhor.”

“Na escola, a professora disse que estou progredindo.”

Talvez você encontre até mesmo um poema não assinado. A criança teve uma idéia, passou-a para o papel e, não sabendo o que fazer com aquilo, pôs na caixa de cartas (KORCZAK, 1997, p. 317).

Para Korczak, a caixa de cartas ajudou os internos a aprender muitas coisas: esperar uma resposta em vez de exigí-la imediatamente; distinguir entre um simples desejo e algo realmente importante; pensar e refletir sobre uma ação e tomar uma decisão; pedir ajuda a outro com maior conhecimento do código linguístico. Ele ainda disse que a caixa de cartas não apenas não impede a comunicação oral, ao contrário, torna-a mais fácil, pois possibilita ao educador mais tempo para que dedique parte do seu dia às crianças que necessitam de uma conversa longa e confidencial. “Existem crianças que não gostam de escrever? Sem dúvida, mas são sempre aquelas que possuem muito encanto: um sorriso, um beijo, que aproveitam cada situação propícia para agradecer ao educador” (KORCZAK, 1997, p. 318).

3.1.3 A Vitrina dos Objetos Achados

As crianças possuem os mais diferentes tipos de objetos guardados em seus bolsos e gavetas, cujo valor apenas a criança compreende. Preocupado com o valor sentimental destes objetos guardados pelas crianças, desde gravuras, cartões postais, pedras, barbantes, conchas, penas de pássaro, selos, contas coloridas, folhas e flores secas, etc., Korczak criou a vitrina dos objetos achados, o que facilitava a devolução do que foi perdido.

Tudo quanto era encontrado era depositado em uma caixa e posteriormente, com a ajuda de um assistente, entregue aos donos em determinados horários. Segundo Korczak, todo objeto, por menor que fosse, possui um dono, daí a iniciativa em devolvê-lo. Mas o que mais o motivou a criar a vitrina foi que:

Todas essas coisinhas têm uma história, às vezes complicada, origem e valor sentimental próprios. Representam lembranças do passado e projeções nostálgicas do futuro. Uma concha significa o sonho de uma viagem por mares distantes; um parafuso e alguns pedaços de fios de ferro: um aeroplano, imagem de um vôo maravilhoso; o olho de uma boneca quebrada há muito tempo é, muitas vezes, a única lembrança de um amor que aconteceu e não voltará mais. Você descobre, às vezes, a fotografia de uma mãe, ou, enrolados num pedaço de papel cor-de-rosa, dois tostões herdados de um avô que morreu (KORCZAK, 1997, p. 321).

3.1.4 A Vassoura-Escova

O trabalho doméstico do orfanato era dividido pelas crianças. Korczak pontua a necessidade de se respeitar o trabalho realizado com a vassoura, a pá de lixo, o balde, o pano de chão, assim como o martelo e a plaina, tanto quanto aqueles realizados com os livros. A vassoura e o pano de chão, que antes ocupavam a parte de baixo da escada, passaram a ocupar a entrada dos dormitórios.

Temos seis vassouras para nossos dois dormitórios. Se fossem menos, reclamaria, brigariam, seria uma confusão! Se partirmos do princípio de que uma mesa bem limpa tem o mesmo valor que uma página de caderno escrita com cuidado, se fazemos questão de dar ao trabalho doméstico um caráter educativo e não aquele de uma mão-de-obra explorada, porque gratuita, devemos antes fazer um estudo sério deste problema; passar em seguida ao estágio de experiência e, quando confiarmos às crianças suas tarefas respectivas, estaremos certos de poder exercer controle vigilante (KORCZAK, 1997, p. 323).

Embora todas as tarefas do Lar fossem divididas entre as crianças, este não foi um processo imediato, ao contrário, foi necessário um longo período de conhecimento acerca dos trabalhos a serem desenvolvidos bem como da capacidade das crianças que os executariam. Diferente do que se possa imaginar, o estabelecimento de horários e a divisão de tarefas ocupou a fase final dessa organização doméstica. Korczak afirma que algumas atividades exigiam menos daqueles que as realizariam, como por exemplo, arrumar as cadeiras, recolher pedaços de papel, tirar o pó, as quais eram facilmente executadas. Já outras exigiam maior coordenação de responsabilidades, tanto diárias (como auxiliar na distribuição das refeições) como semanais (entregar roupas de cama, banho e corte de cabelo), ocasionais (tirar os colchões e colocá-los do lado de fora para tirar a poeira) a algumas que são feitas apenas na mudança de estação (limpar os W.C do jardim no verão ou tirar a neve do inverno). Há também os vigilantes de cada andar do orfanato, responsáveis por verificar o andamento das atividades e, quando necessário, auxiliar as crianças durante suas atividades.

Todos os meses as tarefas mudam e a lista dos responsáveis ficava afixada em um lugar visível. São as próprias crianças que oferecem sua colaboração através da caixa de cartas. Korczak diz ainda que as crianças combinam entre si o que irão fazer, escolhendo seu trabalho, e solicitam autorização. Ele afirma que a criança que é menos responsável terá alguns aborrecimentos, pois não encontrará facilmente quem queira trabalhar com ela.

Cada tarefa tem seus lados bons e maus. Um bom entendimento é necessário entre todos. Cada trabalho novo proporciona às crianças surpresas agradáveis e algumas

dificuldades que precisarão ser vencidas. O fato de executar alguma coisa nova incita ao esforço. O trabalho é agradável? A criança redobrará sua energia para conseguir outra vez o mesmo lugar. É cansativo? Você se esforçará ainda mais para conseguir a tarefa que quer.

Consegue-se assim uma real igualdade de sexos e as idades diferentes. Mesmo bem pequena ainda, uma criança conscienciosa progredirá rapidamente; um menino executará as ordens de uma menina (KORCZAK, 1997, p. 325).

Imagem 15: Crianças ajudando a descascar batatas.



Fonte: <https://revistacontemporartes.blogspot.com/2012/10/janusz-korczak.html>

Korczak também valorizava o pagamento pelas atividades desenvolvidas, já que alguns inspetores do Lar das Crianças também eram remunerados. Ele ainda afirma que a Casa do Órfão não faz nenhum favor ao dar os cuidados às crianças que não têm pais, isso é um direito delas, e a Casa nada exige em troca. Assim, acredita ser importante ensiná-las desde pequenas o valor do dinheiro.

Que compreendam os aspectos bons e maus de se ter dinheiro. É preciso fazer com idealistas das cem crianças que lhe foram confiadas? Nenhum educador é capaz disso. Mas algumas crianças se tornarão idealistas mesmo sem a influência do educador. No entanto, será uma infelicidade para elas se não têm noção do que seja o dinheiro. Ele não traz felicidade? Mas muitas vezes a propicia, assim como a sabedoria, a saúde, os bons costumes. Mas você deve ensinar à criança que o dinheiro pode ser também uma fonte de infelicidade, doença, que pode subir à cabeça de seu possuidor. Que ela vá com seu dinheiro se encher de doces e terá uma boa indigestão; que veja que pode perder esse dinheiro no jogo ou na rua; que pode ser roubada; que tenha remorso de ter feito uma compra inútil; que pague o concerto [sic] de alguma coisa que tenha estragado; que procure com insistência uma tarefa que seja remunerada, para constatar em seguida que isso não valia a pena (KORCZAK, 1997, p. 326).

3.1.5 O Comitê da Tutela

O comitê da tutela foi criado com o intuito de auxiliar na orientação individual dos internos, caracterizando uma espécie de hierarquização educativa. Correspondia a uma troca

de experiência entre as crianças do Lar, em que um morador mais velho responsabilizava-se pela tutoria de um mais novo. Ambos se correspondiam através de um diário, os pequenos escreviam suas dúvidas, angústias, pediam conselhos e orientações aos mais velhos. Além do diário, o diálogo escrito, havia entre as crianças e seus tutores bastante contato e conversas particulares.

Para melhor explicar sobre o comitê da tutela, Korczak transcreve um longo trecho do diário de um menino de nove anos bastante travesso cuja tutora era uma garota de doze anos.

– Preciso do seu conselho. Estou muito preocupado e não tenho a consciência tranquila. Não sei porque [*sic*], mas quando estou na sala de aula, tenho sempre um pensamento ruim na cabeça. É de roubar. Tenho medo de pôr em prática esta má idéia. Mas não quero fazer com que ninguém sofra e faço o que posso para me tornar melhor. Para não ter mais esse pensamento ruim é que quero viajar. Boa-noite.
Resposta da tutora: Você fez muito bem em me contar isso. Nós conversaremos e procurarei aconselhá-lo. Mas, prometa-me não se zangar se eu fizer algumas admoestações (KORCZAK, 1997, p. 328).

3.1.6 As Reuniões-Debate

“A criança não pensa nem melhor nem pior que o adulto; pensa de forma diferente” (KORCZAK, 1997, p. 329). Segundo ele, a arte de falar com as crianças é uma das mais difíceis, pois esta forma diferente de pensar dificulta a comunicação. Assim, o objetivo das reuniões-debate era o de aprimorar o diálogo entre os adultos e os internos.

As reuniões-debate priorizavam a livre expressão, em que se discutiam assuntos referentes à vida do Lar e, conseqüentemente, do educador e das crianças. Korczak salienta que esses encontros mobilizavam a consciência coletiva e ajudavam a resolver alguns problemas particularmente difíceis ou dolorosos. Ele ainda afirma que uma verdadeira reunião-debate não deve sofrer nenhuma pressão ou possuir alguma segunda intenção. É preciso que as crianças se expressem livremente perante um educador honesto e atento.

Um bom entendimento com as crianças não é uma coisa gratuita, é algo que se consegue com esforço. A criança deve saber que pode se expressar com franqueza, que o que dirá numa dessas reuniões não irá deixar o educador zangado e nem impedirá que continue seu amigo. Deve saber também que seus companheiros não caçoarão dela, nem a acusarão de querer ganhar a simpatia do educador. Numa reunião-debate o clima deve ser de dignidade e confiança. Se você forçar as crianças a votarem conforme a sua vontade, você transformará o debate numa inútil comédia. Outra recomendação: é preciso ensinar às crianças como se faz um debate, isto é, o seu lado técnico. Fazer esse tipo de reunião não é uma coisa fácil. E a última recomendação: é preciso que a participação das crianças nas deliberações e nas

votações não seja obrigatória. Se alguns não quiserem participar é preciso respeitar sua vontade (KORCZAK, 1997, p. 330).

3.1.7 O Jornal

O orfanato possuía o próprio jornal, escrito pelas crianças, cuja principal função era ligar uma semana a outra. Sua leitura era feita coletivamente e em voz alta, semanalmente, por Korczak. Nele eram escritos recados para amigos, contos, histórias, notícias, desde uma nova iniciativa, uma reforma, um problema que surgiu ou até alguma reclamação ganhava uma nota curta, um pequeno artigo ou um editorial no jornal, como por exemplo:

“A brigou com B” Ou então: “As brigas se tornam cada vez mais freqüentes. Tomamos conhecimento do que houve entre A e B. Não sabemos o motivo, mas será realmente preciso que cada discussão se transforme numa batalha?” Esse mesmo problema também pode ser assunto de um artigo importante com um título enérgico: “Devemos dizer não às brigas”, ou: “Acabemos com elas para sempre” (KORCZAK, 1997, p. 331-2).

Acerca do jornal, Korczak ainda ressalta:

O educador que deseja realmente compreender a criança precisa controlar sua própria conduta, e o jornal se torna um perfeito regulador das palavras e atos, porque é uma crônica viva dos erros que comete e dos esforços que faz para se corrigir. O jornal pode ajudá-lo também a se defender contra eventuais detratores, porque é tanto uma prova de suas capacidades quanto testemunho de suas atividades. Tudo isso faz dele um documento científico de grande valor (KORCZAK, 1997, p. 332).

3.1.8 O Tribunal de Arbitragem

Quando começa a discorrer sobre o Tribunal, Korczak afirma que para alguns o espaço que dedicou em seu livro aos tribunais pode parecer demasiadamente importante, no entanto, ele argumenta que assim o fez pois acredita que esses tribunais representam o primeiro passo para a emancipação da criança, a elaboração e a proclamação de uma Declaração dos Direitos da Criança. “Ela tem o direito de exigir que seus problemas sejam tratados com imparcialidade e seriedade. Até agora tudo dependia da boa ou má vontade do educador, do seu humor naquele dia. Realmente é tempo de se pôr fim a esse despotismo” (KORCZAK, 1997, p. 332).

O principal objetivo do tribunal era contribuir para que a justiça pudesse reinar no Lar, sendo a verdade sua maior aspiração. A função do tribunal é “vigiar para que ordem seja respeitada porque a anarquia sempre fez sofrer as crianças tranquilas, boas e conscienciosas”

(KORCZAK, 1997, p. 333). O tribunal deveria também defender a criança, impedindo que os mais fortes, insolentes e preguiçosos lhes façam algum mal. Para Wassertzug (1983), o tribunal ajudou na vida em comum e na compreensão entre as crianças, assim como entre os adultos e os pequenos.

Para se queixar ao Tribunal de Arbitragem, a criança escrevia seu nome, o nome daquele que estaria sendo citado na justiça e o assunto de sua queixa em um quadro que fora colocado em um local bastante visível e acessível a qualquer um. Todos, adultos e crianças, poderiam ser citados no Tribunal. O próprio Korczak foi citado cinco vezes:

Fui julgado cinco vezes. A primeira vez porque puxei as orelhas de um menino; a segunda pus para fora do dormitório um menino barulhento; a terceira, porque mandei um outro ficar de castigo no canto; a quarta, porque insultei um juiz; a quinta porque suspeitei que uma menina tivesse roubado. Nos três primeiros processos, fui julgado por causa do Artigo 21; no quarto processo, foi o Artigo 71; e no último, foi usado o Artigo 7. Para cada processo escrevi uma longa deposição (KORCZAK, 1997, p. 380).²⁵

Como a citação acima indica diferentes artigos, o Tribunal de Arbitragem possuía seu próprio código, o **Código do Tribunal de Arbitragem**, cujos primeiros noventa e nove artigos, de um total de mil ²⁶, começavam por perdoar o acusado ou julgavam improcedência. O Código abrangia todos os acontecimentos e fatores que possivelmente influiriam na criança e em seu comportamento. Segundo Wassertzug (1983), o Código do Tribunal reflete a profunda compreensão, tolerância e humanismo de Korczak para com a criança:

Se alguma criança agiu mal, começamos por perdoá-la. Porque se o fez por ignorância, de agora em diante, poderá agir com conhecimento de causa; se fez involuntariamente, procurará, no futuro, ser mais prudente; se o fez porque não consegue se livrar dos maus hábitos, esperemos que da próxima vez consiga isso; se o fez por instigação de um companheiro, quem sabe, na próxima vez, não queira mais ouvir esse amigo (KORCZAK, 1997, p. 332).

Ele ainda acrescenta que “Tudo se passa como se o delito nunca tivesse existido; para encorajar o acusado a não mais recomeçar, o julgamento lembrará algumas coisas de seus erros” (KORCZAK, 1997, p. 337-8). O artigo cem indica uma condenação leve e o julgamento era inserido na curva dos delitos, o artigo duzentos representa a culpa mas pede-se que não reincida, por sua vez, o artigo trezentos condena o sujeito e dessa vez exige que não cometa o delito novamente.

²⁵ Art. 21 – O tribunal considera que A tinha o direito de agir, de se expressar assim.

Art. 71 – O tribunal perdoa A, porque está sinceramente arrependido do que fez.

Art. 7 – O tribunal anota ter recebido o aviso do delito (KORCZAK, 1997, p. 341).

²⁶ O Código possuía vários artigos não chegaram a ser escritos.

Já o artigo quatrocentos se refere a uma falta grave: “O Artigo 400 é a última tentativa para salvar o acusado da vergonha de uma condenação pública, é a última vez que chamam sua atenção” (KORCZAK, 1997, p. 338). Os artigos quinhentos, seiscentos e setecentos representam o descontentamento do Tribunal bem como de toda a instituição em relação ao comportamento do citado. Embora a mensagem de insatisfação perante as atitudes dos julgados seja parecida, as sentenças destes artigos se agravam respectivamente. O sujeito que recebe o artigo quinhentos como sentença tem seu nome publicado na primeira página do jornal do Tribunal; o que recebe o artigo seiscentos tem as iniciais de seu nome afixado no quadro do Tribunal e aquele cuja sentença é o artigo setecentos recebe as mesmas medidas punitivas do artigo seiscentos e o texto da condenação é enviado a sua família.

Com o artigo oitocentos o tribunal se declara impotente diante das atitudes do sujeito e lhe dá uma semana para que ele possa refletir. Neste prazo, ele não receberá nenhuma queixa, mas também não poderá se queixar contra ninguém. Sua sentença é publicada no jornal, afixada no quadro e enviada à família. Já o artigo novecentos declara a falta de confiança e de esperança que o acusado melhore e indica o desejo do Tribunal para que o referido réu deixe a instituição. Entretanto, alguém ainda pode se responsabilizar por ele como seu tutor, seja alguma criança ou um educador. Neste caso, é o tutor quem responde diante do tribunal pelas faltas de seu tutorado. E, por último, o artigo mil expulsa o culpado do Lar, que poderá pedir retorno após três meses de sua expulsão.

O tribunal tem uma sessão semanal e o julgamento é realizado pelas próprias crianças. Os **juízes** que compõem o tribunal e julgam as causas são escolhidos através de um sorteio entre as crianças que não tenham sido motivo de queixa na semana anterior. Era necessária, em média, uma criança para cada dez queixas. No entanto, caso o número de crianças sem processos na semana anterior fosse inferior ao número de juízes necessários, todas as crianças participavam do sorteio para designar os grupos de juízes de maneira que elas não julgassem o próprio processo.

Os julgamentos já resolvidos eram inseridos em um livro e então lidos em voz alta na presença de todas as crianças. Aqueles que não concordassem com a sentença poderiam apelar após um mês da data do julgamento.

Além dos juízes, o sistema judicial do Lar das Crianças contava ainda com um **Conselho Jurídico** e um **Secretário**. O Conselho era representado pelo educador e dois juízes eleitos por meio do voto secreto, sendo estes últimos alterados a cada três meses também através do voto secreto. Além dos julgamentos, era responsabilidade do Conselho criar leis obrigatórias para todos. Como havia a possibilidade de que os juízes integrantes do

Conselho fossem um dia réus, havia dois suplentes que poderiam substituir um dos três juízes titulares. Já o Secretário, não julgava mas recolhia as deposições das testemunhas e as lia durante as deliberações do Conselho, pois ele também “é o responsável pelo quadro do tribunal, pelo livro das deposições e vereditos, pela lista e pelos fundos de reembolso para os estragos feitos; e é ele quem traça a curva das sentenças e redige o jornal do tribunal” (KORCZAK, 1997, p. 334).

O Tribunal zelava pela manutenção da ordem. Korczak salienta que, ainda que o tribunal perdoasse a criança, seu intuito era também fazê-la compreender que sua conduta não era adequada e deveria mudar. Ele ainda poderia intervir a seu favor junto ao Conselho, para que esse lhe permita desobedecer ao regulamento algumas vezes, caso para essa criança seja algo muito difícil de cumprir. Além disso, o Conselho estipulava um prazo para que ela tentasse se corrigir.

Para Korczak, embora os homens convivam juntos, eles não se parecem. Diferentes tipos físicos e personalidades convivem entre si sob diferentes circunstâncias. É pensando nestas diferenças que o Tribunal também vigia pelo respeito à pessoa humana:

O tribunal vigia para que o grande não maltrate o pequeno, e que este não importune o grande, que um esperto não explore um boa-fé, e que um engraçadinho não faça brincadeiras com um que não gosta de bancar o palhaço; que um menino de mau gênio não procure brigas e discussões, mas que também os outros tratem de não provocá-lo à toa.

O tribunal deve vigiar para que todas as crianças disponham do que precisam e que não tenham razão para ficar triste ou enraivecidas (KORCZAK, 1997, p. 335).

Deste modo, o Tribunal pode tanto perdoar como também declarar a criança errada quando se comporta de determinada maneira julgando sua falta como grave ou muito grave.

O direito à propriedade também é protegido pelo Tribunal. Aquilo que é de uso comum – o jardim, o pátio, a casa, paredes, janelas, escadas, lareiras, vidraças, mesas, bancos, armários, cadeiras – deve ser bem cuidado, caso contrário, ficaria sujo, quebrado ou estragado. “A mesma coisa acontece com os capotes, trajes, bonés, lenços, guardanapos, colheres, facas: quantas perdas quando são quebrados, rasgados, perdidos? E os livros, cadernos, canetas, brinquedos? Eles também merecem ser respeitados e não devem ser estragados” (KORCZAK, 1997, p. 336). Os responsáveis pelos estragos, por sua própria iniciativa, dirigem-se ao Tribunal que decidirá se o culpado deve reparar o que fez ou se poderá apelar para o fundo especial de reembolso cujo administrador é o próprio tribunal. Korczak também salienta que essa mesma é tomada em relação à propriedade privada da criança.

Poderia ocorrer de o responsável não se apresentar para o julgamento, neste caso então, uma investigação ajudaria a descobri-lo, no entanto, “espionar, suspeitar, inquirir é tão desagradável! Então no caso de o culpado permanecer desconhecido, abre-se um processo contra X” (KORCZAK, 1997, p. 337). Sendo assim, era feito o julgamento e o veredito afixado no quadro do tribunal. Tratava-se de uma falta que desonrava toda a instituição, em sinal de luto então, o Conselho costurava uma fita preta no estandarte do Lar.

Em um orfanato com mais de uma centena de crianças havia algumas que tinham dificuldades em seguir o regulamento, ainda que este tenha sido elaborado por elas mesmas. Por este motivo, foram criados os **Casos Especiais**, em que o Conselho Jurídico tinha o direito de declarar qualquer caso como “caso especial” até que o próprio interessado decidisse que não o era mais. Era ainda de responsabilidade do Conselho a decisão de afixar a lista com seus nomes no quadro do Tribunal.

Korczak explicou a curva das sentenças, da qual o Conselho Jurídico se encarrega, comparando-o a um boletim de saúde que o paciente doente tem ao pé da cama. Por meio dela era possível verificar a saúde moral do orfanato: “Assim, se o tribunal fez quatro julgamentos segundo o Artigo 100 ($100 \times 4 = 400$), seis segundo o Artigo 200 ($200 \times 6 = 1200$) e um conforme o Artigo 400, o total será $400 + 1200 + 400 = 2000$, nós notaremos que a curva das sentenças da semana subiu a 2000” (KORCZAK, 1997, p. 340).

O Tribunal de Arbitragem é apenas uma das muitas tentativas de se modificar a maneira de julgar os iguais, diz Korczak. Os adultos também possuem seus tribunais cujas punições são diversas: multas, detenções, prisões, entre outras. Ele ainda destaca que estas nem sempre são justas, ora são muito indulgentes ora muito severas e sujeitas a erros. Nas escolas, é o professor quem faz a justiça sendo ele o juiz. “Suas cóleras nem sempre são justificadas e suas sanções nem sempre são justas” (KORCZAK, 1997, p. 346). No Lar das Crianças optou-se por instituir um Tribunal composto e organizado pelas crianças, sendo este responsável tanto pela culpabilidade como pela inocência do sujeito citado. Como se viu, caso seja considerado culpado, o Tribunal pode perdoo-lo ou não. Korczak também salienta que seu processo de construção e aceitação foi lento e penoso.

“O tribunal não serve para nada porque as crianças não têm medo dele, porque não se importam com ele” – ouvir isso era realmente penoso, e eu me perguntava se era válida a existência dessa instituição. Salientamos que isso acontecia num internato onde os castigos não existiam oficialmente.

[...]

Aliás, observei uma coisa interessante: se, no começo, os juízes tinham a tendência a não levar a sério as queixas dos meninos pequenos, mesmo aquelas referentes a surras, apelidos ofensivos etc... compreenderam logo que a gravidade de um caso

deveria ser considerada conforme o sofrimento da vítima, o sentimento que tinha de ter sido injustiçada (KORCZAK, 1997, p. 374).

Entretanto, a partir do acompanhamento das atividades do Tribunal, da atenção dada às queixas das crianças assim como suas reações, Korczak pode compreender profundamente o universo infantil. Observou atento as seções e a divulgação das sentenças, aprendendo sobre sua dor, mágoa, ódio, tristeza e felicidade nestes momentos. “Muitas vezes um processo me fazia conhecer melhor uma criança que vários meses de contato cotidiano com ela. Como secretário do tribunal pude estudar as minúcias desse mundo à parte que é o mundo das crianças. Procurando me aperfeiçoar sempre, tornei-me um *expert*” (KORCZAK, 1997, p. 375).

Em *Como Amar uma Criança* Korczak registra alguns conflitos que foram levados a julgamento. Citam-se alguns destes conflitos:

Julgamento 21 – É proibido fazer barulho do dormitório. Mas alguém desarrumou a sua cama e ele se zangou violentamente. Artigo 5.
[...]

Julgamento 63 – Os meninos tinham o hábito de dar a um deles apelidos ofensivos. No começo sofreu muito. Depois se acostumou. Não podia bater e brigar com todos os outros. Logo depois organizamos o tribunal. Ele resolveu que iria depositar uma queixa contra o mais cruel dos seus perseguidores. Um mês se passou. Nós o convocamos: “Eles agora caçoam menos de você?” – “Sim, bem menos.” E o tribunal, que soube defendê-lo, teve direito a ganhar um sorriso de agradecimento.
[...]

Julgamento 172 – Ele subiu numa árvore para provar ao amigo que conseguia fazê-lo. Mas logo depois, como sabia que isso era proibido, foi se denunciar ao tribunal. Artigo 20.
[...]

Julgamento 238 – Alguns acharão talvez que esta história é cômica: dois meninos foram ao banheiro e um molhou o outro sem querer. O que foi molhado, para se vingar, fez suas necessidades bem em cima do desajeitado. Artigo 200 (KORCZAK, 1997, 351-4).²⁷

Para ele, o papel do Tribunal era o de estabelecer uma ordem no relacionamento entre os homens, no entanto, não podia fazer milagres e ressalta que, ainda que o Tribunal não fosse capaz de realizar milagres, as ameaças e surras também não seriam soluções milagrosas para os problemas.

O que o tribunal pode fazer é garantir a cada um o direito de dizer:
– A partir de amanhã, prestarei atenção às aulas. Quero me livrar dos meus defeitos. E se algum menino quiser impedi-lo, ele poderá citá-lo no tribunal.
Um exemplo:

²⁷ Art. 5 – Prevendo que esse delito brevemente não ocorrerá mais, o tribunal renuncia ao julgamento.
Art. 20 – O tribunal considera que A apenas cumpriu seu dever (agiu como deveria agir).
Art. 200 – O tribunal acha que A errou fazendo o que fez (KORCZAK, 1997, p. 341 - 344).

Uma criança brigona resolve que não vai mais provocar os outros. Alguns procurarão provocá-la. Uma criança que está decidida realmente a não brigar mais e denuncia seus agressores, nem sempre será amada pelos outros. Pode mesmo acontecer que ela própria seja acusada de má-fé por aqueles de quem se queixou. Ela pode ficar tranqüila: o tribunal saberá o que pensar a respeito (KORCZAK, 1997, 356-7).

Após um ano de funcionamento do Tribunal, Korczak tece algumas considerações acerca desta experiência. A princípio, constatou que o tribunal, em determinado ponto, passou a ser considerado ou uma brincadeira ou como um meio cômodo de se resolver os problemas cujas soluções não eram encontradas de imediato. “A antiga fórmula ‘deixe-me em paz’ era substituída por uma nova: ‘Vá se queixar ao tribunal’” (KORCZAK, 1997, p. 373). Havia muitas queixas sem necessidade cujos conflitos eram insignificantes. No entanto, com o tempo as crianças passam a compreender que a gravidade do caso estava relacionada conforme o sentimento da vítima, como já citado.

Neste sentido, Korczak também comenta ter conhecido o tipo de criança inadaptada, antissocial que se recusa a render seus gostos e hábitos aos da comunidade e à vida coletiva. Algumas crianças não suportavam o Tribunal: “– Odeio o tribunal, prefiro que me batam, prefiro seja lá o que for, menos o tribunal. Eu o odeio, não posso suportá-lo. Não quero processar ninguém e também não quero ser processado” (KORCZAK, 1997, p. 376).

Quanto às sentenças, Korczak escreve que eram sempre muito leves, nenhuma delas iam além do Artigo 400. Para ele, um tribunal de arbitragem não era um tribunal criminal, juízes e acusados eram conhecidos e compartilhavam interesses em comum, e aplicar sentenças severas era algo muito difícil, que possivelmente traria consequências desagradáveis. “O tribunal provoca divisão de sentimentos. Ao lado dos inimigos ou dos partidários incondicionais do sistema, a grande maioria acreditava na sua utilidade achando, entretanto, que era necessário que fossem feitas algumas modificações” (KORCZAK, 1997, p. 378).

Korczak comenta que por vezes ouviu que o tribunal desenvolvia na criança “mania de processo”, ele, todavia, afirma que durante este primeiro ano de experiência não encontrou provas que pudessem justificar essa tese de “mania de processo”.

pelo contrário, muitos fatos parecem provar que o tribunal ensina à criança como essa ‘mania’ pode ser desconfortável, tola e nociva. Acho que a influência do tribunal ajudou a realização de um trabalho considerável: a conscientização das condições e das leis da vida em comunidade (KORCZAK, 1997, p. 380).

No primeiro ano, foram realizados 3.500 julgamentos, entre 50 a 130 por semana. Conforme Korczak (1997, p. 380):

Afirmo que esses processos foram a pedra angular da minha própria educação. Fizem de mim um educador “constitucional” que não maltrata as crianças, não porque goste delas ou lhes tem afeição, mas porque existe uma instituição que as protege contra a ilegalidade, o arbítrio e o despotismo do educador.

3.1.9 O Parlamento

Após dois anos de funcionamento do Tribunal de Arbitragem, instituiu-se o Parlamento, e com ele a possibilidade de uma autogestão do Lar das Crianças. O Parlamento contava com vinte deputados, composto por crianças eleitas através do voto secreto. O eleitorado era dividido em grupos de cinco pessoas, e para que pudesse ser eleito eram necessários quatro votos sendo apenas elegível aquele que nunca tivesse sido condenado por desonestidade, o que incluía roubo e trapanças. Segundo Korczak, as principais atribuições do Parlamento era a aprovação ou rejeição das leis propostas pelo Conselho Jurídico, o estabelecimento do calendário (que instituíam algumas datas festivas durante o ano) e a concessão dos cartões de lembranças²⁸. As crianças se dirigiam ao Parlamento com pedidos diversos. Cada assunto era devidamente estudado enquanto a criança aguardava uma resposta.

Se é da competência do tribunal decidir a expulsão de um aluno, o Parlamento espera que qualquer decisão concernente à aceitação de um novo aluno ou o afastamento de um adulto (os empregados inclusive) seja submetida a sua aprovação. Precisamos ser prudentes: as atribuições do Parlamento devem ser ampliadas gradualmente e com seriedade, as limitações e empecilhos podem ser numerosos, mas nítidos e sinceros. Se fosse de outra maneira, seria melhor não pensarmos nem em eleições, nem em autonomia (KORCZAK, 1997, p. 381).

3.1.10 A autogestão: marca integrante de seu ideal pedagógico

Diante dos diferentes princípios pedagógicos acima mencionados, vimos que Korczak defendeu a autogestão, pois acreditava que toda a autoridade que não conseguisse se expor diante do grupo com transparência tende a ser autoritária. Ele também reconheceu que por sentirem de perto seus problemas, crianças e adolescentes poderiam, melhor do que ele, vislumbrar as possíveis soluções. Diferente de muitos educadores de sua época, Korczak

²⁸ Cartões que eram considerados uma forma de demonstrar a atenção dada às boas ou más ações da criança, a um hábito gentil ou rude. Representava, ainda, uma demonstração de afeição à criança que os ganhava. “Um cartão não é uma recompensa, mas uma recordação; algumas crianças o perderão no caminho da vida, outras guardarão para sempre” (KORCZAK, 1997, p. 384).

defendeu a importância das relações democráticas que se estabelecem no processo educativo (GADOTTI, 1998).

Todos esses métodos tinham um sentido educativo: a autonomia infantil. Através desses métodos as crianças aprendiam não só a autogestão institucional, mas concretamente, podiam compreender a idéia de justiça, de respeito aos outros, de responsabilidade, bem como entender as normas da vida coletiva. [...] Como os educadores socialistas da época, Korczak não dicotomizava trabalho intelectual e trabalho manual (GADOTTI, 1998, p. 5).

A linha de pensamento que influenciou suas concepções pedagógicas adveio de diversos autores contemporâneos ao seu tempo, conforme mencionado anteriormente. Por exemplo, ao mesmo tempo em que criticou o excesso de autoridade e condução das crianças de Froebel, reconhecia a importância da disciplina. Inspirou-se, também, nos ideais montessorianos, no entanto, não concordava com o excesso de liberdade dada às crianças dentro desta concepção pedagógica (GADOTTI, 1998). Korczak conheceu e analisou o trabalho pedagógico de muitos teóricos de seu período e, paulatinamente, foi instituindo no Lar das Crianças suas concepções. Ele tentou manter uma relação equilibrada, porém por vezes conflituosa, entre liberdade e autoridade.

A regra fundamental de Korczak era de que à criança tivesse garantido o direito ao respeito que lhe é devido, que pudesse ser o que é e viver plenamente seu momento presente, desfrutando de momentos em que tenha a liberdade de expressar o que sente, assim como a infância deveria ser. Arnon (2005, p. 11-12, apud SILVA, 2009, p. 18) destaca que:

Korczak trouxe uma verdadeira revolução para a educação. Entendeu o ‘mundo da criança’, sua sensibilidade, seus sentimentos, suas reações. Penetrou fundo no âmago da alma infantil e via a criança como um ser humano incompreendido. Clamou em todos os momentos de sua vida sobre o direito e a dignidade da criança, mostrando que as escolas não respeitavam esses direitos e que todo sistema educacional contemporâneo deveria ser mudado. [...] Mostrou que as crianças eram vítimas de um regime despótico e ignorante das necessidades essenciais da alma humana. Ensinou-lhes a se auto-defenderem e a compreenderem a importância da cooperação coletiva. Para Korczak, melhorar o mundo importava em reeducar o homem.

Seus pressupostos pedagógicos mostram a importância de favorecer à criança a autonomia do pensamento, e indicam que nós, enquanto educadores, precisamos promover uma educação que, pautada no respeito, amor e compreensão, fomente a emancipação do sujeito de forma que essa criança possa se desenvolver integralmente, compreendendo as questões que estão postas no mundo e como nele viver.

4. CONTRIBUIÇÕES DE KORCZAK PARA A INFÂNCIA E PARA A EDUCAÇÃO

Neste capítulo são analisadas as contribuições de Korczak para pensar a infância a partir da perspectiva dos direitos da criança, evidenciando os aspectos da sua concepção de educação que inspiraram a elaboração da *Declaração Universal dos Direitos da Criança*, de 1959. Para tanto, será realizada a análise do documento em questão, apontando as aproximações com os ideais pedagógicos de Korczak, já descritos no capítulo anterior. Além disso, serão revisados autores como Gonçalves (2015), Marangon (2007), Bobbio (1992), Rosemberg e Mariano (2010), Miranda (2010), Comparato (2001), Gadotti (1998), inclusive Korczak (1986 e 1997), que se propuseram a pesquisar o tema acerca dos direitos da criança e seus respectivos marcos legais situados ao longo da história.

Serão também analisadas neste capítulo as aproximações entre as concepções pedagógicas de Korczak, descritas no capítulo anterior, e os pressupostos pedagógicos do educador francês Célestin Freinet (1896 – 1966), a saber: a aula-passeio, o jornal, o texto livre, o Livro da Vida, a correspondência interescolar, o jornal mural (ou reunião de cooperativa). Nesse sentido, os estudos de Amorim, Castro e Silva (2012), Kanamaru (2014), Libâneo (1985), Freinet (1979), Couto (2015), Souza (1996) darão suporte a esta análise.

4.1 CONTRIBUIÇÕES DE KORCZAK PARA ELABORAÇÃO DA DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DAS CRIANÇAS DE 1959

Em sua obra *Como Amar uma Criança* Korczak afirmou que o Tribunal de Arbitragem e seu Código – que vimos no capítulo anterior – representavam grande importância, pois via neles o primeiro passo tanto para a emancipação da criança quanto para a proclamação de uma Declaração dos Direitos da Criança, visto que ela tem o direito de exigir que seus problemas sejam tratados com seriedade. Nesse sentido, o Tribunal foi capaz de tornar real esta causa, quando analisou e julgou cada caso com imparcialidade, buscando compreender a ação da criança e aquilo que a motivou a cometer determinada falta no contexto do Lar das Crianças.

O profundo respeito que dedicou à criança, a compreensão a ela devotada e todo seu trabalho e obra foram determinantes no reconhecimento de Korczak como pioneiro na luta pelo direito da criança. Este primeiro passo que ele vislumbrou aconteceu alguns anos mais tarde, pois sua obra, de alguma forma, inspirou a elaboração da *Declaração Universal dos*

Direitos da Criança, proclamada em 20 de novembro de 1959, pela ONU (Organização das Nações Unidas) num contexto pós-guerra. A Declaração “consubstancia uma série de princípios segundo os quais entende a comunidade internacional que devem se pautar todos os países, em relação às crianças e aos adolescentes” (MIRANDA, 1999, p. 71). Alguns anos antes, em 1924, suas ideias também serviram de inspiração para a *Declaração de Genebra*, que por sua vez foram fonte para a Declaração de 1959.

De acordo com Gonçalves (2015), a criança começa a adquirir certa visibilidade após a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), e sua relevância social e política começam, então, a emergir. A autora também afirma que foi a partir da premissa da *Declaração de Genebra* (1924) que a criança assume uma posição de prioridade. Esta Declaração foi resultado de uma proposta preliminar da organização *Save the Children International* redigida por Eglantyne Jebb, em 1923²⁹. A *Declaração de Genebra* aponta cinco princípios:

1. a criança tem o direito de se desenvolver de maneira normal, material e espiritualmente; 2. a criança que tem fome deve ser alimentada; a criança doente deve ser tratada; a criança retardada deve ser encorajada; 3. o órfão e o abandonado devem ser abrigados e protegidos; 4. a criança deve ser preparada para ganhar sua vida e deve ser protegida contra todo tipo de exploração; 5. a criança deve ser educada dentro do sentimento de que suas melhores qualidades devem ser postas a serviço de seus irmãos (MARCÍLIO, 1998, p. 48).

Como se nota, a criança passa a dispor de direitos que envolvem a preocupação com seu desenvolvimento assim como a necessidade de cuidados básicos, como alimentação, saúde, deficiência, proteção e educação. Todavia, Korczak (1986, p. 86) afirma que a *Declaração de Genebra* confundiu “as noções de direito e de dever: o tema da declaração salienta a solicitação e não a exigência. É um apelo à boa vontade, um pedido de compreensão”. Para Korczak, a criança é um sujeito portador de direitos que devem ser exigidos, não apenas solicitados. De qualquer forma, a *Declaração de Genebra* não causou o grande impacto necessário para o pleno reconhecimento internacional dos direitos da criança, consequência, talvez, do panorama histórico de guerras vigente neste período (GONÇALVES, 2015).

O reconhecimento das crianças como sujeitos direitos está vinculado às profundas transformações históricas e sociais, principalmente após a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) que deixou um número alarmante de vítimas, cerca de sessenta milhões de pessoas

²⁹ “‘União Internacional de Proteção à Infância’ fundada por Eglantine Jebb em 1914” (GONÇALVES, 2015, p. 28).

mortas, além de fomentar os abusos que alguns países cometeram contra os direitos humanos. As crianças também sofreram as consequências do pós-guerra, milhares delas ficaram órfãs, abandonadas, sem condições mínimas de subsistência. Condições estas que violavam diretamente os princípios dispostos na *Declaração de Genebra*, o que demonstrou a urgente necessidade de proteção universal das crianças (GONÇALVES, 2015; MARANGON, 2007).

Diante da caótica situação no cenário pós-guerra, a sociedade civil organizada sentiu a necessidade de criar um órgão que fosse capaz de regular a vida social do mundo. Assim, em 1945, foi criada a Organização das Nações Unidas (ONU), cujo intuito era

organizar a sociedade política mundial do pós-guerra, buscando a defesa da dignidade humana e da soberania dos povos. Deveriam integrar a Organização das Nações Unidas todos os países do globo preocupados em defender a integridade de seu território e segurança de seus cidadãos (MARANGON, 2007, p. 160).

Em 1946, em meio a este contexto de guerras e atrocidades às quais as crianças eram mais vulneráveis, foi criado o Fundo das Nações Unidas (UNICEF) para auxiliar as crianças que sofriam com a guerra. Mais tarde, o UNICEF passou a objetivar a promoção da defesa dos direitos da criança. Atualmente, “para a divulgação de campanhas e projetos do UNICEF, há a contribuição de diferentes aparatos midiáticos, doações voluntárias e apoio de setores privados. Entre os parceiros, no Brasil, estão o Banco Itaú, a Rede Globo de Televisão, ONGs, entre outros” (GONÇALVES, 2015, p. 31).

Dois anos mais tarde, em 1948, a ONU publicou a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* que, de acordo com Comparato (2001), ao retomar os ideais da Revolução Francesa (1789 – 1799) representou o reconhecimento dos valores supremos de igualdade, liberdade e fraternidade entre os homens. Bobbio (1992) afirma que a Declaração representa um consenso sobre um sistema de valores fundado pelos homens.

Somente depois da Declaração Universal é que podemos ter a certeza histórica de que a humanidade – toda a humanidade – partilha alguns valores comuns; e podemos, finalmente, crer na universalidade dos valores, no único sentido em que tal crença é historicamente legítima, ou seja, no sentido em que universal significa não algo dado objetivamente, mas algo subjetivamente acolhido pelo universo dos homens (BOBBIO, 1992, p. 28).

O autor ainda recorda que os direitos do homem, visto que são direitos históricos, teriam sido constituídos paulatinamente, conforme as transformações das condições da vida humana. Ele também afirma que enquanto direitos históricos, eles são mutáveis, estando suscetíveis a transformações e ampliações (BOBBIO, 1992). “A *Declaração Universal*,

inserida em seu tempo e em seu lugar de produção, elenca os direitos do homem histórico, os valores fundamentais que se configuravam nas mentes de seus redatores, na segunda metade do século XX” (MARANGON, 2007, p. 162).

Nesse sentido, como parte do processo histórico, a comunidade internacional busca garantir os direitos citados na Declaração Universal bem como ampliá-los, assim, aperfeiçoando-os. Neste processo de desenvolvimento dos Direitos Humanos, a Declaração de 1948 estabeleceu uma base geral sobre a qual direitos específicos passaram a ser construídos. A *Declaração Universal dos Direitos da Criança*, a exemplo destas construções de direitos específicos, foi adotada pela Assembleia Geral da ONU em 20 de dezembro de 1959. “Seus dez princípios proclamam uma infância feliz, que desfrute de direitos e liberdades. Desse modo, direitos como igualdade, desenvolvimento pessoal global, cidadania, amor, compreensão, educação, lazer e proteção permeiam a construção de todo o documento” (MARANGON, 2007, p. 163).

Os dez princípios contidos na *Declaração Universal dos Direitos da Criança* são:

Princípio 1

A criança gozará todos os direitos enunciados nesta Declaração. Todas as crianças, absolutamente sem qualquer exceção, serão credoras destes direitos, sem distinção ou discriminação por motivo de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição, quer sua ou de sua família.

Princípio 2

A criança gozará proteção social e ser-lhe-ão proporcionadas oportunidades e facilidades, por lei e por outros meios, a fim de lhe facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, de forma sadia e normal e em condições de liberdade e dignidade. Na instituição das leis visando este objetivo levar-se-ão em conta sobretudo, os melhores interesses da criança.

Princípio 3

Desde o nascimento, toda criança terá direito a um nome e a uma nacionalidade.

Princípio 4

A criança gozará os benefícios da previdência social. Terá direito a crescer e criar-se com saúde; para isto, tanto à criança como à mãe, serão proporcionados cuidados e proteções especiais, inclusive adequados cuidados pré e pós-natais. A criança terá direito a alimentação, recreação e assistência médica adequadas.

Princípio 5

Às crianças incapacitadas física, mental ou socialmente serão proporcionados o tratamento, a educação e os cuidados especiais exigidos pela sua condição peculiar.

Princípio 6

Para o desenvolvimento completo e harmonioso de sua personalidade, a criança precisa de amor e compreensão. Criar-se-á, sempre que possível, aos cuidados e sob a responsabilidade dos pais e, em qualquer hipótese, num ambiente de afeto e de segurança moral e material, salvo circunstâncias excepcionais, a criança da tenra idade não será apartada da mãe. À sociedade e às autoridades públicas caberá a obrigação de propiciar cuidados especiais às crianças sem família e àquelas que carecem de meios adequados de subsistência. É desejável a prestação de ajuda oficial e de outra natureza em prol da manutenção dos filhos de famílias numerosas.

Princípio 7

A criança terá direito a receber educação, que será gratuita e compulsória pelo menos no grau primário. Ser-lhe-á propiciada uma educação capaz de promover a sua cultura geral e capacitá-la a, em condições de iguais oportunidades, desenvolver as suas aptidões, sua capacidade de emitir juízo e seu senso de responsabilidade moral e social, e a tornar-se um membro útil da sociedade.

Os melhores interesses da criança serão a diretriz a nortear os responsáveis pela sua educação e orientação; esta responsabilidade cabe, em primeiro lugar, aos pais.

A criança terá ampla oportunidade para brincar e divertir-se, visando os propósitos mesmos da sua educação; a sociedade e as autoridades públicas empenhar-se-ão em promover o gozo deste direito.

Princípio 8

A criança figurará, em quaisquer circunstâncias, entre os primeiros a receber proteção e socorro.

Princípio 9

A criança gozará de proteção contra quaisquer formas de negligência, crueldade e exploração. Não será jamais objeto de tráfico, sob qualquer forma.

Não será permitido à criança empregar-se antes da idade mínima conveniente; de nenhuma forma será levada a ou ser-lhe-á permitido empenhar-se em qualquer ocupação ou emprego que lhe prejudique a saúde ou a educação ou que interfira em seu desenvolvimento físico, mental ou moral.

Princípio 10

A criança gozará de proteção contra atos que possam suscitar discriminação racial, religiosa ou de qualquer outra natureza. Criar-se-á num ambiente de compreensão, de tolerância, de amizade entre os povos, de paz e de fraternidade universal e em plena consciência que seu esforço e aptidão devem ser postos a serviço de seus semelhantes (Declaração dos Direitos Universais da Criança, 1959).

Esta Declaração, além de se configurar como o primeiro instrumento internacional específico, representa um marco na luta pelos direitos da criança e no reconhecimento dela como um sujeito detentor de tais direitos. Em 1979, em comemoração aos vinte anos da publicação da *Declaração Universal dos Direitos da Criança*, foi estabelecido o Ano Internacional da Criança “conferindo visibilidade à infância na sociedade e, por conseguinte, nos debates e estudos acadêmicos brasileiros” (GONÇALVES, 2015, p. 33). Ainda neste ano, a Comissão dos Direitos Humanos das Nações Unidas iniciou a elaboração do projeto de *Convenção Internacional sobre os Direitos das Crianças*, que foi efetivado apenas dez anos mais tarde, devido à complexidade em relação à elaboração do projeto que consistia na construção de um documento universal que acatasse os interesses globais a favor da defesa dos direitos das crianças.

Proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em novembro de 1989, em Nova York (EUA) a *Convenção Internacional sobre os Direitos das Crianças* homenageou Janusz Korczak, reconhecendo a criança, até os 18 anos, como portadora de direitos e liberdades inscritos na *Declaração dos Direitos Humanos* (ROSEMBERG; MARIANO, 2010). O documento foi assinado por 193 países, inclusive o Brasil. Foi também traduzido para alguns idiomas como o árabe, chinês, espanhol, inglês, francês e russo. Nesse sentido, a *Convenção Internacional sobre os Direitos das Crianças*

[...] é o primeiro documento a articular os diferentes aspectos de direitos relevantes para a criança: econômicos, sociais, culturais e políticos, sendo também, o primeiro instrumento internacional a reconhecer explicitamente que a criança é um sujeito de direitos.

Assim, a *Convenção Internacional sobre Direitos das Crianças* de 1989 surge não só como instrumento complementar da *Declaração Universal dos Direitos das Crianças* de 1959, mas como um marco importante, tomando os dez princípios desta última como referência para a afirmação de obrigações e compromissos assumidos ao longo dos 54 artigos dispostos no documento, o qual é considerado o instrumento normativo mais importante nesta luta em prol dos direitos das crianças (GONÇALVES, 2015, p. 34).

A Declaração de 1959 estabelece cláusulas que asseguram igualdade entre as crianças – independente de sua cor, raça, religião, nacionalidade, idioma, sexo, opiniões políticas, origem social, posição econômica ou qualquer outra condição seja inerente à própria criança ou à sua família –, indicam a necessidade de se criar meios que conduzam ao pleno desenvolvimento infantil, compreendem a educação como responsável pela formação cultural geral da criança, pelo desenvolvimento das aptidões de habilidades e competências, e pela formação de cidadãos responsáveis e aptos ao convívio em sociedade. A Declaração também assegura à criança o direito ao amor, à compreensão, à diversão e à brincadeira. Neste sentido, é possível fazer algumas aproximações das ideias de Korczak que podem ter contribuído para a Declaração dos Direitos das Crianças:

4.1.1 O direito da criança ao respeito e o direito de ser amada

Korczak buscou conduzir a prática pedagógica do orfanato em direção ao respeito pela criança e sua compreensão. O trabalho do educador deveria estar pautado no respeito por ela, e nesse sentido, para o autor, a criança está descobrindo um mundo que ainda não conhece, sendo assim, a orientação do educador é de suma importância, especialmente para as crianças órfãs que não podiam contar com o apoio familiar. Como inscrito na Declaração de 1959, a criança tem direito à educação, assim como se desenvolver física, intelectual e emocionalmente.

Quando se implementou o Tribunal e o Código no Lar das Crianças, como já mencionado no capítulo anterior, muitos internos se rebelaram diante dos novos instrumentos educativos. No entanto, aos poucos, compreenderam a função do Tribunal e do Código – valorizar a verdade e a justiça –, pois em resposta ao comportamento de resistência, receberam respeito pela sua opinião, paciência com seu temperamento e suas atitudes.

Ao compilar alguns direitos infantis presentes nas obras de Korczak, Betty Jean Lifton, em seu livro *The King of Children*³⁰ (1997), destaca alguns deles:

A criança tem o direito de ser amada.
A criança tem direito ao respeito.
A criança tem direito a viver no presente.
A criança tem direito de ser ela ou ele mesmo.
A criança tem direito a ser admirada pelo que ela é (LIFTON, 1997, p. 355 apud MARANGON, 2007, p. 165).

Embora tenha o direito de ser amada, Korczak não defende um amor sem limites, um amor que signifique deixar a criança a mercê de suas próprias vontades. A figura do adulto, seja um familiar ou educador, é fundamental na vida da criança. O que Korczak repudiava eram o despotismo, o autoritarismo e a falta de respeito, sensibilidade e amor em relação à criança.

Devemos então permitir à criança que faça tudo o que quiser? Nunca: nos arriscamos a transformar um escravo que se aborrecia num tirano que se aborrece. Proibindo-lhe certas coisas nós permitimos que sua vontade se exerça, mesmo que seja apenas no sentido de autodisciplina, de renúncia; reduzindo seu campo de ação, encorajamos seu espírito inventivo, despertamos o espírito crítico, a faculdade de escapar a um controle abusivo. Isso vale alguma coisa no sentido de preparação para a vida. Enquanto com uma tolerância excessiva “em que tudo é permitido”, onde o menor desejo é satisfeito, arriscamos, ao contrário, sufocar a vontade. Se no primeiro caso nós enfraquecemos a criança, no segundo a intoxicamos (KORCZAK, 1997, p. 74).

Para Korczak, amar é educar, preparar a criança adequadamente para a vida em sociedade, construir regras, impor certos limites e saber dizer não. O direito a ser amada também está inscrito no Princípio VI da *Declaração Universal dos Direitos da Criança* (1959) o qual prevê que ela possui o direito ao amor e à compreensão por parte dos pais e da sociedade. “A criança necessita de amor e compreensão, para o desenvolvimento pleno e harmonioso de sua personalidade; sempre que possível, deverá crescer com o amparo e sob a responsabilidade de seus pais, mas, em qualquer caso, em um ambiente de afeto e segurança moral e material”.

Em sua obra *O Direito da Criança ao Respeito* (1986), Korczak comenta a respeito ao tamanho da criança, e critica o fato de que por ser pequena e frágil, possa ser menosprezada pela sociedade. Há uma tendência em enaltecer o alto, o grande, o mais forte, e que este conseguiria realizar com maior êxito suas experiências em relação ao pequeno e

³⁰ “O Rei das Crianças”. (Minha tradução)

fraco. Korczak ressalta como é difícil para a criança pequena ter de esticar nas pontas dos pés para alcançar determinado objeto, ou como é fácil se perder em uma multidão já que, por ser pequena, é difícil enxergar e estando mais suscetível a empurrões; é difícil também com suas pernas curtas acompanhar os passos largos dos adultos ou ainda como é incômodo perceber o mundo acontecer sobre a própria cabeça. Korczak alerta para a necessidade em respeitar a criança como ela é e quem ela é no presente e pergunta:

Em que o dia de hoje de nosso filho é menos precioso que seu amanhã? Se é por causa das dificuldades, amanhã haverá mais ainda. Uma tal atitude engendra uma espera eterna; quando, enfim, este amanhã chega, nós já estaremos pensando em outro amanhã. Desta maneira, a criança não é, mas será; não pode, mas poderá (KORCZAK, 1997, p. 72).

Lifton (1997, p. 355 apud MARANGON, 2007, p. 168) aponta ainda outros direitos elencados das obras de Korczak:

A criança tem o direito de ser levada à sério.
A criança tem o direito a reclamar de uma injustiça.
A criança tem direito a desejar, queixar-se e questionar.
A criança tem direito à educação.

Korczak (1986) afirma que os adultos não consideram relevantes as dúvidas e incertezas infantis, pois acreditam que a criança ainda tem muito o que viver e aprender com e sobre a vida. Ele ainda ressalta que para a criança o sofrimento de um cachorrinho abandonado, um cavalo machucado pois está sem ferradura, o trabalho árduo de um operário, a fome de um companheiro lhe causam grande pesar. Segundo o autor, a criança desconhece as hierarquias e ambições do mundo adulto.

As dúvidas e incertezas infantis nos parecem tão desprovidas de seriedade...
[...]
Nós sentimos o esforço que custa cada passo que damos, o peso dos gestos interesseiros, a mesquinhez das nossas percepções e sensações. Já a criança corre e pula, olha em volta, espanta-se e faz perguntas, tudo isso espontaneamente, sem segundas intenções.
[...]
Basta pouca coisa para a criança sentir-se feliz, não há necessidade de providências especiais. Mas nós, apressados, levemente ignoramos a sua presença. Menosprezamos a intensidade da sua vida e as alegrias que poderíamos proporcionar-lhes com tanta facilidade (KORCZAK, 1986, p. 73).

Em suas obras, há diferentes momentos que refletem as injustiças sofridas pelas crianças. “Quando é papai quem derrama o chá, mamãe diz que não faz mal; quando sou eu, levo uma bronca” (KORCZAK, 1986, p. 87). Ou então, o sentimento de injustiça (e

constrangimento) sentido pelo garoto de *Quando Eu Voltar a Ser Criança* (1981) no momento em que é repreendido pelo diretor de forma bruta e grosseira diante das demais crianças da escola, como já mencionado no segundo capítulo deste trabalho. Ele, ao mesmo tempo em que se sente culpado, comparando-se a um criminoso, reflete sobre quem deveria ser mais cauteloso: ele, um garoto que ainda estava aprendendo a controlar as forças de seu corpo ou um experiente educador.

O Tribunal de Arbitragem teve grande importância no que diz respeito à reclamação de uma injustiça ou à realização de uma queixa, evidenciando a seriedade que os problemas das crianças mereciam. A função do Tribunal, bem como as concepções que fundamentaram a elaboração do Código eram a de disseminar o perdão, a compreensão, a bondade, a imparcialidade e a justiça. Segundo Gadotti (1998), a concepção de educação de Korczak compreende o conflito (inerente à convivência em conjunto) como algo que deve ser trabalhado e levado a sério de forma que este seja uma oportunidade para melhorar, aprender, avançar e construir um ambiente harmonioso em conjunto com as pessoas mais próximas.

Nesse sentido, Korczak reconheceu na educação um meio para a emancipação da criança e seus instrumentos educacionais (o quadro, a caixa de cartas, a vitrina dos objetos achados, a vassoura-escova, o comitê da tutela, as reuniões-debate, o jornal, o tribunal de arbitragem, o código do tribunal de arbitragem, o conselho jurídico e o parlamento) possibilitaram à criança o direito à educação, ao respeito, a ser quem ela é, a ser defendida, a aprender, a se desenvolver física e emocionalmente, a ser amparada, levada a sério, a ter voz para expressar sua opinião, desejos, reclamações.

4.1.2 O direito da criança à educação

Corroborando com os princípios educacionais de Korczak, o Princípio VII da Declaração de 1959 diz que a criança tem direito à educação gratuita e ao lazer infantil, e destaca que:

A criança tem direito a receber educação escolar, a qual será gratuita e obrigatória, ao menos nas etapas elementares. Dar-se-á à criança uma educação que favoreça sua cultura geral e lhe permita - em condições de igualdade de oportunidades - desenvolver suas aptidões e sua individualidade, seu senso de responsabilidade social e moral. Chegando a ser um membro útil à sociedade. O interesse superior da criança deverá ser o interesse dos pais daqueles que têm a responsabilidade por sua educação e orientação; tal responsabilidade incumbe, em primeira instância, a seus pais (Declaração Universal dos Direitos da Criança, 1959).

Importante ressaltar que, além do orfanato, as crianças frequentavam a escola, pois Korczak acreditava que essa experiência era de suma importância para elas, já que assim teriam a oportunidade de conviver com outras crianças cuja realidade era diferente da dos internos, e a troca de experiências ao conhecer essas crianças seria benéfica para eles. Além disso, a vida em comunidade propiciava às crianças a formação na luta contra as desigualdades sociais. Destaca-se, ainda, que tanto o orfanato quanto a escola eram instituições gratuitas.

4.1.3 O direito de brincar

Korczak também afirma que “as crianças têm necessidade de rir, correr, fazer uma porção de tolices” (KORCZAK, 1997, p. 228). Ela tem o direito de brincar e realizar todo e qualquer feito relativo ao mundo infantil. Direito assegurado ainda no Princípio VII da *Declaração Universal dos Direitos da Criança* (1959): “A criança deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras os quais deverão estar dirigidos para educação; a sociedade e as autoridades públicas se esforçarão para promover o exercício deste direito”.

Em *Como Amar uma Criança* (1997) Korczak comenta:

[...] penso que o primeiro e indiscutível direito da criança é aquele que lhe permite expressar livremente suas idéias e tomar parte ativa no debate concernente à apreciação da sua conduta e também na punição. Quando o respeito e a confiança que lhe devemos forem uma realidade, quando ela própria se tornar confiante, grande número de enigmas e de erros desaparecerão (KORCZAK, 1997, p. 68-9).

Korczak respeitava a criança como ela era, bem como sua individualidade e a sua condição humana. Apontou para a necessidade de compreendê-la e educá-la a partir do que ela é no presente, não pensando apenas no que ela será futuramente. Ele garantiu as crianças do orfanato, órfãs ou não, o direito ao afeto, a segurança, lutando por seu direito de viver o hoje, de brincar, de aprender, ser cuidado, amar e ser amado.

Nesse quadro, vimos que muitos dos ideais e das concepções de Korczak estão presentes na *Declaração Universal dos Direitos da Criança* (1959) assim como em diferentes espaços e ideais pedagógicos de outros educadores. Entre estes, destacamos aspectos e aproximações de tais ideais com a Pedagogia de Célestin Freinet, como será visto na próxima sessão.

4.2 POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES ENTRE ALGUMAS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS DE KORCZAK E A PEDAGOGIA FREINET

As concepções e ideais pedagógicos de Janusz Korczak estavam inseridas em um movimento de renovação educacional, que buscava romper com determinadas práticas conservadoras no campo educativo, centrada na figura autoritária do professor cujo papel era a transferência de conhecimentos e conteúdos que pouco ou nada se relacionavam à vida prática do educando, uma lógica de educação desprovida de conexões com a realidade social, cultural, econômica e histórica da criança. O trabalho do educador polonês dialoga com o de outros educadores que, assim como Korczak, visavam à autonomia dos educandos, respeitando a criança como e quem ela é, considerando e compreendendo sua singularidade e as especificidades do mundo infantil. Um dentre eles é Célestin Freinet, educador francês que tinha uma postura pedagógica muito semelhante a de Korczak, valorizando o trabalho coletivo e a criação por parte das crianças.

Trata-se de aproximações com o que Korczak acreditava ser a educação ideal, fomentadora da emancipação dos sujeitos, libertando as crianças do autoritarismo e despotismo do adulto. Essa concepção de educação aproxima-se de pressupostos a partir dos quais que Libâneo (1985) conceituou como Pedagogia Progressista em suas tendências libertadora e libertária de educação.

As versões libertadora e libertária têm em comum o antiautoritarismo, a valorização da experiência vívida como base da relação educativa e a idéia de autogestão pedagógica. Em função disso, dão mais valor ao processo de aprendizagem grupal (participação em discussões, assembléias, votações) do que aos conteúdos de ensino. Como decorrência, a prática educativa somente faz sentido numa prática social junto ao povo, razão pela qual preferem as modalidades de educação popular “não-formal” (LIBÂNEO, 1985, p. 9).

Há muitos estudiosos e educadores que se aproximam de tal ideário pedagógico e que são referências importantes na história da educação. Neste momento, destacamos Célestin Freinet, que nasceu no dia 15 de outubro de 1896, em um vilarejo chamado Gars, na região de Provença, sul da França. Freinet passou sua infância no campo, mantendo constante contato com a natureza e com o meio rural, sempre em meio às paisagens, envolvido com modo de produção artesanal e comportamentos e valores dos homens do campo do início do século. Freinet foi, inclusive, pastor de rebanhos.

Iniciou o Magistério na Escola Normal de Nice em 1914, no entanto, teve sua formação interrompida quando, naquele período, aos dezoito anos, participou dos combates

na Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918). Após um ano de combate, foi ferido gravemente nos pulmões devido aos gases tóxicos eliminados nos campos de batalha. Embora tenha buscado por terapias durante quatro anos, nunca se recuperou totalmente, pois ficaram sequelas irreversíveis à sua saúde, sobretudo ao seu sistema respiratório. Assim, diante da ineficácia de todas as terapias, aceitou sua condição assumindo a realidade de sua enfermidade (KANAMARU, 2014).

Suas próprias condições de vida influenciaram mais tarde a sua pedagogia. Com o intuito de promover uma reforma geral no ensino francês, Freinet reuniu suas experiências didáticas num sistema que denominou **Escola Moderna**, e desenvolveu algumas "técnicas" que fizeram parte de seu ideário pedagógico, entre elas: a **correspondência entre escolas** (para que os alunos tanto pudessem escrever como pudessem ser lidos), os **jornais de classe** (mural, falado e impresso), o **texto livre** (como uma forma de estímulo para que as crianças registrassem por escrito suas ideias, vivências e histórias), a **cooperativa escolar**, o **contato frequente com os pais** (para Freinet, a escola deveria ser extensão da família) e os **planos de trabalho**.

Entretanto, houve um caminho a ser percorrido até chegar à Escola Moderna. Segundo Rosa Maria Sampaio, em entrevista para o documentário “Coleção Grandes Educadores: Célestin Freinet³¹”, em 1920, Freinet começou a lecionar em uma casa cujas condições eram bastante precárias, na aldeia de Bar-sur-Loup, no sul da França. Como ainda era um professor inexperiente, compensava esta falta demonstrando profundo respeito pela criança. A partir dessa experiência, recomeçou os estudos sozinho, pautando-se em autores como Rousseau, Rabelais, Montaigne e Pestalozzi. Aprendia também através da sua atenta observação: todos os dias anotava o que ouvia dos alunos, registrava as observações, o comportamento, as dificuldades e os sucessos. Assim, foi descobrindo então, o universo das individualidades das crianças. Inquieto com as condições da escola na época, questionava a eficiência das normas rígidas, como por exemplo as filas, os horários e programas.

As experiências do dia a dia e suas observações levaram Freinet a perceber que o que interessava as crianças estava fora da sala de aula: os animais, a água do rio batendo nas pedras, a luz do sol, ou seja, o mundo externo e suas imensas possibilidades de descobertas e aprendizagens. Dentro da sala não havia nada que realmente motivasse as crianças, Freinet então sentiu a necessidade de mudar e logo surgiu a experiência da **aula-passeio**. A princípio,

³¹ Direção de Paulo Aspis. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J_KfzThlbmU>. Acesso em: outubro, 2018.

a aula-passeio consistia em um passeio informal com as crianças, no entanto, a partir destas experiências, Freinet percebeu que esses passeios permitiam às crianças novas descobertas, promovendo situações inesperadas, engraçadas e, por vezes, difíceis de entender. Ele também notou que à medida que saíam nesses passeios, a relação professor-aluno era mudada, sendo estabelecido um novo tipo de relação, pois durante as aulas-passeio as crianças agiam e interagiam com o professor, criando um vínculo afetivo entre eles. Essa mudança foi uma grande contribuição da pedagogia Freinet, pois sua proposta mudou a relação do professor-aluno, visto que antes o professor falava em um estrado posicionado à frente da sala de aula, enquanto as crianças, sentadas, apenas o ouviam.

Sampaio relata ainda que na aula-passeio, quando retornavam à sala de aula, as crianças traziam consigo uma grande diversidade de objetos encontrados durante o trajeto, e deveriam então registrar este momento da aula-passeio através de um texto escrito. Em seguida, dava-se início na leitura obrigatória do livro de sala de aula, no entanto, Freinet percebeu que neste momento todo o encanto que envolvia as crianças, proveniente da aula-passeio, simplesmente desaparecia. A leitura não tinha para elas um significado real e, portanto, para as crianças era algo desagradável de se fazer. Freinet sentiu que precisava buscar uma nova técnica de aprendizagem da leitura, já que as leituras obrigatórias não tinham relação com a realidade das crianças, não surtindo nelas nenhum interesse.

Na busca por uma técnica de aprendizagem que despertasse na criança o interesse pela leitura e escrita, Freinet trouxe para a sala de aula uma impressora artesanal. A chegada deste instrumento na sala foi uma surpresa que fomentou a curiosidade e o interesse das crianças. Elas podiam escrever frases colocando-as em umas caixinhas que o próprio Freinet inventou, ajustá-las a máquina e então imprimir-las. As crianças se maravilhavam com as impressões, com os textos que dali saíam. A ideia era que o escrito da criança fosse para algum lugar, que tivesse um destinatário, e não simplesmente limitar-se ao caderno guardando-o na gaveta. Assim, a escrita teria um sentido e significado para a criança, e assim nascia a proposta do **texto livre**.

Para que os textos atingissem outros interlocutores além dos alunos, Freinet teve a ideia de enviá-los também aos pais, mas não apenas textos soltos. Ele teve a ideia de juntar o material, semanalmente ou mensalmente, construindo um **jornal** para depois enviá-lo às famílias. Essa iniciativa foi tomando proporções maiores e as crianças começaram a preparar os jornais e levar para a família ler. Freinet então expandiu a distribuição do jornal para além da família, enviando-os também para outras pessoas. Nesse período, ele começou a escrever

artigos de educação sobre a imprensa na classe. Vários professores ficaram entusiasmados com a ideia de utilizar a imprensa na sala de aula e começaram também a fazê-lo.

Couto (2015) comenta que tanto Freinet na França quanto Korczak na Polônia imprimiram seus jornais em uma época, começo do século, em que muitos educadores encontravam incontáveis dificuldades materiais e políticas para executar projetos como este.

Em 1927, Freinet participou do Congresso de Tours, evento que segundo Èlise Freinet³² (1979, p. 30) reuniu “educadores apaixonados por seu ofício (que) levavam seus trabalhos e seu entusiasmo, demonstravam que a livre expressão da criança encontrava-se na origem de uma inversão de conceito de educação”. Nessa ocasião, Freinet apresentou através do **texto livre** sua pedagogia para o mundo. O educador levou seus alunos e apresentou toda a coleta de materiais, advindas da impressão de textos e registros de desenhos. Segundo Amorim, Castro e Silva (2012), o texto livre representa o eixo que possibilita a aprendizagem, a qual se consolida intrinsecamente na atuação do princípio da livre expressão. A livre expressão em Freinet, por sua vez, representa um dos pilares da sua pedagogia em que

a criança é capaz de expressar seus sentimentos, emoções, pensamentos, conhecimentos prévios através de uma aprendizagem real e significativa. Quando a criança sente segurança e confiança no ambiente em que esta inserida, torna-se possível o crescimento e o desenvolvimento de suas potencialidades e de sua autoconfiança (AMORIM; CASTRO; SILVA, 2012, p. 8).

O Livro da Vida, uma das “técnicas” da pedagogia freinetiana, consiste em uma forma de registro da livre expressão. Em um caderno, os alunos registravam suas impressões, sentimentos, pensamentos diversos, resultando em um registro de todo o ano escolar. Semelhante a um diário de classe, o registro da livre expressão aparecia em forma de texto, desenho, pintura. Segundo Souza (1996, p. 8), “o livro da vida é um meio de incentivar na criança o gosto e o desejo de escrever, uma vez que nele está expresso o que ela disse, fez, viveu e compreendeu”.

Em sua entrevista para o documentário sobre Freinet mencionado anteriormente, Sampaio comenta que certa vez um professor do norte da França produziu um jornal com sua turma e, sem saber o que fazer, é aconselhado a enviá-lo ao professor que foi precursor desta ideia: Freinet. Ele então recebe este jornal, enviado dentro de um envelope, mostrando-o para as crianças de sua turma. Uma delas lê um dos textos do jornal, e ao findar da leitura, Freinet questionou o que então, neste momento, eles poderiam fazer. Prontamente, um dos garotos

³² Esposa de Célestin Freinet.

respondeu que deveriam responder a esses alunos do norte da França, “vamos fazer um texto e mandar para eles”. Tem início a **correspondência interescolar**.

Através da correspondência interescolar, atividade cooperativa de estreitamento das relações humanas, é possível aos alunos socializarem informações, conhecimentos, experiências. Atividade amplamente utilizada por Freinet, permitiu aos alunos se comunicarem com outros estudantes de escolas diferentes, que também propicia à criança a aprendizagem da vida cooperativa. Primeiramente os professores faziam a comunicação entre si para, posteriormente, organizar a forma que se daria a correspondência: cartas, textos, fitas, desenhos.

A pedagogia de Freinet circula entre o individual e o coletivo, procurando desenvolver ao máximo o senso cooperativo, destaca Kanamaru (2014). A ideia do cooperativismo nas práticas pedagógicas de Freinet, segundo o autor, estaria ligada às relações didáticas entre educadores e educandos num esforço para alcançar a construção de uma real autonomia. Sendo assim,

consequentemente essa relação se estendeu mutuamente entre educadores. Nesse ponto, observamos a principal consequência humana, teórica, política e social da moderna pedagogia do trabalho freinetiano. A única relação social possível para essa pedagogia da autonomia radical, portanto, corresponde ao *cooperativismo*, para a produção social da livre relação de trabalho entre pares (KANAMARU, 2015, p. 10).

Sampaio ainda relata na entrevista do referido documentário, que quando essas correspondências precisavam ser enviadas, era necessário analisar algumas demandas, como por exemplo, a compra do envelope, dos selos e a postagem. Para que pudessem administrar essas demandas, Freinet propunha que tais assuntos fossem discutidos em grupos para melhor organizá-las. No entanto, durante essas conversas, ele notou outras demandas para além da correspondência, e tudo que fosse pertinente a ela, tornavam-se pauta de discussão. Foi quando Freinet teve a ideia de colocar na parede da sala de aula um quadro com três envelopes e para cada um deles havia uma das seguintes frases: *eu proponho*, *eu critico* e *eu felicito*, que ele denominou **jornal mural**. Durante a semana, as crianças iam preenchendo os envelopes com suas propostas, críticas e felicitações. No final da semana, realizava-se uma reunião de cooperativa, um momento considerado solene por Freinet, uma espécie de assembleia que ocorria na sala de aula e que havia sido previamente bem organizada para este momento. Em seguida, era realizada a leitura de tudo o que havia sido depositado nos

envelopes e, para tanto, era eleito um coordenador e redator, que juntamente com o professor dirigia a reunião.

Estas reuniões de cooperativa, ou assembleias, eram práticas educativas que proporcionavam aos alunos a oportunidade de discutir juntos acerca de atitudes que deveriam ser tomadas, regras que deveriam ser seguidas ou criadas, enfim, toda sorte de decisão coletiva. Consistiu em um instrumento que possibilitou aos alunos manifestarem suas opiniões, suas ideias, exprimindo-se conforme seu desejo e necessidade, exercitando a prática da democracia. Era preciso esperar o momento de falar, ouvir os outros, saber respeitar as opiniões alheias, e sempre que surgiam conflitos, saber resolvê-los **coletivamente**.

Freinet não operava didática e pedagogicamente a partir de ideias puras, mas, consciente das relações materiais concretas de produção, sistematizou o uso e a apropriação coletiva das técnicas em torno da imprensa escolar e de outras novas mídias daquele contexto. Essa medida, além de oferecer as condições objetivas concretas para a produção dessas relações didáticas, gerava principalmente as *condições reais de autonomia, livre trabalho e livre expressão* de educandos e também de educadores (KANAMARU, 2014, p. 11).

Diante do exposto, tanto Korczak, na Polônia, como Freinet, na França, acreditaram e investiram em uma educação que contemplasse o respeito à criança, ao direito de ser ela mesma e à sua emancipação. Freinet desenvolveu técnicas pedagógicas que condiziam com a realidade de suas crianças, gerando novas descobertas e novos aprendizados. A escola moderna de Freinet se baseou na livre expressão e no trabalho cooperado, a partir de técnicas concretas e da relação de ensino e aprendizagem aberta no vilarejo em torno da escola.

É possível considerar que as concepções pedagógicas de ambos os autores aproximam-se em diferentes aspectos, como vimos aqui. O jornal escolar, a assembleia, o texto livre e a aula-passeio, bem como a livre expressão, cooperação, relação educador-educando e a autogestão. Assim como Korczak, Freinet buscou através de seu fazer pedagógico dar voz às crianças³³ para expressarem-se, reclamarem seus direitos, exercerem a democracia e alcançar a emancipação. Trata-se de concepções ainda hoje atuais, e que têm sido aplicadas em nossas escolas com diversos objetivos, embora nem sempre se saiba sua origem. Segundo Kanamaru (2014) é preciso objetivar a construção de uma escola cujo trabalho é cooperado e popular, qualificada por Freinet como moderna e do futuro, mas, também, risonha e franca.

³³ Trata-se de dar voz à criança numa perspectiva de que elas tenham direito à fala e que sejam respeitadas, o que se aproxima da concepção evidenciada na Sociologia da Infância e na Antropologia da Criança que critica a ideia de que os adultos estão dando voz às crianças, uma vez que elas já têm voz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por finalidade analisar as concepções de criança e educação em Korczak, elencando algumas contribuições para a infância e a educação. A vida e a obra do autor fundamentam seu posterior reconhecimento público, marcando-o como precursor dos direitos da criança.

Para tanto, foram analisados aspectos biográficos de Korczak, inseridos em um determinado período histórico que foi decisivo no que concerne à sua trajetória de vida e obras. Trata-se de aspectos imprescindíveis para situar a reflexão teórica no contexto de sua experiência como educador.

Vimos que embora proveniente de família abastada, desde cedo Korczak mantinha uma atenção e preocupação às crianças com menos condições materiais. Quando criança, achava o modo como as crianças pobres de sua comunidade levavam a vida – brincando na rua com pés descalços, correndo o tempo todo e bebendo água da nascente –, mais interessante que o seu, dentro de uma casa, que embora fosse confortável, era impedido de deixá-la para brincar livremente com as demais crianças. Foi um jovem aficionado por literatura e um crítico da educação de sua época. Teve professores autoritários e punitivos que, inclusive, infringiam o castigo físico nos alunos. No entanto, tal experiência não o influenciou negativamente em sua prática educativa, ao contrário, ele disseminou o respeito, o amor e a compreensão acerca da realidade do educando e de suas necessidades.

Antes mesmo de cursar medicina ou especializar-se em educação, o jovem Korczak já dava pistas do grande educador que um dia seria, quando passou a dar aulas particulares aos filhos de famílias financeiramente confortáveis, situação em que o faz perceber o quanto estava ligado às crianças e ao ato de educar. Após graduar-se em medicina, exerceu a profissão por um considerável período, trabalhando em hospitais infantis judaicos e nas guerras. Presenciou o infortúnio vivido pelas crianças pobres judias e o quanto lhes eram negados seus direitos que, embora naquela época ainda não fossem registrados nos marcos legais, Korczak já reconhecia à criança o direito de portá-los.

Viveu em um período marcado por conflitos, guerras, preconceito e destruição. Não aceitou a condição em que ele e os judeus foram submetidos, principalmente as crianças, que por sua vulnerabilidade sofriam mais. Korczak, dando continuidade à luta de seus ascendentes

– bisavô, avô e pai – batalhou pela tentativa de amenizar as tensões e conflitos que os judeus sofriam na sociedade polonesa. Seu envolvimento com a causa judaica, principalmente em favor das crianças e da educação, levou-o, juntamente com outros colaboradores igualmente preocupados com a educação e a situação das crianças pobres judias, a construir um orfanato modelo, o “Lar das Crianças”, que ficou amplamente conhecido justamente devido aos “métodos” pedagógicos lá aplicados.

A premissa deste local se pautava no respeito à criança, à justiça e à democracia. Korczak e Stefa dedicaram suas vidas ao orfanato, educando e cuidando de seus internos. Importante ressaltar que a dimensão do cuidado também estava presente no Lar. Alimentação (distribuída em diferentes refeições ao longo do dia), higiene pessoal (o que inclui banhos, uso de roupas limpas e adequadas, limpeza das mãos e escovação) e cuidados com a saúde faziam parte da rotina do Lar e não estavam dissociadas da dimensão do educar. Por vezes, segundo Wassertzug (1983), o próprio Korczak cuidava do banho das crianças na intenção de se certificar de que estariam devidamente limpas e bem cuidadas. Em seguida, acompanhava as crianças ao dormitório para desejar-lhes boa noite e, ainda durante a madrugada, dirigia-se novamente aos dormitórios para verificar se todas dormiam bem.

Korczak compreendeu a dimensão humana e que ela é multifacetada. Reconheceu desde as necessidades fisiológicas, aspectos que o próprio corpo da criança possa apresentar, até as condições psicológicas e emocionais dela, compreendendo-as e respeitando-as dentro das especificidades de cada criança.

Vimos também como Korczak conhece bem a criança, desde seu desenvolvimento físico até emocional. Sua formação em medicina pediátrica indubitavelmente contribuiu para seu conhecimento acerca da saúde da criança, seu desenvolvimento e necessidades em cada etapa. O amor que desde bem jovem já sentia pelas crianças, sua experiência como professor particular, como médico no hospital infantil judaico, como educador nas colônias de férias e sua trajetória de vida guiaram-no a um elevado nível de conhecimento acerca da criança e da infância. Korczak descrevia a criança real, sem grandes exaltações à pureza e à ingenuidade.

A criança nem sempre está feliz, por vezes ela mente, podendo, inclusive, cometer certos delitos como o roubo. Reconhece certas “pirraças” que algumas crianças dirigem aos adultos, aos educadores, como a desobediência de regras rotineiras que, dado o número de ocorrências destas, tornam-se momentos penosos para o educador. Ainda assim, mesmo diante de situações penosas e das “crianças difíceis” como ele relatou, o educador deve agir com respeito e justiça, não permitindo que estes momentos afetem seu sentimento e relacionamento para com a criança, cuja base é o amor.

Alguns títulos de suas obras, como por exemplo, *Como amar uma criança*, *Quando Eu Voltar a Ser Criança* e *O Direito da Criança ao Respeito*, denotam pistas e sinais de procedimentos que Korczak julgava ser necessário para que conhecêssemos e tratássemos de um modo melhor nossas crianças, libertando-a do despotismo do adulto. Para amar uma criança é preciso “voltar a ser criança”, e para voltar a ser criança só podemos contar com a recordação – é necessário lembrar como nos sentíamos naquela época, como era nosso pensamento naquela idade. Marangon (2007, p. 184) afirma que “quando formos capazes de voltar a ser criança, saberemos amar a infância como condição coletiva. Reconheceremos, sobretudo, que a criança pequena tem direito ao respeito”.

Em *Como Amar uma Criança* Korczak demonstra seu profundo conhecimento acerca do universo infantil e da criança em si. Aconselha as famílias, especialmente as mães, buscando despertar um olhar atento para os desejos, emoções e sentimentos da criança, de forma a não limitá-lo apenas ao estado físico dela. Ele também, durante diversos momentos da obra, aconselha os educadores, através do compartilhamento de suas experiências, seus sucessos e fracassos. Afirma que a criança é um sujeito que possui singularidades, cabe ao adulto respeitar seu direito de ser quem ela é, compreender suas atitudes buscando agir com justiça e sabedoria. Isso, no entanto, não significa deixar a criança entregue às suas próprias vontades. Acerca disso, Korczak faz diversos alertas, afirmando que amar significa, por vezes, determinar certos limites, ajudar a criança a encontrar seu caminho, mesmo que para isso tenha que permiti-la errar, pois para ele, a partir de seus erros a criança seria capaz de reconhecer e repensar sua atitude, melhorando-a.

Quando Eu Voltar a Ser Criança nos mostra como a infância pode ser cheia de momentos de penúrias. Mostra-nos, ainda, a disparidade entre o tratamento dirigido ao adulto e à criança. O diálogo entre a mente do personagem adulto e do menino denuncia as injustiças cometidas arbitrariamente mas que, na visão do adulto, é considerada uma atitude normal, corriqueira e, por vezes, correta. Este diálogo também nos permite ver como a criança encara as coisas simples do mundo: tudo lhe parece interessante, desperta-lhe a curiosidade, vontades e desejos que surgem inexplicavelmente, sejam eles o de correr, rolar no chão ou adotar um animalzinho encontrado na rua.

Deste modo, a partir do estudo das obras acima mencionadas, foi possível conhecer e discutir aspectos do pensamento de Korczak sobre a criança e alguns princípios/propostas educativas que inspiraram diversos educadores na história da educação. Ao longo deste trabalho, buscamos refletir sobre não apenas o tratamento dado à criança em Korczak, mas

também a perguntar sobre como nos dirigimos às crianças e a forma como outras pessoas também o fazem.

Quantos de nós pusemos a público um episódio de uma criança mal tratada do qual fomos testemunha? É possível que cada um nós tenha algum dia presenciado uma situação em que um adulto constrangeu uma criança, seja gritando grosseiramente, colocando-a fortemente sentado na cadeira, ou pegando-a pelo colarinho dando-lhe uma chacoalhada como fez o diretor com o personagem menino. O que fizemos diante dessas situações, sabendo que em algum nível os direitos e a dignidade da criança estavam sendo infringidos? Fica a reflexão...

Ao analisar a concepção de educação de Korczak vimos que ao pensar em estratégias pedagógicas, sua premissa era romper com os padrões tradicionais de educação centrados na autoridade do professor, o que lhe conferia, por vezes, um posicionamento autoritário diante do aluno. Seu ideal de educação estaria baseado no respeito à humanidade da criança, na compreensão de sua singularidade e no amor a ela. Nesse sentido, destacamos como suas propostas contribuíram para promover a democracia e a justiça naquele ambiente. As crianças também puderam sentir que seus problemas tinham relevância e que elas tinham o direito de requerer um retratamento a depender do caso. Aprenderam a perdoar e a ponderar cada caso. Como por exemplo, com o Tribunal de Arbitragem, em que as crianças puderam criar um Código que permitiu que pudessem, a partir do que estava definido em seus artigos, estabelecer uma “outra ordem” dentro do Lar.

Como vimos, a princípio as novas regras não foram bem aceitas pelos internos, mas paulatinamente, juntamente ao esforço de Korczak, Stefa e demais educadores, as crianças puderam compreender a função destes instrumentos no cotidiano do Lar e respeitá-los. Com a consolidação do Tribunal, do Código de Arbitragem e do Parlamento foi possível instaurar a autogestão no Lar das Crianças. A partir da autogestão foi possível criar um ambiente em que as crianças eram responsáveis por assuntos que envolviam tanto a administração como a convivência interior no geral. Dessa forma, foi possível fomentar a autonomia do pensamento, tomada de atitudes e decisões bem como a responsabilidade por quaisquer que sejam seus atos, formando sujeitos capazes de pensar por si mesmos sem ficar a mercê do autoritarismo do adulto, e livres com a oportunidade de aprender e viver novas descobertas que são inerentes ao mundo infantil.

Além de grande educador, Korczak também foi considerado o precursor dos direitos da criança. Vimos que antes mesmo que fosse criado algum documento oficial que registrasse

seu direito, ele já proclamava e lutava para que a criança fosse um sujeito detentor de direitos e, mais do que isso, tivesse-os garantidos.

Em 1924, com a Declaração de Genebra, alguns direitos da criança foram anunciados, no entanto, Korczak não concordava que se tratavam de direitos, pois considerava o tom da Declaração um pedido e não uma exigência, pois para ele o direito deve ser exigido e não solicitado. Quando transferidos para o Gueto de Varsóvia, Korczak saía pelas ruas a **exigir** recursos e suprimentos para suas crianças, buscava por aquilo que por direito deveria pertencer às crianças. Levou sua luta até as últimas consequências, assim, suas obras e trajetória inspiraram a proclamação da *Declaração Universal dos Direitos das Crianças*, em 1959, num cenário caótico pós-guerra, ainda sujo com os rastros do antissemitismo que levaram Korczak e suas duzentas crianças ao campo de concentração em Treblinka. A luta pelos direitos das crianças, no entanto, permanecem até hoje pois, embora registrados nos marcos legais, o caminho para a plena garantia deles ainda é longo.

Nas aproximações entre as concepções pedagógicas de Korczak e Freinet, vimos que ambos os educadores incentivaram o trabalho colaborativo, a autonomia do pensamento, além de demonstrar profundo respeito pela criança e consideração pela sua causa. As assembleias do Tribunal de Arbitragem de Korczak e as reuniões de cooperativa para a leitura do jornal de parede de Freinet demonstraram a valorização das crianças e suas particularidades, permitindo que elas, além de ouvidas, tivessem seus problemas compreendidos e solucionados. Assim, era possível fomentar uma postura reguladora de atitudes e comportamentos que, a partir do que havia coletivamente sido decidido, passava a ser seguida. Porém, mais do que meramente seguir uma regra, estes instrumentos possibilitaram as crianças serem responsáveis por suas escolhas e decisões, e assim buscarem a justiça, a ordem, a harmonia e a democracia, sejam elas no Lar das Crianças ou na escola de Freinet.

Korczak e Freinet acreditavam numa relação horizontal entre professor e aluno, em que era preciso conquistar a confiança da criança, criando com ela um vínculo afetivo, pois desta forma a relação ensino-aprendizagem aconteceria de forma significativa para o educando. Eles também valorizaram a livre expressão, em que a criança tem o direito de expressar suas emoções, sentimentos, desejos como acreditar pertinente. Freinet fomentou esta expressão através do texto livre, desenhos, pinturas ou daquilo que a criança pudesse criar e do jornal escolar que também fez parte das “técnicas” pedagógicas dos educadores. Enquanto Korczak o utiliza dentro da própria instituição, Freinet o envia as famílias e depois para outras escolas. Ambos são redigidos pelas crianças, incentivam o interesse pela leitura e escrita, exercitam a prática da alfabetização e letramento, bem como a integração, no caso do

jornal de Freinet, com outras realidades. Korczak sugere, ainda, que cursos de jornalismo pedagógico, um dia futuramente, sejam inseridos em programas de ensino nas escolas para professores (KORCZAK, 1997).

É possível, ainda, encontrar outras relações dos ideais de educação de Korczak, como por exemplo, Paulo Freire que fala sobre a autonomia como uma forma de libertação e a Escola da Ponte, em Portugal, que também adota o modelo de autogestão. Certamente há muitos outros educadores que poderiam ainda ser pesquisados, dando continuidade neste ou originando um novo trabalho.

Analisando as contribuições que Korczak deixou para a educação, penso na relevância que estudar este autor durante um curso de formação de professores pode ter, enriquecendo a prática pedagógica do futuro docente. Devido a minha formação inicial em Letras: Português e Inglês, hoje sou professora de Inglês em uma turma de 5º ano. Assim que dei início em minha pesquisa sobre Korczak, minha percepção acerca das crianças começou a mudar. Não apenas a respeito delas, mas em como conduzia minhas aulas também. Passei a integrá-las nas tomadas de decisões, ouvi-as e juntos tentamos solucionar problemas e conflitos, respeitar a criança e seu momento, muitas de vezes, de querer se calar e ficar sozinha. Considero o que elas gostariam de aprender e como gostariam que isso fosse feito, penso ainda, inclusive, em um dia criar um Tribunal de Arbitragem com um Código redigido por nós. Planos para o ano seguinte...

Esta pesquisa também me instigou a refletir se em alguma instituição da rede pública de Florianópolis há professores que adotaram em suas turmas instrumentos pedagógicos que se aproximam daqueles utilizados por Korczak. Este pode ser o ponto de partida para, quem sabe, uma próxima pesquisa.

Afinal, Korczak inspirou e continua a inspirar as reflexões acerca da criança, da infância e da educação e merece lugar de destaque na literatura em língua portuguesa na categoria dos grandes educadores. No entanto, embora tenha dedicado a vida à educação e suas obras serem um referencial no que concerne à relação pedagógica pautada na participação da criança, no reconhecimento de suas potencialidades e de seus direitos, Korczak ainda não se destaca entre os grandes intelectuais da educação e seus ideais educativos também, ainda, não se encontram dentre os grandes clássicos da pedagogia.

Por fim, consideramos que este trabalho procurou trazer para mais perto de nosso curso o pensamento de um educador cujas concepções de criança, infância e educação muito podem contribuir para nossa formação e prática docente. Korczak foi capaz, através de sua perspicácia e sensibilidade, penetrar no universo infantil verdadeira e afetosamente, sendo

capaz de percebê-lo a partir do ponto de vista da criança. Que sua vida e obra possa inspirar outros educadores a lutar pelos direitos das crianças e sua garantia, de modo a fomentar uma educação emancipadora que respeite a humanidade delas e, acima de tudo, que todos possamos com ele aprender a amar uma criança.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Prefácio. In: KORCZAK, Janusz. **Como amar uma criança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 7-10.

AMORIM, Giovana Carla Cardoso; CASTRO, Alexandra Maia Nolasco de; SILVA, Micaela Ferreira dos Santos. **Teorias e Práticas de Cèlestin Freinet e Paulo Freire**. IV FIPED, Fórum Internacional de Pedagogia. Campina Grande: Realize. 2012.

BELINKY, Tatiana. Prefácio. In: KORCZAK, Janusz. **Quando eu voltar a ser criança**. São Paulo: Summus Ed., 1981. p. 9-10.

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

CASTILHO, Carlos; WAACK, William. **Polônia: os 500 dias que abalaram o socialismo**. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.

COMPARATO, Fábio Konder. **A afirmação Histórica dos Direitos Humanos**. São Paulo: Saraiva, 2001.

COUTO, José Claudio Diniz. **Aplicação do Jornalismo Escolar como prática criança: uma vida entre obras**. São Paulo: Unesp, 2007.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Memória de barbárie: a história do genocídio dos judeus na Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Nova Estella, EDUSP, 1990.

COUTO, José Claudio Diniz. **Aplicação do Jornalismo Escolar como prática docente no Ensino Fundamental**. Convent Internacional 18 mai-ago 2015. Cemoroc-Feusp / IJI - Universidade do Porto. Disponível em: <http://www.hottopos.com/convenit18/33-38JCDiniz.pdf> Acesso em: out. 2018.

Declaração de Genebra de 1942. Disponível em: <http://ultimato.com.br/sites/maosdadas/2013/01/22/a-historia-da-heroina-que-criou-a-declaracao-dos-direitos-da-crianca/> Acesso em: nov. 2018.

FREINET, Élise. **O itinerário de Cèlestin Freinet**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A. 1979.

GADOTTI, Moacir. **Janusz Korczak precursor dos direitos da criança**. The Sixth International Janusz Korczak Conference, 1998. Disponível em: <http://www.comitepaz.org.br/download/Janusz%20Korczak%20-%20Moacir%20Gadotti.pdf> Acesso em set. 2018.

GONÇALVES, Gisele. **A criança como sujeito de direitos: um panorama da produção acadêmica brasileira (1987–2013)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

GRZYBOWSKI, Przemysław Paweł. **Janusz Korczak: como amar o mundo**. 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/299857783_Introducao_Janusz_Korczak_-_como_amar_no_mundo Acesso em: set. 2018.

KANAMARU, Antonio Takao. Autonomia, cooperativismo e autogestão em Freinet: fundamentos de uma pedagogia solidária internacional. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 3, fev. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/86274> Acesso em: out. 2018.

KORCZAK, Janusz. **Como amar uma criança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KORCZAK, Janusz. **Diário do Gueto**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

KORCZAK, Janusz. **O direito da criança ao respeito**. São Paulo: Summus, 1986.

KORCZAK, Janusz. **Quando eu voltar a ser criança**. São Paulo: Summus Ed., 1981.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1985.

MARANGON, Ana Carolina Rodrigues. **Janusz Korczak, precursor dos direitos da criança: uma vida entre obras**. São Paulo: Unesp, 2007.

MARCÍLIO, Maria Luiza. A lenta construção dos direitos da criança brasileira: século XX. **Revista da USP**. São Paulo, v. 37, p. 46-57, mar./maio 1998.

MIRANDA, Sandra Julien. **Criança e adolescente: direito a direitos**. São Paulo: Rideel, 1999.

MONTEIRO, Ligia. **Educação e direitos da criança: perspectiva histórica e desafios pedagógicos**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho. Minho, 2006.

ONU. **Declaração dos Direitos da Criança**. Adotada pela Assembléia das Nações Unidas de 20 de novembro de 1959. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Crian%C3%A7a/declaracao-dos-direitos-da-crianca.html> Acesso em: out. 2018.

PEROZA, Marilúcia Antônia de Resende. Infância, educação e dignidade humana: considerações sobre os processos educativos da criança. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 13, n. 1, p. 48-66, jan./abr. 2018.

ROSEMBERG, Fúlvia; MARIANO, Carmem Lúcia Sussel. A convenção internacional sobre os direitos da criança: debates e tensões. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.141, set./dez. 2010.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker. Coleção Grandes Educadores: Cèlerin Freinet. **Youtube**. 2006. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=J_KfzThlbmU Acesso em: out. 2018.

SARUE, Sarita Mucinic. **Janusz Korczak diante do sionismo**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

SINGER, Helena. **República de crianças**: uma investigação sobre experiências escolares de resistência. São Paulo: Hucitec, 1997.

SOUZA, Djanira Brasilino de. **A pedagogia Freinet nas séries iniciais do 1º grau: algumas sugestões de organização do trabalho pedagógico**. Caderno nº 3, Natal: EDUFRRN, 1996.

SZPICZKOWSKI, Ana. **Janusz Korczak: uma abordagem educacional**. 2008. Disponível em: http://diversitas.fflch.usp.br/files/active/0/Aula_6.pdf Acesso em: ago. 2018.

WASSERTZUG, Zalman. **Janusz Korczak mestre e mártir**. São Paulo: Summus. 1983.

ANEXO I

Declaração de Genebra de 1924

Texto da primeira declaração de direitos da criança redigido por Eglantyne Jebb:

À criança deve ser concedido os meios necessários para o seu desenvolvimento normal, tanto material como espiritual.

À criança que tem fome deve ser alimentada, a criança que está doente deve receber os cuidados de saúde necessários, a criança que está atrasada deve ser ajudada, a criança delinquente deve ser recuperada, e o órfão e a criança abandonada deve ser protegida e abrigada.

A criança deve ser a primeira a receber o socorro em tempos de crise ou emergência.

À criança deve ser dados todas as ferramentas para que ela se torne capaz de sustentar-se, e deve ser protegida contra toda forma de exploração.

A criança deve ser criada na consciência de que seus talentos devem ser colocados a serviço de seus semelhantes.

ANEXO II

Declaração Universal dos Direitos da Criança de 1959

Adotada pela Assembleia das Nações Unidas de 20 de novembro de 1959 e ratificada pelo Brasil; através do art. 84, inciso XXI, da Constituição, e tendo em vista o disposto nos artigos 1º da Lei nº 91, de 28 de agosto de 1935, e 1º do Decreto nº 50.517, de 2 de maio de 1961.

PREÂMBULO

Considerando que os povos da Nações Unidas, na Carta, reafirmaram sua fé nos direitos humanos fundamentais, na dignidade e no valor do ser humano, e resolveram promover o progresso social e melhores condições de vida dentro de uma liberdade mais ampla.

Considerando que as Nações Unidas, na Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamaram que todo homem tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades nela estabelecidos, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião,

opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição.

Considerando que a criança, em decorrência de sua imaturidade física e mental, precisa de proteção e cuidados especiais, inclusive proteção legal apropriada, antes e depois do nascimento.

Considerando que a necessidade de tal proteção foi enunciada na Declaração dos Direitos da Criança em Genebra, de 1924, e reconhecida na Declaração Universal dos Direitos Humanos e nos estatutos das agências especializadas e organizações internacionais interessadas no bem-estar da criança.

Considerando que a humanidade deve à criança o melhor de seus esforços.

Assim,

A Assembleia Geral,

Proclama esta Declaração dos Direitos da Criança, visando que a criança tenha uma infância feliz e possa gozar, em seu próprio benefício e no da sociedade, os direitos e as liberdades aqui enunciados e apela a que os pais, os homens e as mulheres em sua qualidade de indivíduos, e as organizações voluntárias, as autoridades locais e os Governos nacionais reconheçam estes direitos e se empenhem pela sua observância mediante medidas legislativas e de outra natureza, progressivamente instituídas, de conformidade com os seguintes princípios:

Princípio 1

A criança gozará todos os direitos enunciados nesta Declaração. Todas as crianças, absolutamente sem qualquer exceção, serão credoras destes direitos, sem distinção ou discriminação por motivo de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição, quer sua ou de sua família.

Princípio 2

A criança gozará proteção social e ser-lhe-ão proporcionadas oportunidades e facilidades, por lei e por outros meios, a fim de lhe facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, de forma sadia e normal e em condições de liberdade e dignidade. Na instituição das leis visando este objetivo levar-se-ão em conta sobretudo, os melhores interesses da criança.

Princípio 3

Desde o nascimento, toda criança terá direito a um nome e a uma nacionalidade.

Princípio 4

A criança gozará os benefícios da previdência social. Terá direito a crescer e criar-se com saúde; para isto, tanto à criança como à mãe, serão proporcionados cuidados e proteções especiais, inclusive adequados cuidados pré e pós-natais. A criança terá direito a alimentação, recreação e assistência médica adequadas.

Princípio 5

À crianças incapacitadas física, mental ou socialmente serão proporcionados o tratamento, a educação e os cuidados especiais exigidos pela sua condição peculiar.

Princípio 6

Para o desenvolvimento completo e harmonioso de sua personalidade, a criança precisa de amor e compreensão. Criar-se-á, sempre que possível, aos cuidados e sob a responsabilidade dos pais e, em qualquer hipótese, num ambiente de afeto e de segurança moral e material, salvo circunstâncias excepcionais, a criança da tenra idade não será apartada da mãe. À sociedade e às autoridades públicas caberá a obrigação de propiciar cuidados especiais às crianças sem família e àquelas que carecem de meios adequados de subsistência. É desejável a prestação de ajuda oficial e de outra natureza em prol da manutenção dos filhos de famílias numerosas.

Princípio 7

A criança terá direito a receber educação, que será gratuita e compulsória pelo menos no grau primário. Ser-lhe-á propiciada uma educação capaz de promover a sua cultura geral e capacitá-la a, em condições de iguais oportunidades, desenvolver as suas aptidões, sua capacidade de emitir juízo e seu senso de responsabilidade moral e social, e a tornar-se um membro útil da sociedade.

Os melhores interesses da criança serão a diretriz a nortear os responsáveis pela sua educação e orientação; esta responsabilidade cabe, em primeiro lugar, aos pais.

A criança terá ampla oportunidade para brincar e divertir-se, visando os propósitos mesmos da sua educação; a sociedade e as autoridades públicas empenhar-se-ão em promover o gozo deste direito.

Princípio 8

A criança figurará, em quaisquer circunstâncias, entre os primeiros a receber proteção e socorro.

Princípio 9

A criança gozará de proteção contra quaisquer formas de negligência, crueldade e exploração. Não será jamais objeto de tráfico, sob qualquer forma.

Não será permitido à criança empregar-se antes da idade mínima conveniente; de nenhuma forma será levada a ou ser-lhe-á permitido empenhar-se em qualquer ocupação ou emprego que lhe prejudique a saúde ou a educação ou que interfira em seu desenvolvimento físico, mental ou moral.

Princípio 10

A criança gozará de proteção contra atos que possam suscitar discriminação racial, religiosa ou de qualquer outra natureza. Criar-se-á num ambiente de compreensão, de tolerância, de amizade entre os povos, de paz e de fraternidade universal e em plena consciência que seu esforço e aptidão devem ser postos a serviço de seus semelhantes.